

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
NÍVEL MESTRADO

JANE FREITAS FLECK

AS PRAÇAS DE BAIRRO NO CONTEXTO DA SUPERMODERNIDADE: UM  
CENÁRIO DE DIVERSIDADE E DIALÉTICA

SÃO LEOPOLDO

MARÇO- 2019

JANE FREITAS FLECK

AS PRAÇAS DE BAIRRO NO CONTEXTO DA SUPERMODERNIDADE: UM  
CENÁRIO DE DIVERSIDADE E DIALÉTICA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. André de Souza Silva

SÃO LEOPOLDO

MARÇO- 2019

F593p

Fleck, Jane Freitas.

As praças de bairro no contexto da supermodernidade : um cenário de diversidade e dialética / Jane Freitas Fleck. – 2019.

177 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2019.

"Orientador: Prof. Dr. André de Souza Silva."

1. Arquitetura. 2. Praças – Aspectos sociais – Porto Alegre (RS). 3. Ecologia urbana (Sociologia). I. Título.

CDU 72

JANE FREITAS FLECK

AS PRAÇAS DE BAIRRO NO CONTEXTO DA SUPERMODERNIDADE: UM  
CENÁRIO DE DIVERSIDADE E DIALÉTICA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Alessandra Teribele - UNISINOS

---

Dr. Sérgio Luiz Valente Tomasini - SMAMS

---

Profa. Dra. Eugenia Aumond Kuhn - UFRGS

## DEDICATÓRIA

À geração do Jigy, da Bela e do Theo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Professor André de Souza Silva, pela sensibilidade e confiança na minha capacidade de desenvolver a pesquisa e aos professores participantes como examinadores do trabalho, fundamentais na finalização desta etapa.

Aos professores da UNISINOS pela dedicação e ótimas aulas e aos colegas pelo companheirismo durante esse período de estudo.

Ao professor Paulo Reyes e ao professor Artur do Canto Wilkoszynski, pela disponibilidade em transmitirem seus conhecimentos.

Agradeço a todas as pessoas da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade, pela gentileza que sempre me receberam em especial aos departamentos que ao longo deste processo investigativo contribuíram com o conhecimento, nomeadamente a CAV, Coordenação de Áreas Verdes, ao arquiteto Alex Pereira de Souza, a UAVN, Unidade de Áreas Verdes e Necrópoles, ao engenheiro Sergio Luiz Valente Tomasini e a EGP, Equipe de Gestão de Parcerias, ao engenheiro Tibério Zuccarelli Bagnati e a arquiteta Virgínia Sanchis Jablonski.

Agradeço a professora Sonja Boechat por acreditar na realização da pesquisa quando ela nem existia e ao professor Ricardo Bins di Napoli pelas conversas filosóficas que tanto me inspiraram.

A professora Gabriela Coral, uma amizade que me incentivou a iniciar esta aventura e a professora Fernanda Martins pelo estímulo constante e participação nos momentos decisivos desta pesquisa.

Agradeço ao meu irmão James pela confiança e carinho de sempre e aos meus pais (in memoriam), Elohá e Venício por terem me proporcionado o convívio com a natureza.

A Sofia e ao Tomás, por terem me escolhido como mãe e mesmo não estando presente em muitos momentos de suas vidas, foram sensíveis, me deixando crescer como ser humano nessa existência.

Por fim, a todas as pessoas que participaram e compartilharam seus saberes e suas experiências de vida, pela confiança, meu muito obrigado.

Começo a olhar as coisas  
Como quem, se despedindo, se surpreende  
Com a singularidade  
Que cada coisa tem  
de ser e estar.

Affonso Romano de Sant'Anna

## RESUMO

Esta pesquisa trata de uma reflexão sobre o espaço público das praças e sua virtualidade, no sentido de força, potencia. Destacam-se as singularidades dos não lugares e de lugares antropológicos das praças do bairro Petrópolis na cidade de Porto Alegre, nas múltiplas significações e interpretações que são apreendidas pelo observador, no sentido de sensibilizar e estimular a comunidade, setores privados e gestores municipais, para a importância da preservação e qualificação deste espaço público. Assim como, demonstrar a importância do envolvimento interdisciplinar na regeneração de praças e as possibilidades de interação dos cidadãos com o meio ambiente encorajando o debate. São abordadas questões sobre ecologia urbana, supermodernidade e à imagem como sensibilizadora das relações socioespaciais. Nesta perspectiva, a pesquisa utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica qualitativa e a dialética na análise de dados. O objetivo geral foi de ampliar a compreensão do significado da praça dentro do contexto de supermodernidade e urbanização crescente a partir da diversidade e dialética do lugar a fim de qualificar e preservar esse espaço público. Por meio da etnografia de rua e fotografia aliadas a observação e a compreensão dos processos vivenciados identificaram-se lugares repletos de memórias e multiplicação de referências imaginárias por entre as concentrações urbanas. As experiências de acompanhar o devir de um coletivo e projeto por cenários contribuíram para uma análise teórica e crítica, conciliando as diferenças, com possíveis cenários futuros das praças. Com isso, enfatizou-se a reflexão sobre as consequências e responsabilidades de onde a ecologia se insere neste contexto urbano. Para tanto se consubstanciou o conhecimento das componentes sociológica, urbana e ecológica, na busca de maior compreensão desta unidade espacial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Praças, supermodernidade, projeto por cenários, etnografia, ecologia urbana, rizomas.

## SUMMARY

This research deals with a reflection on the public space of the squares and their virtuality, in the sense of strength, power. The singularities of the non-places and anthropological places of the squares of the Petrópolis neighborhood in the city of Porto Alegre stand out in the multiple meanings and interpretations that are apprehended by the observer, in order to sensitize and stimulate the community, private sectors and municipal managers, to the importance of the preservation and qualification of this public space. As well as demonstrating the importance of interdisciplinary involvement in the regeneration of squares and the possibilities of citizens' interaction with the environment, encouraging debate. It addresses issues of urban ecology, supermodernity and image as a sensitizer of socio-spatial relations. In this perspective, the research uses as methodology the qualitative bibliographical research and the dialectic in the data analysis. The general objective was to broaden the understanding of the meaning of the square within the context of growing urbanism and supermodernity from the diversity and dialectic of the place in order to qualify and preserve this public space. Through the ethnography of street and photography allied to the observation and the understanding of the lived processes were identified places full of memories and multiplication of imaginary references among the urban concentrations. The experiences of monitoring the development of a collective and project by scenarios contributed to a theoretical and critical analysis, reconciling the differences, with possible future scenarios of the squares. With this, we emphasized the reflection on the consequences and responsibilities of where the ecology is inserted in this urban context. For this, the knowledge of the sociological, urban and ecological components was sought, in the search for a better understanding of this space unit.

**KEY WORDS:** Squares, supermodernity, design by scenarios, ethnography, urban ecology, rhizomes.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Praça em Nova Delhi – Índia.....	36
Figura 2: Interação entre fauna, flora e ser humano em áreas urbanas.....	38
Figura 3: Cúrcuma.....	43
Figura 4: Praça em Nova York .....	47
Figura 5: Praça no Museu de Arte Moderna (MOMA) Nova York .....	49
Figura 6: Vista da Praça da Matriz em Porto Alegre na sua primeira urbanização em 1890.....	50
Figura 7: Vista atual da Praça Marechal Deodoro em Porto Alegre .....	51
Figura 8: Christopher Park cercado em Nova York .....	56
Figura 9: Feira na em uma cidade na Alemanha.....	59
Figura 10: Processo de projeto como síntese e projeto por cenários (não síntese).....	60
Figura 11: Gráfico SWOT .....	63
Figura 12: Estruturação dos cenários a partir de um gráfico de polaridades....	65
Figura 13: Representação dos cenários.....	66
Figura 14: Cenários complementares temporalmente.....	67
Figura 15: Etapas dos procedimentos metodológicos.....	76
Figura 16: Mapa do bairro Petrópolis .....	78
Figura 17: Namorados na sombra das árvores .....	84
Figura 18: Grafite nos muros da pedonal .....	85
Figura 19: Poesia no muro da Praça .....	87
Figura 20: Área verde da praça.....	88
Figura 21: Escadaria de acesso aos ambientes da praça .....	90
Figura 22: Cancha de bocha .....	91
Figura 23: Ambiente fitness.....	93
Figura 24: Caixa d'água da praça .....	94
Figura 25: Festa na praça .....	95
Figura 26: Espreguiçadeiras no mobiliário da praça .....	96
Figura 27: Crianças aguardando para plantar as flores na praça.....	97
Figura 28: Grafite reverenciando as caturritas que habitam o bairro.....	98
Figura 29: Brincadeiras na areia .....	98

Figura 30: Playground da praça .....	100
Figura 31: Praça Frei Orlando .....	102
Figura 32: O galo reina em seu território .....	103
Figura 33: Encontro dos cães.....	104
Figura 34: Singularidades da comunicação visual urbana .....	105
Figura 35: A natureza e a comunidade.....	106
Figura 36: O uso de equipamentos eletrônicos na Union Square - Nova York .....	107
Figura 37: Manhã ensolarada.....	109
Figura 38: Praça Almirante Tamandaré.....	112
Figura 39: Floração da Brunfelsia .....	114
Figura 40: Floração da Corticeira .....	115
Figura 41: A diversidade de espécies vegetais .....	116
Figura 42: Praça Doutor João Petersen Júnior .....	117
Figura 43: Tronco da Arueira.....	118
Figura 44: Projeto de paisagismo para praça.....	119
Figura 45: Salsa em flor .....	119
Figura 46: Floração da canna glauca na praça .....	120
Figura 47: Área preservada.....	122
Figura 48: Amoras verdes .....	123
Figura 49: Ameixas maduras.....	124
Figura 50: Biodiversidade da área verde preservada .....	126
Figura 51: Encontro de gerações na Praça .....	127
Figura 52: Feira orgânica .....	128
Figura 53: Bilbao Commons .....	129
Figura 54: <i>Thunbergia mysorens</i> .....	130
Figura 55: Nuvem de palavras .....	132
Figura 56: Construção da matriz SWOT (“FOFA”) .....	134
Figura 57: Gráfico de polaridades .....	135
Figura 58: Gráfico de polaridades: “polaridades fundamentais” e “temas/conteúdos” dos quatro cenários quadrantes. ....	138
Figura 59: Construção de narrativas imagéticas .....	140
Figura 60: Temas/conteúdos do Cenário “Petrópolis Cidadã”. ....	141
Figura 61: Temas/conteúdos do Cenário “Praças Rizomáticas”.....	142

Figura 62: Temas/conteúdos do Cenário “Movimento Petrópolis” .....	143
Figura 63: Temas/conteúdos do Cenário “Praças Intocáveis”. .....	144

## LISTA DE SIGLAS

SMDSE - Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social e Esporte

SMAMS - Secretaria do Meio Ambiente e da Sustentabilidade

SMSUrb – Secretaria Municipal de Serviços Urbanos

RS - Rio Grande do Sul

CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente

APP - Áreas de Preservação Permanentes

UC - Unidades de Conservação

DMAE - Departamento Municipal de Água e Esgotos

DIRESP - Diretoria de Esportes, Recreação e Lazer

SME - Secretaria Municipal do Esporte

ONG – Organização Não Governamental

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SWOT - Síntese das palavras em inglês *strength*, *weakness*, *opportunity*, e *threat*

FOFA - Síntese das palavras forças, oportunidades, fraquezas e ameaças

## SUMÁRIO

I. Definição do objeto de estudo.....	15
II. O Tema e a Hipótese da Pesquisa .....	16
III. Objetivos .....	17
IV. A Pesquisa.....	18
V. Problemática e Justificativa .....	20
VI. Contextualização .....	24
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONCEITOS E HISTÓRIA .....	25
1.1 A globalização e a Sociedade Urbana .....	25
1.2. A supermodernidade e o conceito de não lugar.....	31
1.3 Crise ambiental e Ecologia urbana .....	34
1.4 Conceito de rizoma .....	42
1.6. Significado urbano da praça nos dias de hoje e compreensão de sua gênese a partir das primeiras vilas e povoados coloniais brasileiros .....	49
1.7 Critérios da qualidade do espaço público .....	57
1.8. Projeto por cenários .....	59
1.9 Etnografia de rua.....	68
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	70
3. ESTUDO DE CASO: As praças do bairro Petrópolis.....	77
3.1 Mapa com a localização das praças no bairro .....	78
3.2. Singularidades do território .....	80
3.3. Etnografia de Rua nas Praças do bairro .....	82
3.4 Os cenários das Praças do bairro .....	131
3.4.1 Palavras-chave .....	131
3.4.2 Campo semântico das palavras-síntese .....	133
3.4.3 Valoração das características do lugar .....	134
3.4.4 A identificação das forças conflitivas que atuam sobre o território .	135
3.4.5. Estruturação dos cenários .....	137
3.4.6 Representação dos cenários .....	139
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	149
ANEXOS .....	158
ANEXO AA - Plantas baixas das Praças .....	158

ANEXO AB - Pesquisas realizadas com a comunidade nas Praças.....	170
ANEXO AC - QUESTIONÁRIO ADOTADO NAS ENTREVISTAS .....	178

## INTRODUÇÃO

Ser sustentável, mais do que manter o estado atual das “coisas”. Implica reunir esforços na melhoria das condições naturais e na regeneração de ambientes degradados, de forma a deixar às gerações vindouras um ambiente natural e construído em melhores condições do que se encontra no presente. “Os espaços públicos devem constituir espaços de recuperação e regeneração ambiental por excelência.” (ANTUNES, 2009, p. 13).

Esta pesquisa trata a respeito da reflexão sobre o espaço público das praças do bairro Petrópolis na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul (RS). Entende-se que as praças são um espaço referencial para a forma, o uso e a apropriação da comunidade, “dotado de símbolos, que carrega o imaginário e o real, marco arquitetônico e local de ação, palco de transformações históricas e sócio culturais, sendo fundamental para a cidade e seus cidadãos” (DIZERÓ, 2006).

A partir do significado histórico da praça e dos autores citados na pesquisa, aproxima-se deste contexto com olhar estrangeiro, a fim de demonstrar a virtualidade das praças em estudo. A virtualidade se insere neste contexto no sentido de virtude, força ou potência (LANGER, 1980, p.439).

Com a etnografia de rua, fotografias e possíveis cenários futuros das praças, a diversidade e à dialética se apresentam e ampliam-se as discussões objetivando tornar o processo projetual mais aberto, flexível e democrático.

### I. Definição do objeto de estudo

A praça, como objeto de pesquisa, caracteriza uma centralidade urbana, cuja polaridade contribui para movimentar as dinâmicas sócio-espaciais da área onde esta se insere. É um espaço público referencial, ponto nodal que articula atividades. O conceito deste espaço público, ao longo da história sempre esteve atrelado à possibilidade de encontros, trocas e de possíveis contatos com a natureza no espaço urbano.

A expansão do fenômeno urbano e o modelo capitalista de consumo determinam a necessidade de se repensar modelos, hábitos, padrões e comportamentos na busca de uma convivência harmoniosa entre o ser humano, o ambiente e sua condição urbana.

## II. O Tema e a Hipótese da Pesquisa

A questão da sustentabilidade dos centros urbanos tem sido um desafio para governantes, organizações não governamentais, e uma parte significativa da população interessada no legado ambiental que será deixado para as futuras gerações.

Atualmente, é preciso esclarecer e sensibilizar a população dos impactos causados por ações comprometedoras da ambiência urbana de modo a reduzir o comprometimento do sistema ecológico. No caso das áreas verdes, o elemento fundamental de composição é a vegetação que serve de equilíbrio entre a vida urbana e o meio ambiente, já as praças tem que satisfazer princípios ecológico-ambiental, estético e de lazer.

A falta de preservação deste espaço público na cidade traz consequências negativas para o meio ambiente urbano, como alterações do clima local, enchentes, deslizamentos e falta de áreas de lazer para a população.

Com a crescente expansão urbana formas predatórias de uso e ocupação do solo são cada dia mais frequentes, o que demanda o esclarecimento da população sobre a importância da preservação das praças e da biodiversidade das áreas verdes de modo a resguardar o bem estar nas cidades.

Neste contexto atual de sociedade tecnológica e de consumo questiona-se: como sensibilizar e estimular as pessoas a refletirem sobre o lugar da praça na sociedade atual a fim de qualificar e preservar esse espaço público?

Como hipótese tem-se que nas praças do bairro encontram-se a diversidade e a dialética que potencializa o lugar para uma reflexão, de modo democrático, sobre preservação e biodiversidade no meio urbano.

Para tanto, fez-se necessário o mapeamento e a codificação dos processos urbanos contemporâneos utilizando imagens como demonstração da ocorrência de fenômenos de urbanização, característicos e específicos no cenário das praças.

### III. Objetivos

O cenário da vida coletiva da população é elemento fundamental na configuração de um espaço urbano, para tanto essa pesquisa se propõe a enfatizar alternativas de integração da praça com o entorno e de sua articulação com o tecido urbano. Segundo Borja (2006) a partir de meados do século XX e na atual conjuntura, pensar em espaços públicos é pensar na diversidade de ações, sejam nos ambientes de segurança, nas proximidades das relações sociais, nos espaços cidadãos, na qualidade dos espaços, nos índices de sociabilidade, e pode-se inserir também, as mais variadas relações de intercâmbio.

Nesta temática de ecologia urbana no espaço público da praça se propõe problematizar as relações sociais e espaciais de consciência de pertencimento e preservação.

Com base nestes dados o objetivo geral e os específicos da pesquisa consistem em:

#### Objetivo Geral

**-ampliar a compreensão do significado da praça dentro do contexto de supermodernidade e urbanização crescente a partir da diversidade e dialética do lugar a fim de qualificar e preservar esse espaço público.**

#### Objetivos específicos:

-analisar a relação entre conceitos capazes de descrever o processo de compreensão das praças dentro do contexto da supermodernidade.

-aproximar o imaginário coletivo, que representa a comunidade das praças e conjugar com a realidade do lugar, a fim de projetar possíveis cenários futuros.

-investigar se as praças são locais repletos de memórias e multiplicação de referências imaginárias por entre as concentrações urbanas da atualidade.

-experienciar o envolvimento afetivo, identitário e antropológico nas praças do bairro a partir da etnografia.

-mapear os lugares antropológicos e os "não lugares", especificamente das praças e com base nesse levantamento, buscar através do imaginário social, possíveis cenários futuros para esse território.

-salientar a atuação da cidadania ativa na preservação das praças.

Cenários futuros são motivadores de reflexão sobre o lugar. Através dos cenários, a pesquisa se propõe, a uma reflexão sobre o sentimento de pertencimento, coletividade e interação homem e meio ambiente nas praças do bairro.

#### IV. A Pesquisa

Esta pesquisa destaca percepções das relações entre pessoas e destas com o meio ambiente nos diferentes contextos espaciais e os cenários das praças na condição de reflexo desta relação. Para tanto, vários conceitos são abordados na pesquisa.

Para melhor entendimento do espaço público da praça na atualidade, a pesquisa enfatiza aspectos do processo de modernização e as conseqüentes mudanças nas relações sociais de proximidade. A partir da revolução industrial, novas concepções de cidade foram marcadas pela mobilidade das pessoas, das informações e dos bens, além do alto crescimento demográfico nas cidades em consequência da migração rural-urbana (ASCHER, 2010).

Com o crescimento das cidades a natureza e a tradição perdem sua influência, o que se verifica nos atuais problemas ambientais, indicando que precisam ser revistas às responsabilidades coletivas perante a natureza (HARVEY, 2015). Neste contexto se insere o planejamento urbano e as áreas verdes encontradas em muitas praças da cidade.

A urbanização tradicional é baseada na infraestrutura cinza monofuncional, focada no automóvel: ruas visam à circulação de veículos; sistemas de esgotamento sanitário e drenagem objetivam se livrar da água e

do esgoto o mais rápido possível; telhados servem apenas para proteger edificações e estacionamentos asfaltados são destinados a parar carros (FARR, 2008; HERZOG, 2009).

Já a infraestrutura verde consiste em redes multifuncionais de fragmentos permeáveis e vegetados, preferencialmente arborizados (inclui ruas e propriedades públicas e privadas), interconectados que reestruturam o mosaico da paisagem. Visa manter ou restabelecer os processos naturais e culturais que asseguram a qualidade de vida urbana (BENEDICT E MCMAHON, 2006; AHERN, 2007). A Infraestrutura Verde implica num espaço verde e num sistema natural que precisa ser ativamente protegido, mantido e, em alguns casos, restaurado.

A natureza situada nas praças das cidades está concentrada em áreas verdes que são espaços únicos para biodiversidade urbana e também são áreas importantes para conectar, sensibilizar e conscientizar pessoas sobre o uso sustentável dos recursos naturais. Através da ecologia urbana procura-se entender os sistemas naturais dentro das áreas urbanas. É um conceito ecológico que tem por base a análise e observação das relações urbanas com a fauna e flora, os quais podem estar dentro ou nos arredores dos centros das cidades.

E, a partir do conceito sobre ecologia urbana e reflexão sobre a importância da valorização do meio ambiente e das tradições diversas nas cidades que se observam as associações entre o lugar, a cultura e a identidade das praças, e como estas se apresentam neste contexto de supermodernidade e anulação das diferenças.

Para o antropólogo Marc Augé (1994) a supermodernidade é caracterizada pelas figuras de excesso: superabundância factual, superabundância espacial e individualização das referências, correspondendo a transformações das categorias de tempo, espaço e indivíduo.

Na superabundância espacial encontra-se a produção de não-lugares ou seja, “lugares” por onde circulam muitas pessoas e bens, cujas relações são incapazes de criarem identidade de grupo encontrados em aeroportos, praças, centros comerciais, paradas de ônibus.

São lugares de uma configuração urbana, sem a multiplicidade de conexões e percepções destacada no conceito de rizoma, termo utilizado por

Gilles Deleuze e Félix Guattari (2000), que se refere à teia de formação de conexões semióticas e de códigos diversos como cadeias biológicas, políticas, econômicas, culturais presentes no contexto em estudo.

A praça tem como função primordial, aproximar e reunir as pessoas, seja por motivo cultural, econômico (comércio), político ou social (ROBBA; MACEDO, 2010).

É através da etnografia de rua que se propõe experimentar e compreender as especificidades da vida nas praças e de que modo os fenômenos socioculturais são produzidos, reproduzidos e vivenciados na vida cotidiana. A etnografia consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas «sem destino fixo» nos seus territórios.

A partir da etnografia abordam-se diferentes visões sobre o objeto de estudo ao propor cenários futuros, com imagens que constroem múltiplas realidades da situação presente, evidenciando as diferenças e garantindo a pluralidade.

## V. Problemática e Justificativa

As praças brasileiras são o reflexo das estruturas sociais, econômicas, culturais, políticas e ambientais constituídas ao longo da história. Assim como sua configuração e estrutura morfológica também são decorrentes dos centros urbanos em crescente declínio da qualidade de vida, devido ao alto consumo, poluição intensa, falta de coletividade e com perspectivas de limite dos recursos naturais.

Porto Alegre se caracteriza por ser uma cidade muito arborizada com presença de áreas verdes nos bairros, sendo um desafio urbano a preservação destes espaços.

Com isso, o cenário de muitas praças da cidade é desafiador pela falta de interação e motivação das pessoas com o lugar, evidenciando a urgência de processos dinâmicos que estabeleçam novos vínculos de cidadania, onde a população se mobilize a refletir sobre restauração ecológica e sustentabilidade em ambientes urbanos.

Atualmente a cidade de Porto Alegre contempla 667 praças, um número significativo para o município, o que dificulta gerir a manutenção destes espaços públicos. Para tanto, a Secretaria do Meio Ambiente e da Sustentabilidade (SMAMS) desenvolve, desde 1986, um programa de parcerias entre o poder público e a iniciativa privada. O Programa Adote uma Praça permite a qualquer entidade civil assumir a responsabilidade de urbanizar e manter áreas verdes públicas do município. O assunto está regulamentado através da Lei Complementar 618, de 10 de junho de 2009, que revoga a Lei Complementar nº 136, de 22 de julho de 1986.

Em muitos casos, os programas de parceria entre setor público e privado em praças possibilitam atividades comerciais como feiras de artesanato, alimentos e antiguidades, que estimulam o uso do espaço público e aumentam a percepção do caráter aberto dos lugares, por outro lado, o temor da privatização gera críticas em relação a estratégias culturais e econômicas escolhidas na revitalização das praças, favorecendo o controle da diversidade e a recriação de uma visão de civilidade consumista (ZUKIN, 2000).

Estas iniciativas revelam a importância da discussão sobre a qualidade deste espaço urbano com distintas funções, que se transformam e se modificam pela ação dinâmica da sociedade capitalista de produção.

Para o entendimento da configuração urbana, sua ocupação, densidade e as principais teorias na área da Ecologia Urbana se entrelaçam conceitos de outras áreas da ciência e das manifestações humanas.

As pesquisas apontam que para os próximos anos, uma expansão urbana está prevista com sessenta e seis por cento da população humana global vivendo em áreas urbanas até 2050 (Nações Unidas, 2018). Com isso, são cada vez mais prováveis os cenários de esquecimento e indiferença em relação à biodiversidade nas áreas verdes das cidades.

Gerir áreas urbanas tem-se tornado um dos desafios mais importantes do Século XXI. Ban Ki-moon, Secretário Geral das Nações Unidas, explica que em 2050, um número estimado de 6,3 bilhões de pessoas habitarão as cidades do mundo – um aumento de 3,5 bilhões em relação a 2010. O planeta terá passado pelo maior e mais rápido período de expansão urbana na história humana. A área diretamente transformada nas próximas quatro décadas será aproximadamente do tamanho da África do Sul, e as novas demandas

remodelarão a maioria das paisagens, tanto naturais quanto construídas. O crescimento urbano terá impactos significativos sobre a biodiversidade, os habitats naturais e muitos serviços ecossistêmicos dos quais depende a sociedade.

Os impactos da fragmentação e da degradação sobre a biodiversidade foram amplamente documentados nas áreas verdes urbanas (FERNÁNDEZ-JURICIC e JOKIMÄKI, 2001). A riqueza e a abundância, por exemplo, de espécies de pássaros dentro do contexto de paisagem mais amplo demonstraram ser afetadas negativamente pela perda e fragmentação das áreas verdes. Portanto, as áreas verdes restauradas podem beneficiar o meio urbano, bem como a paisagem mais ampla, possivelmente fornecendo refúgios para a biodiversidade (FERNÁNDEZ-JURICIC e JOKIMÄKI, 2001; SHANAHAN, MILLER, et al., 2011; SHANAHAN, POSSINGHAM, et al., 2011).

As áreas verdes nas paisagens urbanas fornecem locais para refúgios das espécies, particularmente aquelas mais sensíveis à atividade urbana (FERNÁNDEZ-JURICIC e JOKIMÄKI, 2001; IVES et al., 2015), assim como a restauração destas paisagens fornece uma plataforma para promover uma ética de conservação entre a população em geral através de uma maior exposição à biodiversidade. Isto é particularmente importante à medida que as pessoas estão se tornando menos conectadas à natureza e à biodiversidade (MILLER, 2005; PYLE, 1978). As aves são um exemplo de espécies particularmente importantes para conectar as pessoas à natureza, pois podem ser facilmente observadas na cidade. Além disso, há evidências de que o conhecimento da avifauna local influencia positivamente a forma como as pessoas se relacionam com as áreas verdes que frequentam.

A conexão que as pessoas sentem com a natureza também aumenta quando a diversidade de aves é maior (CAULA, HVENEGAARD e MARTY, 2009, COX e GASTON, 2015, HEDBLUM et al., 2014), o que em si pode ser afetado pela qualidade e a quantidade de áreas verdes nas paisagens urbanas (CARBÓ-RAMÍREZ e ZURIA, 2011; HUANG et al., 2015; IMAI e NAKASHIZUKA, 2010; SHANAHAN, POSSINGHAM, e MARTIN, 2011; STROHBACH, LERMAN e WARREN, 2013).

Atualmente, uma alternativa que visa manter ou restabelecer os processos naturais e culturais que asseguram a qualidade de vida urbana é a

implantação de infraestrutura verde, que consiste em redes multifuncionais de fragmentos permeáveis e vegetados, preferencialmente arborizados (inclui ruas e propriedades públicas e privadas), interconectados que reestruturam o mosaico da paisagem (BENEDICT e MCMAHON, 2006).

A infraestrutura verde, também chamada de infraestrutura ecológica é um conceito emergente baseado nos princípios da ecologia da paisagem de: estrutura, função e mudança. A forma do mosaico da paisagem depende não apenas de seus aspectos geobiofísicos, mas do uso e ocupação ao longo do tempo (BENEDICT e MCMAHON, 2006).

Assim sendo, a infraestrutura verde se destaca na forma de arborização das vias públicas, áreas verdes e parques urbanos, principalmente em “Megacidades” como São Paulo. Com isso, diversos serviços ambientais muitas vezes não percebidos no cotidiano dos moradores, proporcionam diminuição das ilhas de calor, de poluição atmosférica e sonora, de danos aos asfaltos por aquecimento e dilatação e da amplitude térmica (SILVA; TOSETTI, 2010).

É a oportunidade de vivenciar a natureza como o tecido de apoio à vida cotidiana nas cidades, isto é, sustentabilidade urbana e preservação da biodiversidade.

A infraestrutura verde pode funcionar como estrutura para a conservação e o desenvolvimento, porém requer comprometimento de longo prazo por parte do governo e dos agentes sociais. Para tanto, a aproximação entre sociedade civil e setores públicos e privados é parte integrante na tomada de decisão em busca de novos modelos de governança, com mais sustentabilidade e diversidade de usos que requalifique e preserve o meio ambiente (ALEX, 2011).

O projeto de espaço público, com ênfase na participação do usuário, em um processo aberto e democrático propõe como ponto de partida as qualidades humanas do ambiente: necessidades, direitos, significados e conexões do espaço público. O direito de uso é um requisito básico para que as pessoas usufruam das experiências desejadas no espaço público (ALEX, 2011).

No artigo *Ecology and Aesthetics*, Michael Laurie (1989) propõe a integração de três princípios para gerar uma nova estética do espaço público

na cidade que são: expressionismo ecológico, economia e satisfação social. Para ele, além de contemplar as atividades recreativas de uma sociedade pluralista, as praças devem desempenhar funções ambientais, como reciclagem de dejetos, reflorestamento urbano, controle do microclima e jardins comunitários. A reconceituação do *neighborhood park* recomendada por Laurie é minimalista, com uma variedade de superfícies, símbolos e atividades, com áreas de sombra e sol. Um espaço flexível e dinâmico, inserido no contexto da cidade e integrado ao entorno. O *neighborhood park* de Laurie aproxima-se da ideia da praça encontrada nas cidades brasileiras (ALEX, 2011).

## VI. Contextualização

O objeto de estudo são as doze praças situadas no bairro Petrópolis, na cidade de Porto Alegre.

O bairro Petrópolis tem como singularidade a beleza da flora e da fauna na arborização das ruas e praças. Para melhor entendimento sobre o tema optou-se por abordar na integralidade as praças do bairro.

Este estudo reflete a inquietação com intervenções urbanas, ecológicas, sociais e artísticas que podem estar presentes em áreas destinadas ao espaço público da praça. Observa-se também, a beleza das praças e parques públicos da cidade, onde tais ambientes são, em muitos casos, pouco valorizados pela população.

Aliada a essa questão é fato a relevância de pesquisas com base na preservação das áreas verdes no espaço urbano já que motivam a qualificação da imagem do território.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONCEITOS E HISTÓRIA

Considerando a inter-relação entre o espaço público das praças e a ecologia urbana, primeiramente, realiza-se uma abordagem teórico conceitual sobre o tema de interesse.

Os temas sociedade urbana e ecologia no contexto contemporâneo são, por um lado, desafiadores e oportunos; por outro ângulo, a tarefa de dissertar sobre cada um desses elementos, constitui atividade complexa de natureza multifacetada.

Inicialmente, será enfatizado o comportamento da sociedade urbana e reflexões sobre atitudes antropocêntricas que interferem no equilíbrio do ecossistema no meio urbano. Na sequência são discutidos conceitos sobre praça, ecologia urbana, supermodernidade, rizomas, etnografia e projetar por cenários. Evoca-se também a conceituação de biodiversidade, de modo a contextualizar as gentilezas e indiferenças na sociedade urbana em relação ao homem diante da natureza.

### 1.1 A globalização e a Sociedade Urbana

Nas comunidades rurais e medievais no século XIX, os vínculos fortes e tradicionais que conectavam as pessoas eram muito sólidos, multifuncionais e quase não necessitavam de leis ou aparatos estatais para codificá-los ou preservá-los. Convivia-se durante toda uma vida com os mesmos grupos de pessoas.

Com a transição da comunidade rural para uma sociedade urbana e industrial, os laços entre as pessoas diversificaram-se, multiplicaram-se e começaram a se especializar. Nas cidades, subúrbios e burgos da idade média, o vizinho era frequentemente um colega, um amigo, um parente. Hoje, ao contrário, a vida nas cidades se desenvolve em outra escala, e a coincidência das diferentes esferas das relações sociais está cada vez menor.

Os vizinhos são raramente amigos de infância e todo dia ao longo da vida, entra-se em contato com um número crescente de pessoas (ASCHER, 2010, p.43-44).

Com o final da Idade Média, um marco espacial de uma nova sociedade se mostra, numa primeira modernidade. Este período qualificado como tempos modernos testemunha a transformação do pensamento e do lugar da religião na sociedade, a emancipação da política e a emergência do Estado-nação, o desenvolvimento das ciências e a expansão progressiva do capitalismo mercantil e, logo a seguir, do industrial (ASCHER, 2010).

A primeira modernidade produziu uma verdadeira revolução urbana. A cidade medieval deu lugar a uma cidade na qual o novo poder do Estado aparece em cena de forma monumental com crescente autonomia dos indivíduos e o desenvolvimento de novas ciências e técnicas. Observa-se neste período, uma expansão progressiva do capitalismo mercantil e expansão dos territórios com traçado de avenidas, praças e áreas verdes separando o público do privado (ASCHER, 2010).

A segunda modernidade é a da revolução industrial, que assiste à produção de bens e serviços, subordinada, em grande medida, as lógicas capitalistas; o pensamento técnico ocupando um lugar central na sociedade e a constituição do Estado de bem-estar (ASCHER, 2010).

A instalação da primeira e da segunda modernidade ocorreu progressivamente, porém a amplitude das transformações nas diversas esferas da sociedade provocou crises de todo tipo- econômicas, sociais, políticas, religiosas. A concepção, a construção e o funcionamento das cidades não escaparam dessas transformações e crises (ASCHER, 2010).

Neste contexto emerge progressivamente uma segunda modernidade com novas concepções de cidade, marcada pela mobilidade das pessoas, das informações e dos bens. Para tanto, a primeira necessidade é adaptar as cidades as novas exigências da produção, do consumo e das trocas mercantis. Isto requer uma malha de grandes vias de circulação entre estações e grandes lojas com redes de água, saneamento, energia e comunicação. Somado a isso, um alto crescimento demográfico se observa nas cidades com a migração rural-urbana. O Estado de bem-estar e de diversos serviços públicos contribuiu na estruturação das cidades através de redes de linhas de transporte coletivo,

de escolas, de hospitais, de banheiros públicos, postos de correio (ASCHER, 2010).

A segunda modernidade e o Estado de bem estar resultam na formação de um sistema combinado de produção e consumo de massa, denominado fordismo, que prevalece no espaço urbano de grandes conjuntos habitacionais ou casas individuais com a valorização do automóvel individual e uso de eletrodomésticos (ASCHER, 2010, p.24,25).

O período fordista introduz grandes modificações em áreas urbanas, como a multidão nas ruas, o semáforo, o relógio, os horários dos bancos, do comércio, o apito das fábricas, colocando no ambiente artificial, novas rotinas e novos valores. Autores como Simmel, Weber, Marx, Durkheim, E. Allan Poe, todos na transição para o século XX chamam a atenção para essa “Segunda natureza” nos termos de Lefebvre (SILVA, CHAIA, 2003).

O espetáculo – diz Debord (1997) – consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o ‘fetichismo da mercadoria’ (felicidade identifica-se a consumo).

Os novos meios de transporte e de comunicação desenvolvidos e disponibilizados permitem a emancipação de limites espaciais e temporais. A presença física e a proximidade não são mais necessárias, sendo possível telecomunicar-se ou deslocar-se rapidamente.

Com isso, ocorre o enfraquecimento progressivo das comunidades locais. Isto não significa, evidentemente, o desaparecimento de toda vida local, das relações sociais de proximidade, das escolhas locais; porém, o local já não é o lugar obrigatório da maioria das práticas sociais nos diversos campos do trabalho, da família, do lazer, da política e da religião (ASCHER, 2010, p.38).

O aumento das possibilidades de ação e interação em uma distância espacial e temporal é tal que possibilita um sentimento de multitemporalidade,

tornando possíveis contatos e trocas, esporádicas ou regulares, mesmo sem proximidade. (ASCHER, 2010, p.42).

A cidade virtual se oferece como possibilidade de informação, embora se atualize como desafio, propondo alternativas de ação diante da alarmante realidade da cidade global. É um desafio e uma promessa de conquista, mas não no sentido de se globalizar, porque isso é impossível em termos geopolíticos e, sobretudo, em termos culturais (os valores, os usos e as comunicações locais). Ou seja, nenhum avanço tecnológico ou econômico autorizaria a veleidade expansionista ou imperialista entre povos, culturas, continentes, países ou cidades. No entanto, é um desafio que propõe transformar a quantidade de informação disponível em redes e sistemas de qualidade, estimulando a atualização informativa no sentido de transformar, mudar e acrescentar qualidade as cidades, aos espaços e aos lugares (FERRARA, 2008).

Conforme Pratt (1992), mais adequado para descrever os encontros promovidos pela globalização é o termo transculturação, que invoca a contaminação mútua, em um mesmo tempo e lugar, de expressões culturais antes apartadas por injunções históricas e geográficas. Não está implicado nas aproximações entre diferentes a que esse conceito remete, contudo, o apaziguamento dos embates para difundir ideias e bens que qualquer relação intercultural embute. As formas culturais surgidas nas “zonas de contato” onde os processos de transculturação ocorrem são também testemunhas das desigualdades que presidem tais relações e que por meio delas são reproduzidas (PRATT, 1992).

O mundo contemporâneo se encontra na época do simultâneo, da justaposição, do próximo e do longínquo, lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta menos como uma grande via se desenvolvendo através dos tempos, do que como uma rede que religa pontos e entrecruza sua trama (FOUCAULT, 2001).

Dentro deste quadro, a lógica das redes parece hoje aproximar-se mais da forma contemporânea de pensar. A compreensão da época em que vivemos apoia-se, cada dia mais, sobre o conceito de rede. A rede atravessa hoje todos os campos do saber – da biologia às ciências sociais, passando pelas ciências exatas – seja como conceito específico, em cada um destes campos, seja

como paradigma e imagem do mundo, ou ainda como rede sociotécnicas necessárias a produção do conhecimento (PARENTE, 2000, p.171).

Assim a sociedade vai se estruturando como uma série de redes interconectadas, que asseguram uma mobilidade crescente de pessoas, bens, informações. São estruturas sociais de organizações e pessoas afastadas entre si, baseadas em vínculos frágeis e muito numerosos com interações que podem ser econômicas, culturais, afetivas, recíprocas, hierárquicas, normatizadas, presenciais, escritas, faladas, telecomunicadas. Esta organização em rede funda uma nova solidariedade “comutativa”, que relaciona pessoas e organizações pertencentes a uma multiplicidade de redes interconectadas.

O desafio para a democracia consiste então em transformar essa solidariedade comutativa em uma solidariedade “reflexiva”, ou seja, uma consciência de pertencimento a sistemas de interesse coletivo (ASCHER, 2010, pp.45 47).

O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado *como ele é*, pois seu movimento é idêntico ao *afastamento* dos homens entre si e em relação a tudo que produzem (DEBORD, 1997, p.28).

Diante das imposições globais, e o avanço tecnológico, desenvolve-se uma integração jamais vista entre pessoas, cidades, territórios, sociedades, problemas e realidades locais. Trata-se, sobretudo, de uma integração de ações por meio de uma associação de capacidades. Com os meios digitais, é possível disseminar a informação, fazer a divulgação mundial da ação e, em consequência, semear uma colaboração interativa, mesmo sem considerar distâncias e localizações. (FERRARA, 2008).

A natureza e a tradição perdem sua influência na avaliação das probabilidades de um determinado acontecimento e suas eventuais consequências. O risco hipotético aumenta com o processo de modernização, surgem novos perigos como indicam os atuais problemas ambientais. Além disso, os riscos localizados e pessoais são substituídos por outros mais amplos ou planetários. O próprio desenvolvimento dos modos de comunicação e de transporte amplia a sua difusão e seu conhecimento (ASCHER, 2010, p. 36).

Para Deléage (1997), com a industrialização, particularmente após a Segunda Guerra Mundial, atingiu-se um limiar nas relações entre os homens e a biosfera. A poluição e a degradação do ambiente se tornaram um verdadeiro fato de civilização, adquirindo dimensões planetárias. Uma característica fundamental desse processo é a chamada crise ambiental evidenciada a partir da década de 1960, a qual suscita a necessidade de novos padrões de relacionamento com a natureza e seus recursos.

A crise ambiental tem repercutido nos estilos de vida e de consumo, na ética e na cultura, na dinâmica política e social e na organização do espaço em escala mundial. A sociedade traduz, cada vez mais, suas dificuldades, seu temor e insegurança em termos de risco, isto é, em termos de perigos que ela deve ser capaz de identificar, medir e gerir. Neste processo evolutivo, o homem atua por meio de todas as coisas, da produção de plantas e animais, na ampla modificação do hábitat, além do rápido crescimento populacional à difusão e à combinação de espécies em escala global (HARVEY, 2015, p.281).

Nesses termos, observa-se que nossas ações tem um fluxo contínuo de processos vivos que pode afetar individual e coletivamente a sociedade. Somos profundamente afetados por todo gênero de eventos (em particular por mudanças físicas nos fluxos de energia da terra, do ar e do mar, por adaptações da parte de outras espécies, bem como por alterações que nós mesmos induzimos) (HARVEY, 2015, p.285).

As responsabilidades coletivas perante a natureza humana e perante a natureza precisam ser unidas entre si de uma maneira bem mais dinâmica e coevolutiva que abarque uma variedade de escalas espaço temporais. Questões como a conservação de micro habitats, projetos de restauração ecológica, planejamento urbano, uso de combustíveis fósseis, padrões de exploração de recursos, proteção aos meios de vida, manutenção de certas formas culturais geograficamente específicas, o aumento das chances de vida em todos os níveis, do global ao local. Tudo isso precisa de alguma maneira ser unido e transformado num sentido mais generalizado de como poderia surgir uma alternativa político-econômica a partir das contradições ecológicas de um sistema capitalista fundado em classes (HARVEY, 2015, p. 303).

A modernidade no final do século XX provocou múltiplas reflexões e comentários que ressaltaram não só o extraordinário “progresso” dos cem anos

precedentes, mas também os dramas que o mundo conheceu por conta de um racionalismo que se tornou demasiado simplista e de suas certezas (ASCHER, 2010, p. 31).

Nesta Modernidade de sociedade racional, individualista e diferenciada, se reflete o urbano não definido como uma realidade acabada, recuada no tempo em relação à realidade atual. Trata-se, ao contrário, de um horizonte, uma virtualidade iluminadora. “O urbano é o possível, definido por uma direção no final do percurso que vai em direção a ele. Para atingi-lo, isto é, para realizá-lo, é preciso em princípio contornar ou romper os obstáculos que atualmente o tornam impossível.” (LEFEBVRE, 2004, p. 28). Para a realização de tais virtualidades, são necessários dois movimentos paralelos e complementares. Em primeiro lugar, uma formulação teórica que rompe com ideologias e noções de urbano, em pauta ao longo da industrialização. Em segundo, a formulação de uma forma prática de abordagem da cidade e do fenômeno urbano. Na zona crítica, “o terreno escapa aos pés e ao olhar, ele está minado. Os conceitos antigos não são mais suficientes, mas conceitos novos se formulam. Não é apenas a realidade que escapa, mas o pensamento” (LEFEBVRE, 2004, p. 152).

## 1.2. A supermodernidade e o conceito de não lugar

O espetáculo, como a sociedade moderna, está ao mesmo tempo unido e dividido. Como a sociedade, ele constrói sua unidade sobre o esfacelamento. Mas a contradição, quando emerge no espetáculo, é, por sua vez, desmentida por uma inversão de seu sentido; de modo que a divisão é mostrada unitária, ao passo que a unidade é mostrada dividida (DEBORD, 1997, p.37).

Na dinâmica do mundo contemporâneo a globalização facilita sociedades modernas de realizar suas escolhas e desenvolver suas particularidades, através de uma mobilidade generalizada.

Na dinâmica do mundo contemporâneo com a globalização e uma mobilidade generalizada, as sociedades modernas podem realizar escolhas e desenvolver particularidades com muita facilidade.

A aceleração da história corresponde de fato a uma multiplicação de acontecimentos.

O antropólogo Marc Augé (1994) denomina esse período como supermodernidade e o caracteriza pelas figuras de excesso: superabundância factual, superabundância espacial e individualização das referências, correspondendo a transformações das categorias de tempo, espaço e indivíduo.

A primeira figura de excesso se dá com a renovação da categoria tempo e se concretiza no aceleração da história. A superabundância factual através do excesso de informações e interdependência cria a necessidade de dar sentido ao presente, diferentemente da perspectiva pós-moderna sobre a perda da inteligibilidade da história em função da derrocada da ideia de progresso (AUGÉ, 1994). Essa aceleração não é simplesmente temporal, no sentido de que os fatos aconteçam mais rápidos, mas é, além disso, a rapidez em que esses fatos são divulgados.

A história que ameaça este mundo crepuscular é também a força que pode submeter o espaço ao tempo vivido. A revolução proletária é a *crítica da geografia humana*, através da qual os indivíduos e as comunidades devem construir os lugares e os acontecimentos correspondentes à apropriação, já não apenas seu trabalho, mas de sua história total. Nesse espaço movente do jogo, e das variações livremente escolhidas das regras do jogo, a autonomia do lugar pode se reencontrar, sem reintroduzir um apego exclusivo ao solo, e assim trazer de volta a realidade da viagem, e da vida entendida como uma viagem que contém em si mesmo todo o seu sentido (DEBORD, 1997, p.117)

A ocorrência de fatos históricos ou até mesmo do cotidiano são conhecidos e se propagam pela sociedade na mesma velocidade em que acontecem. Assim, unidades de tempo que existiam separadamente (tempo do acontecimento + tempo do entendimento + tempo de divulgação), na chamada supermodernidade se agrupam e se multiplicam (AUGÉ, 1994).

A segunda figura de excesso de Marc Augé (1994) denomina-se superabundância espacial. Caracteriza-se com o acesso físico ou virtual mais veloz e fácil tornando o “mundo” cada vez menor, isso é mais fácil de ser visitado, conhecido ou simplesmente reconhecido. Porém, vale ressaltar que essa multiplicação de espaços, muitas vezes é virtual, ou seja, é ilusória. Os

“atuais” meios de comunicação, como internet, até mesmo o próprio telefone e a “indispensável” televisão, fazem a conexão entre espaços diversos e os seus usuários, e possibilitam um falso reconhecimento de lugares nunca visitados realmente. É nessa ilusão de abundâncias virtuais que o habitante da supermodernidade se encontra cada vez mais isolado e mais comum.

O excesso de espaço, paradoxalmente, constitui-se pelo encolhimento do mundo, que provoca alteração da escala em termos planetários através da concentração urbana, migrações populacionais e produção de não-lugares. As imagens são transmitidas por satélites e captadas por antenas nos telhados das mais afastadas cidades e estabelecem uma visão instantânea e simultânea de um acontecimento em vias de se produzir no outro extremo do planeta (AUGÉ, 1994, p. 340).

Os não-lugares se materializam: nos aeroportos, nas vias expressas, nas salas de espera, nos centros comerciais, nas estações de metrô e também nos campos de refugiados.

São lugares onde permanecemos em trânsito, em espera ou apenas de passagem (AUGÉ, 1994).

Não-lugares se consolidam na contemporaneidade supermoderna e tendem a exercer uma espécie de efeito dissolvente sobre a maneira pela qual nós nos relacionamos ou pensamos nossa identidade e a representamos.

Segundo o autor na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não lugares. Lugares e não lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e as noções que permitem descrevê-las. (AUGÉ, 1994, p.98). É no anonimato do não lugar que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos (AUGÉ, 1994, p.110).

Produtor da supermodernidade, o não-lugar distingue-se dos lugares antropológicos carregados de conteúdos históricos e de simbolização. Os não-lugares deslocam os lugares históricos e tradicionais, na medida em que fazem desaparecer uma memória e uma ligação pessoal com aquele ambiente. Não são históricos, identitários ou relacionais, já que o sujeito não se identifica propriamente com aquele local, porque são lugares de passagem e não exigem nenhum tipo de envolvimento afetivo acerca de sua espacialidade. Mas vale

ressaltar, que em alguns casos, os não-lugares podem funcionar como lugares de envolvimento afetivo, geográfico e histórico; como exemplo no caso das pessoas em situação de rua, que ocupam o espaço urbano de forma muito peculiar de acordo com suas necessidades de sobrevivência. Ou no caso das pessoas que passam boa parte do dia em transportes públicos e que podem eventualmente se envolver emocionalmente ali. Temos também o exemplo das pessoas cujo seu ambiente de trabalho é a própria rua, onde travam suas relações sociais (AUGÉ, 1994).

A individualização das referências constitui a terceira figura de excesso. O ser humano torna-se referência para interpretar as informações que lhe chegam num processo amplo de singularização de pessoas, lugares, bens e pertencimentos. Neste processo há a perda das referências produzidas pela coletividade como a cultura, identidade e história (AUGÉ, 1994).

### 1.3 Crise ambiental e Ecologia urbana

Apesar de o processo da urbanização brasileira estar se modificando nas últimas décadas, a concentração da população em metrópoles é um problema que continua se agravando (MARICATO e TANAKA, 2006, p.16-23). A qualidade de vida urbana está diretamente atrelada a vários fatores que estão reunidos na infraestrutura, no desenvolvimento econômico-social e àqueles ligados a questão ambiental. No caso do ambiente, constitui-se elemento imprescindível para o bem-estar da população, pois influencia diretamente na saúde física e mental da população (LOBODA, 2003 p.20).

As áreas verdes assumem um papel muito importante nas cidades no que se refere à qualidade do ambiente, pois servem de equilíbrio entre a vida urbana e o meio ambiente quando esses espaços são utilizados e preservados para este fim. Além disso, devem ser destinadas à recreação e ao lazer da população, de acordo com Amorim (2001, p. 37). Por outro lado, a falta de vegetação nas áreas traz consequências negativas para o meio ambiente urbano como: “alterações do clima local, enchentes, deslizamentos e falta de áreas de lazer para a população” (AMORIM, 2001 p. 38). Pode provocar processos erosivos nessas áreas e nos terrenos ao seu entorno.

De acordo com o Art. 8º, § 1º, da Resolução CONAMA Nº 369/2006, Conselho Nacional do Meio Ambiente, considera-se área verde de domínio público "o espaço de domínio público que desempenhe função ecológica, paisagística e recreativa, propiciando a melhoria da qualidade estética, funcional e ambiental da cidade, sendo dotado de vegetação e espaços livres de impermeabilização".

As áreas verdes urbanas são consideradas como o conjunto de áreas intraurbanas que apresentam cobertura vegetal, arbórea (nativa e introduzida), arbustiva ou rasteira (gramíneas) e que contribuem de modo significativo para a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental nas cidades. Essas áreas verdes estão presentes numa enorme variedade de situações: em áreas públicas; em áreas de preservação permanente (APP); nos canteiros centrais; nas praças, parques, florestas e unidades de conservação (UC) urbanas; nos jardins institucionais; e nos terrenos públicos não edificadas.

No caso das áreas verdes, pode-se considerar um tipo especial de espaços livres, onde o elemento fundamental de composição é a vegetação. Estes espaços públicos devem satisfazer a três objetivos principais: ecológico-ambiental, estético e de lazer. Cavalheiro et al. (1999 apud NUCCI, 2003) aponta alguns critérios para essas áreas, tais como:

Vegetação e solo permeável devem ocupar, pelo menos, 70% da área verde; devem servir à população, propiciando um uso e condições para recreação. Canteiros, pequenos jardins de ornamentação, rotatórias e arborização não podem ser considerados áreas verdes, mas sim "verde de acompanhamento viário", que com as calçadas (sem separação total em relação aos veículos) pertencem à categoria de espaços construídos ou espaços de integração urbana.

Atualmente as áreas verdes estão se tornando escassas e mal cuidadas, principalmente em áreas urbanas (figura 1). Para Leff (2006), a crise ambiental não se constitui, necessariamente, em uma catástrofe ecológica, mas nas mudanças do pensamento com o qual temos construído e destruído o mundo globalizado e nossos próprios modos de vida. Ele a denomina de uma "crise civilizatória", a qual se apresenta como um limite no real que significa e reorienta o curso da história.

Figura 1: Praça em Nova Delhi – Índia



Fonte: Autora (2018)

A crise ambiental se constitui na crise do pensamento ocidental, da metafísica que fez a disjunção entre “o ser e o ente”, que produziu um mundo fragmentado e coisificado no controle e domínio da natureza. E, finalmente, “se expressa como um questionamento da ontologia e da epistemologia com as quais a civilização ocidental compreende o ser e as coisas; da ciência e da razão tecnológica com as quais dominou a natureza e economia no mundo moderno” (LEFF, 2006, p. 288).

Arne Naess, um ecologista profundo<sup>1</sup>, alega que é essencial substituir o conceito egoísta estreito e ineficaz de “eu” pela ideia mais ampla de “Eu” como uma relação interior de todos os outros elementos do mundo natural. Vários autores concordam em afirmar que mais do que um problema de escassez de recursos naturais, o problema é a diminuição da qualidade de vida das pessoas, que está determinando as necessidades de conservação da natureza (JORDAN, 1995). Assim, se observa a urgência nas restaurações em ambientes urbanos com o crescente número de pessoas vivendo em cidades.

No ano de 1800, 3% da população global vivia em cidades e em 2018 54% (Nações Unidas 2018) da população se encontra no meio urbano. Os mesmos mecanismos ecológicos que atuam fora da cidade são válidos

---

<sup>1</sup> O conceito de Ecologia profunda é que cada elemento da natureza, inclusive a humanidade, deve ser preservado e respeitado para garantir o equilíbrio do sistema da biosfera.

também dentro dela. A cidade possui redes hídricas, produção primária, polinizadores, dispersores e tantos outros que se somam a aspectos tipicamente urbanos como transporte, segurança e moradia humana. Portanto, o resultado de uma restauração na cidade deve ser medido à luz de ambos conjuntos de critérios ambientais e sociais, e a restauração urbana serve também para reconciliá-los. Segundo Rodrigues (2013), o reestabelecimento das interações entre pessoas e os sistemas naturais é o melhor argumento para restauração urbana.

Uma influência importante para a restauração urbana foi o paisagista Frederick Law Olmsted (1822-1903) criador, do Central Park em Nova York. Sua concepção do parque urbano era de um local em que todas as classes sociais pudessem ter um contato renovador com a natureza. No Brasil, igualmente, Roberto Burle- Marx (1909-1984) estimulou o contato da cidade com a flora nativa, ainda que a intensa manutenção necessária em seus jardins não permita chamá-los de restaurações urbanas (RODRIGUES, 2013).

Com uma conjuntura política favorável de apoio dos partidos "verdes", no começo da década de 1990, a ecologia urbana se torna um domínio de convergência importante para os programas nacionais de pesquisa científica e de avaliação das políticas públicas.

Assim, a partir de 1992, o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério da Infraestrutura lançam em conjunto um importante programa de iniciação à pesquisa. O objetivo foi de ajudar a esclarecer onde a sensibilidade ecológica modifica as concepções da cidade e a responder questões sobre a ecologia urbana frente ao projeto científico. Com efeito, a pesquisa científica havia se concentrado, até então, sobre o impacto do planejamento sobre os meios naturais fora das cidades e a Ecologia urbana procura entender os sistemas naturais dentro das áreas urbanas (figura 2). É uma área que trabalha com as interações entre plantas, animais e seres humanos.

Figura 2: Interação entre fauna, flora e ser humano em áreas urbanas



Fonte: Autora (2016)

Ecologistas urbanos estudam árvores, rios, vida selvagem e áreas livres, para entender as relações destes frente à urbanização e outras formas de pressão e poluição causadas pelos seres humanos. A ecologia urbana não é um subproduto de um pós-modernismo que rejeita a planificação, louvando o poder local. Ela se inscreve como uma orientação de renovação da modernidade. Representa uma "esperança de renovação conceitual" (SOBREYRAN, 1997).

Com muita lentidão, alguns começam a entender que o bem-estar de Gaia<sup>2</sup> é mais importante que o bem-estar da humanidade. A ciência de Gaia confirma a ameaça à Terra, mas nos permite continuar com o velho naturalismo em que a Terra normalmente é benigna, mas, assim como as antigas deusas, pode ser, às vezes, cruel, e em que apenas os humanos são sentimentais. Para sermos verdes de verdade, temos de nos despir da ilusão de que somos de alguma

---

<sup>2</sup> Gaia refere-se à hipótese da ecologia profunda que propõe que a biosfera e os componentes físicos da Terra (atmosfera, criosfera, hidrosfera e litosfera) são intimamente integrados de modo a formar um complexo sistema interagente que mantém as condições climáticas e biogeoquímicas preferivelmente em homeostase.

forma, separados de Gaia. Somos parte dela como qualquer coisa viva e deveríamos nos sentir ligados, como em um bom casamento amoroso, até que a morte nos separe (LOVELOCK, 2010, pp.217).

Atualmente, a gestão dos recursos ambientais tem grandes desafios na preservação do contato do homem urbano com a natureza. Como os processos ecológicos estão interligados, a gestão da natureza, seus recursos e seus serviços devem ser feitos de maneira integrada. Os economistas acreditam que a melhor maneira de preservá-los é dando-lhes um valor que lhes permita ser incorporados ao mercado. No entanto, isso não tem sido fácil, especialmente quando se trata de serviços culturais e de suporte. Uma alternativa tem sido criar incentivos e subsídios econômicos para proteger tais serviços, como títulos de carbono e pagamento pela conservação de áreas com vegetação natural.

São novos modelos de gestão urbana, reconhecida pela capacidade de dinamizar investimentos e promover desenvolvimento econômico por meio da compreensão de problemas pontuais da cidade com práticas especulativas de reestruturação de áreas, fortalecendo direcionamentos de recursos assimétricos (MALENGRAU, 2013), transformando-as em palcos de competição na busca pela atração de investimentos (HARVEY, 1996).

A dominação da mercadoria exerceu-se, antes do mais, de uma maneira oculta sobre a economia, que ela própria, enquanto base material da vida social permanecia despercebida e incompreendida, como o familiar que apesar de tal não é conhecido. Numa sociedade em que a mercadoria concreta permanece rara ou minoritária, a dominação aparente do dinheiro se apresenta como o emissário munido de plenos poderes que fala em nome de uma potência desconhecida. Com a revolução industrial, a divisão manufatureira do trabalho e a produção maciça para o mercado mundial, a mercadoria aparece efetivamente como uma potência que vem realmente ocupar a vida social. É então que se constitui a economia política, como ciência dominante e como ciência da dominação. O espetáculo é o momento em que a mercadoria chega à ocupação total da vida social. Não só a relação com a mercadoria é visível, como nada mais se vê senão ela: o mundo que se vê é o seu mundo (DEBORD, 1997).

A incorporação de novos atores aos processos urbanos, buscando o resultado financeiro promovido pela exposição da cidade através do “marketing

urbano”, reduz a construção social -histórica a um elemento mercantilizado no qual a cidade torna-se mercadoria e o direito à cidade passa a ser proporcional ao índice de solvência da população (VAINER, 2000, p. 78).

Fiorillo (2002) defende a aplicação do Estatuto da Cidade em face de territórios que não cumprem sua função social, lugares em que não há o adequado aproveitamento do solo urbano. Isso se dá a fim de que todos tenham acesso à cidade e aos recursos urbanísticos por ela oferecidos. Christensen et al. (1996) definiram a gestão dos ecossistemas como "gestão pautada por objetivos explícitos, implementados por meio de políticas, protocolos e práticas específicas, e adaptáveis por meio de monitoramento científico e pesquisas baseadas em nossa melhor compreensão das interações e processos ecológicos necessários, a fim de manter composição, estrutura e funcionamento do ecossistema".

Stanford e Poole (1996) propõem que um programa de gestão deve começar com uma avaliação e síntese do conhecimento básico sobre os processos que estruturam e mantêm o funcionamento do ecossistema.

A ecologia não estuda os seres vivos do ponto de vista individual, e sim analisa a realidade global. Existem três níveis de análise. Por um lado, são estudadas as populações, ou seja, o conjunto de indivíduos de uma determinada espécie e que vivem em um lugar específico. Em um nível superior, a ecologia está focada no conhecimento das comunidades, ou seja, no conjunto de populações diferentes relacionadas normalmente através de vínculos alimentares (um exemplo seria a savana africana, onde convivem e interagem populações de animais que criam comunidades). O terceiro nível da ecologia trata do estudo dos ecossistemas, que são um conjunto de comunidades inter-relacionadas, que por sua vez se encontram em um ambiente como exemplo o rio, a floresta e o deserto. A transformação dos ecossistemas naturais e, com isso, a deterioração dos serviços ecológicos que nos oferecem, tem sido identificada como a causa da grave crise ambiental que o planeta está vivenciando.

A ecologia focada nos ecossistemas está fornecendo ferramentas conceituais muito úteis para reduzir o impacto negativo das atividades humanas nos ecossistemas naturais.

Para tanto, enquanto o espaço verde é frequentemente visto como autossustentável, a Infraestrutura Verde implica num espaço verde e num sistema natural que precisa ser ativamente protegido, mantido e, em alguns casos, restaurado. Assim, a Infraestrutura Verde difere dos convencionais enfoques de conservação do solo e proteção dos recursos naturais, porque vê a conservação conectada com desenvolvimento do solo e planejamento de infraestrutura com fins antrópicos (BENEDICT, 2009).

Estudos e pesquisas referem-se às atividades econômicas e sociais empreendidas pelas sociedades que ocasionaram mudanças significativas nos sistemas ambientais, cujos impactos provocam alterações drásticas e abruptas, talvez irreversíveis, no clima de nosso planeta, portanto, para tratar de Infraestrutura Verde torna-se necessário aproximar-se do conceito de resiliência. Diante desse contexto, resiliência pode ser definida como a capacidade do ecossistema em manter ou retornar às suas condições originais após um distúrbio provocado por forças naturais ou pela ação humana.

Para lidar com a resiliência ecológica de ecossistemas específicos, mais que otimizar recursos envolve a compreensão das vulnerabilidades e incertezas que podem ocorrer durante o processo. Sendo assim, se faz necessário informar políticas de desenvolvimento e proporcionar evidências mais seguras para a tomada de decisão.

Para tanto Franco (2010) apresenta os princípios definidores da infraestrutura verde:

**Conectividade** a infraestrutura verde delinea a força do seu foco em conectividade, entre espaços naturais e os parques e outros espaços abertos, entre as pessoas e os programas. A conservação biológica tem demonstrado que a conexão é essencial para os sistemas naturais desempenharem sua função genuína e para propiciar a vida selvagem. Assim, é de fundamental importância estabelecer a conexão entre os componentes dos ecossistemas – parques, áreas de preservação, áreas ripárias, áreas úmidas e outros espaços verdes - para que eles juntos possam manter valores e serviços dos sistemas naturais, tais como carregar e filtrar água da chuva, e manter a saúde e a diversidade das populações de vida selvagem. Dessa forma a infraestrutura verde pode ajudar a estabelecer prioridades na aquisição de terra que assegure conectividade adequada entre áreas já preservadas.

**Contexto** o entendimento dos ecossistemas e da paisagem requer uma análise do contexto onde esses ecossistemas existem isto e a compreensão dos fatores físicos e biológicos das áreas de entorno.

**Estrutura** a Infraestrutura verde pode funcionar como estrutura para a conservação e o desenvolvimento.

**Comprometimento** a infraestrutura verde requer comprometimento de longo prazo por parte do governo e dos agentes sociais (FRANCO, 2010, p.142-142).

Dentre os benefícios da Infraestrutura Verde podemos considerar a implantação de áreas urbanas permeáveis ou semipermeáveis, plantadas ou não que apresentam algum grau de manejo e gerenciamento público ou privado (FRANCO, 2010).

Conforme Franco (2010) no artigo, Infraestrutura Verde em São Paulo: o caso do Corredor Verde Ibirapuera-Villa Lobos, destacaram-se aspectos na qualidade de vida em áreas pertencentes à infra estrutura urbana.

- 1- Melhora da qualidade do ar promovendo a saúde humana;
- 2- Sequestro de carbono da atmosfera;
- 3- Amortização do balanço climático entre temperaturas baixas e altas no microclima urbano entre dia-noite e as estações do ano;
- 4- Proteção, conservação e recuperação da biodiversidade da flora e fauna na área urbana;
- 5- Contenção da erosão;
- 6- Promoção de atividades contemplativas, esportivas e de lazer;
- 7- Promoção da importância da paisagem como fator determinante da estética urbana;
- 8- Incremento do fator permeabilidade do solo urbano permitindo a percolação da água e, portanto a redução de enchentes;
- 9- Articulação e conectividade entre espaços verdes;
- 10- Promoção da segurança urbana;
- 11- Proteção de áreas de fragilidade ecológica;
- 12- Promoção de áreas de alto valor imagético, icônico e de identidade de lugares e sítios urbanos.

#### 1.4 Conceito de rizoma

Em botânica, denomina-se rizoma a um tipo de caule que algumas plantas possuem que cresce horizontalmente, podendo ser superficial ou

subterrâneo. Possui uma estrutura densa, de múltiplas entradas e saídas, numa trama sem princípio nem fim, conectando todas as formas que surgem no exterior. Os rizomas são levemente cilíndricos e apresentam crescimento horizontal, paralelo ao solo. Possuem gemas ao longo de sua extensão, de onde surgem as brotações. As plantas com rizomas crescem formando touceiras que podem ser separadas para formar novas plantas (VIDAL&VIDAL, 1990). Um exemplo de planta é o açafrão-da-terra (*cúrcuma longa*) onde a parte utilizada como alimento é o rizoma como mostra a figura 3.

Figura 3: Cúrcuma



Autor: Köhler's Medicinal Plants

No método rizomático de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) o rizoma seria uma maneira de expressar as multiplicidades sem ter que ligá-las à unidade. É movimento contínuo, cresce e transborda, não tem qualquer centro, expande-se e o princípio deixa de existir. Como em tudo existe um princípio, mas o que define o rizoma é o durante, o entre, a expansão e não o começo. Está em permanente renovação e é sempre “entre”.

O que Guattari e eu chamamos rizoma é precisamente um caso de sistema aberto. Volto à questão: o que é filosofia? Porque a resposta a essa questão deveria ser muito simples. Todo mundo sabe que a filosofia se ocupa de conceitos. Um sistema é um conjunto de conceitos. Um sistema aberto é quando os conceitos são relacionados a circunstâncias e não mais a essências. Mas por um lado os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem: é preciso inventar, criar os conceitos, e há aí tanta invenção e criação quanto na arte ou na ciência (DELEUZE, GUATTARI, 1995).

Na verdade não basta dizer viva o múltiplo, é preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe sempre  $n-1$  (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída. Tal sistema poderia ser chamado de rizoma. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.13).

Para melhor compreender esse conceito, Deleuze e Gattari enumeraram características aproximativas do rizoma (DELEUZE, GATTARI, 1995 p. 13).

1° e 2 - *Princípios de conexão e heterogeneidade:*

Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, linguísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos: não existe língua em si, nem universalidade da linguagem, mas um concurso de dialetos, de patoás, de gírias, de línguas especiais (DELEUZE, GATTARI, 1995 p. 14).

Há sempre algo de genealógico numa árvore, não é um método popular. Ao contrário, um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência (DELEUZE, GATTARI, 1995 p. 14).

3 - *Princípio de multiplicidade:*

As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade) (DELEUZE, GATTARI, 1995 p. 15).

Em um rizoma encontram-se somente linhas e não pontos ou posições como numa estrutura, numa árvore numa raiz (DELEUZE, GATTARI, 1995 p. 15).

A multiplicidade, não se deixa sobrecodificar, nem jamais dispõe de dimensão suplementar ao número de suas linhas, quer dizer, à multiplicidade de números ligados a estas linhas. Todas as multiplicidades são planas, uma vez que elas preenchem, ocupam todas as suas dimensões: falar-se-á então de um *plano de consistência* das multiplicidades, se bem que este "plano" seja de dimensões crescentes segundo o número de conexões que se estabelecem nele. As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. O plano de consistência (grade) é o fora de todas as multiplicidades. A linha de fuga marca, ao mesmo tempo: a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achatar todas estas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões. O ideal de um livro seria expor toda coisa sobre um plano de exterioridade, sobre uma única página, sobre uma mesma paragem: acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais (DELEUZE, GATTARI, 1995 p. 16).

#### 4 - *Princípio de ruptura a-significante:*

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É como tentar exterminar formigas, onde uma maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir é um rizoma animal. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar (DELEUZE, GATTARI, 1995 p. 17).

#### 5° e 6° - *Princípios de cartografia e decalcomania:*

Um rizoma não se justifica por um modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou estrutura profunda, os dois princípios do decalque. Fazer o mapa, não o decalque. Se o mapa se opõe ao

decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. Rizoma é o *mapa e não decalque*.

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE, GATTARI, 1995 p. 20).

Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter múltiplas entradas. Uma experiência real a ser construída, não uma ideia a ser reproduzida (DELEUZE, GATTARI, 1995 p. 13).

Pode-se objetar que o mapa pode ser decalcado, mas existe uma assimetria decisiva: é necessário projetar o decalque sobre o mapa e não o contrário. Não é exato que um decalque reproduza um mapa. Por ser da ordem da representação, o decalque precisa isolar o que lhe serve como modelo e artificialmente organizar, estabilizar, neutralizar as multiplicidades segundo as significâncias e subjetivações que já são suas. O perigo é quando um decalque imobiliza um rizoma, aí não mais passa o desejo, já que é sempre por rizoma que o desejo se move e produz (DELEUZE, GATTARI, 1995 p. 13).

Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, lingüísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos: não existe língua em si, nem universalidade de linguagem, mas um concurso de dialetos, de patoás, de gírias, de línguas especiais. Não existe locutor-auditor ideal, como também não existe comunidade lingüística homogênea. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 23)

## 1.5 O Espaço Público da Praça

O espaço público não é meramente o espaço vazio entre edifícios e ruas, nem um espaço vazio considerado público por razões exclusivamente jurídicas (figura 4). É mais do que isso. É um espaço multifuncional que serve de palco à sociedade; é um espaço físico, simbólico e político onde as relações sociais se estabelecem. Borja, afirma também, que contar a história do espaço público é contar a história da própria cidade, e que a qualidade da cidade poderá ser avaliada através do seu espaço público, pois indica a qualidade de vida dos cidadãos e o seu grau de cidadania (BORJA, 2001).

Figura 4: Praça em Nova York



Fonte: Autora (2019)

Gomes defende o espaço público como o lugar da sociabilidade, a *mise-en-scène* da vida pública em que se exercita a arte da convivência. É, antes de tudo, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa, dentro de regras de convívio e debate. Para ele, “o lugar físico orienta

as práticas, guia os comportamentos, e estes, por sua vez, reafirmam o estatuto público deste espaço” (GOMES, 2002, p.162).

A praça, referência de espaço público, é um elemento urbano, livre de edificação, destinado ao lazer e convívio da população, acessível aos cidadãos e livre de veículos. Sua função primordial é a de aproximar e reunir as pessoas, seja por motivo cultural, econômico (comércio), político ou social (ROBBA; MACEDO, 2010, p.17). Um local dotado de símbolos, que carrega o imaginário e o real, marco arquitetônico e local de ação, palco de transformações históricas e sócio culturais, sendo fundamental para a cidade e seus cidadãos. Constitui-se em local de convívio social por excelência (DIZERÓ, 2006). Segundo Font (2003), é um espaço de reunião, construído para e pela sociedade, imbuída de significados, marcos centrais da constituição de trajetos, ponto de chegada e partida, concentração e dispersão. Consiste em espaço para pedestres e é palco representativo da dimensão cultural e histórica da cidade, além de abrigar, frequentemente, o comércio formal e o informal, como as feiras populares, coloniais, de artesanato, entre outras.

Lynch apresenta a praça como um modelo diferente de espaço aberto urbano, tomado fundamentalmente das cidades históricas europeias. A *plaza* pretende ser um foco de atividades no coração de alguma área “intensamente” urbana. Tipicamente, ela será pavimentada e definida por edificações de alta densidade e circulada por ruas ou em contato com elas. Ela contém elementos que atraem grupos de pessoas e facilitam encontros: fontes, bancos, abrigos e coisas parecidas. A vegetação pode ou não ser proeminente. A *piazza* italiana é o tipo mais comum. Em algumas cidades americanas em que a densidade das pessoas nas ruas é alta o suficiente, essa forma tem-se sucedido elegantemente. Em outros lugares, essas *plazas* emprestadas podem ser melancólicas e vazias (LYNCH, 1981, pp.442-443).

Este espaço público está relacionado às questões sociais, formais e estéticas de um assentamento (figura 5). Não é possível falar sobre praças sem analisar o contexto urbano no qual estão inseridas (ROBBA; MACEDO, 2010, p.18).

Figura 5: Praça no Museu de Arte Moderna (MOMA) Nova York



Fonte: Autora (2017)

#### 1.6. Significado urbano da praça nos dias de hoje e compreensão de sua gênese a partir das primeiras vilas e povoados coloniais brasileiros

No Brasil, as praças foram fundadas a partir da doação de uma área de sesmaria<sup>3</sup> para determinado santo, com a conseqüente construção de uma capela e instituição de uma paróquia em seu louvor. Na época colonial não existia a propriedade absoluta da terra e sim o sistema de concessões para exploração; portanto o concessionário de uma sesmaria (sesmeiro) outorgava à Igreja o direito sobre um pedaço de terra. No sistema de concessão de terras – que vigorou até 1850 – o sesmeiro pagava o foro para o capitão da respectiva

<sup>3</sup> -A **origem das sesmarias** esteve relacionada com as terras comunais existentes no reino português e com a forma de distribuição delas entre os habitantes das comunidades rurais. O termo teria alguns significados: derivado de *sesmo*, o vocábulo sesmaria poderia significar 1/6 do valor estipulado pelo terreno; ou era decorrente do *sesmar*, cujo significado era avaliar, estimular, calcular; ou ainda da divisão de um território que era repartido em seis partes, trabalhados seis dias por semana, por seis sesmeiros. O objetivo de entrega das sesmarias era lavrar terrenos incultos. No caso da colonização portuguesa da América, as sesmarias, além de pretender criar as condições para o cultivo das novas terras conquistadas, buscavam ainda povoar o novo território.

capitania, que por sua vez, também destinava certa quantia à coroa portuguesa como pagamento pelo usufruto daquela terra (ROBBA; MACEDO, 2010, p.18).

A capelania e seu outorgado, padre ou sacerdote que então respondia pela paróquia, tinham o direito de repartir a área doada e conceder pedaços de chão para quem o solicitasse, iniciando, assim, um assentamento urbano. Em geral o centro era destinado à capela e seu adro, enquanto o espaço ao redor se destinava a áreas onde surgiriam o cemitério e o rossio. Havendo sobra, o espaço era retalhado em pequenos pedaços de terra (lotes), que eram, então, concedidos aos agregados da sesmaria (empregados, escravos alforriados, comerciantes), que pagavam o respectivo foro à paróquia (ROBBA; MACEDO, 2010, p.18).

Figura 6: Vista da Praça da Matriz em Porto Alegre na sua primeira urbanização em 1890.



Fonte: Virgílio Calegari (1890)

Dentro deste contexto, em volta da capela, foram sendo construídos o casario e as edificações que compunham uma freguesia, arraial ou vila (figura 6). Tal estrutura de formação das cidades coloniais foi também a força geradora dos primeiros espaços livres públicos brasileiros: os adros das igrejas. O espaço deixado em frente aos templos é justamente o espaço de formação da praça. Conforme a população cresce, o adro da igreja se consolida como um elo entre a comunidade e a paróquia, o mais importante polo da vida e o centro da vida sacra e mundana, pois atrai para o seu entorno

as mais ricas residências, os mais importantes prédios públicos e o melhor comércio (ROBBA; MACEDO, 2010, p.19).

Murilo Marx considera a praça como um espaço propício para reunião de gente e para exercício de um sem-número de atividades diferentes, surgindo na cidade, de maneira marcante e típica, diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. Destacava, aqui e ali, na paisagem urbana estes estabelecimentos de prestígio social. Realçam-se os edifícios e acolhem os seus frequentadores (MARX, 1980, p. 50).

As praças coloniais tinham como característica formal dominante a presença de um templo em seu entorno, posteriormente, toda sorte de edifícios importantes da cidade também passaram a ser implantados nas suas imediações. No território brasileiro apresentam-se exemplos de praças que em seu entorno tem edifícios significativos como a Praça XV de Novembro, no Rio de Janeiro com seus edifícios administrativos, a Praça Marechal Deodoro em Porto Alegre (figura 7) ou Pátio do Colégio em São Paulo tendo como elemento dominante a Igreja (ROBBA; MACEDO, 2010, p.20).

Figura 7: Vista atual da Praça Marechal Deodoro em Porto Alegre



Fonte: Ricardo André Frantz, 2006.

A formação da cidade colonial brasileira esteve sempre muito próxima da formação das cidades medievais europeias, quanto a sua estrutura morfológica, pois estas eram, também, núcleos que se desenvolveram a partir de estruturas religiosas independentes ou a partir de entrepostos comerciais (ZUCKER, 1959, p.20). Ruas, largos e praças iam se configurando a partir da

construção do casario, resultando em ruas estreitas e tortuosas, que convergiam para a edificação central do assentamento. E, diferiam quanto a função, ao uso e a apropriação do espaço público.

Conforme Zucker (1959), no núcleo urbano medieval, as praças são subdivididas em cinco grupos de acordo com sua função.

- Praças de mercado - onde acontecia toda atividade comercial da cidade, normalmente estabelecida em lugar de grande movimento, às vezes na própria rua principal ou em alargamentos adjacentes a ela;
- Praças no portal da cidade-em geral triangulares, de onde partiam duas ou três ruas para o centro. Eram áreas de passagem e distribuição de tráfego;
- Praças como centro da cidade, implantadas no centro do povoado, em comunidades novas;
- Adros de igrejas (parvis) são espaços em frente às igrejas, onde os fiéis se reuniam para as atividades religiosas, procissões, missas ao ar livre, e onde ficavam os cristãos novos, que não podiam entrar na igreja;
- Praças agrupadas são pequenos espaços de conexão entre praças de mercados e adros de igrejas.

A partir da análise das funções do espaço livre nos assentamentos coloniais brasileiros verifica-se que existe uma sobreposição de usos, permitindo que muitas funções aconteçam no mesmo logradouro, englobando as atividades sacras e profanas, civis e militares. É o espaço de integração de todos os elementos da sociedade, abarcando os vários estratos sociais. Local onde a população da cidade colonial manifestava sua territorialidade, os fiéis demonstravam sua fé, os poderosos, seu poder, e os pobres, sua pobreza. Era um espaço polivalente, palco de muitas manifestações dos costumes e hábitos da população, lugar de articulação entre os diversos estratos da sociedade colonial (ROBBA; MACEDO, 2010 p. 22).

Os jardins na cidade colonial brasileira ficavam restritos às propriedades religiosas e quintais das residências, sendo destinados a fins utilitários, com o

plantio de árvores frutíferas, hortaliças e plantas medicinais (ROBBA; MACEDO, 2010, p. 23).

Foi somente no final do século XIX e começo do século XX, com o enriquecimento do país em função da exportação de produtos como o café e a borracha, transformações marcantes sinalizaram mudanças significativas na forma da construção da cidade brasileira. As residências das elites desprenderam-se das divisas do terreno e foram ornadas com imensos jardins, assim como as ruas e praças passam a ter áreas verdes com ajardinamento (ROBBA; MACEDO, 2010, p. 26).

Todos os planos de embelezamento e reformas urbanas desta época tinham por objetivo modernizar o país. A dominação cultural europeia, aliada a necessidade de a nação afirmar-se e ganhar credibilidade como exportadora de produtos agrícolas para a Europa colaborou para a transformação da paisagem das cidades, sempre a imagem e semelhança dos centros europeus. Em muitas cidades brasileiras encontram-se grandes praças ajardinadas com projetos que se assemelham a um modelo europeu. Como exemplo a Praça Paris no Rio de Janeiro ou o Parque Municipal Américo Renné Gianetti, em Belo Horizonte, inspirados em jardins franceses clássicos (ROBBA; MACEDO, 2010, p.27).

Nesse período de transição do modelo de urbanização colonial para um novo modelo de cidade-bela, higiênica e pitoresca- é que surge uma nova tipologia urbana: a *praça ajardinada*. A praça ajardinada irá cruzar as duas tradições anteriores da praça e do jardim (ROBBA; MACEDO, 2010, p.28).

A praça colonial, conforme os mesmos autores, é usada como mercado, área de manifestações de cunho militar e político e área de recreação, perde algumas funções, recebendo outras no lugar. São minimizados os usos comercial e militar, passando a ser uma área destinada à contemplação da natureza e ao descanso – uso anteriormente reservado ao jardim.

O surgimento da praça ajardinada é um marco na história dos espaços livres urbanos brasileiros, pois altera a função da praça na cidade. O mercado foi transferido para edificações destinadas a atividades comerciais; as demonstrações militares de poder perdem a força no Brasil republicano, não acontecem mais nos largos e campos, deslocando-se para as grandes avenidas. Assim, a praça jardim deixa de ser – como eram, no período colonial,

o largo o terreiro e o adro da igreja – o palco da vida mundana e religiosa, civil e militar da cidade. A praça é agora um belo cenário ajardinado destinado às atividades de recreação e voltado para o lazer contemplativo, a convivência da população e o passeio (ROBBA; MACEDO, 2010, p.29).

Com a rápida consolidação e assimilação do modelo da praça ajardinada como padrão de modernidade urbana, consolidou-se também o hábito de projetar a praça pública. As praças já não podiam ter as características dos largos coloniais, sem vegetação ou sem os elementos pitorescos da *Belle Époque*. No entanto, os projetos ou reforma ficam condicionados as praças em localização nobre ou de importância econômica ou política. Já nos bairros pobres ou distantes da área central, esses espaços eram tratados como largos ou terreiros, sem projeto ou qualquer cuidado urbanístico. Ao longo das primeiras décadas do século XX, o modelo da praça ajardinada tornou-se um padrão de qualidade do espaço livre com a valorização dos tratamentos paisagísticos e ajardinamentos.

Os projetos desta época são fortemente influenciados pela cultura inglesa e francesa e se caracteriza pela apropriação de vários estilos e influências. Este estilo denominado de *Ecletismo* pode ser observado em muitas praças até o final do século XX.

A crescente valorização do uso da vegetação nas cidades, de forma a amenizar os efeitos da urbanização nos grandes centros, fortaleceu a tipologia da praça ajardinada.

Com a implantação do modelo industrial e crescente atividade comercial, transformações socioeconômicas atraem para cidades grandes populações em busca de trabalho e moradia, elevando o valor da terra urbana. Nesta perspectiva, também os espaços livres públicos e privados tornam-se escassos sendo ocupados por edificações.

A praça adquire novos significados na cidade moderna com a construção de loteamentos onde o traçado viário e o arruamento predetermina sua localização, assim como a necessidade de ruas para circulação de veículos entre a praça e os edifícios.

O espaço urbano moderno, projetado funcionalmente, dá ênfase ao lazer com atividades esportivas e recreação infantil e, neste contexto o modelo eclético de praça e parque contemplativo, passa a não ser mais aceito pela

comunidade. As novas tendências formais modernas, aliadas aos novos programas de uso, que englobavam atividades de lazer ativo, caracterizaram uma nova linha de projeto paisagístico denominado *Modernismo*, sendo seu maior expoente o paisagista Roberto Burle Marx (ROBBA; MACEDO, 2010, p.36).

A praça moderna foi ratificada socialmente como elemento necessário à vida na cidade. A população passou a valorizar cada vez mais esses espaços livres ajardinados em resposta ao constante processo de urbanização e verticalização (ROBBA; MACEDO, 2010, p.37). Surge a necessidade da preservação dos patrimônios ambientais devido aos graves problemas das áreas metropolitanas como enchentes, poluição, contaminação dos mananciais de água que se manifestaram em decorrência da falta de planejamento urbanístico. Com isso, na década de 1980 ocorre o surgimento de uma consciência ecológica (ROBBA; MACEDO, 2010, p.39).

No final do século XX se evidencia a cidade, com tráfego intenso de veículos e pessoas, a escalada da violência, a degradação progressiva do ecossistema urbano e a qualidade de vida o que forçou a revisão de alguns conceitos relativos ao programa de atividades dos espaços públicos. Estes voltam a ser palco de atividades como comércio e serviços com mercados, feiras, lojas e instituições públicas na praça. Paralelamente com o intenso fluxo de pedestres nas cidades contemporâneas também imprimiu a alguns projetos a vocação de área de passagem em áreas centrais, nos centros de bairro e em estações de transporte coletivo (ROBBA; MACEDO, 2010, p.41).

Propostas de revitalização de áreas antigas em busca de solucionar problemas de degradação se encontram presentes no final do milênio, em busca de adequações de uso, mais público e investimentos financeiros (figura 8). São novas propostas de projeto e adaptações dos usos, já consagrados, de contemplação, atividades esportivas e culturais, recreação infantil e convivência, aliados as correntes formais de vanguarda que caracterizam uma nova corrente projetual, a linha *contemporânea*, com desenhos arrojados, geométricos, cênicos, coloridos, orgânicos, além de serem implantados elementos e equipamentos dos mais diversos tipos e formas, como pórticos, colunas, ruínas e esculturas (ROBBA; MACEDO, 2010, p.42).

O espaço livre urbano tem a cada momento sua função ratificada devido a concentração da população nos grandes centros, já que proporciona melhor qualidade ambiental, possibilita um local de sociabilização, além de ser objeto referencial e cênico na paisagem da cidade (ROBBA; MACEDO, 2010, p.44 ).

Atualmente, o poder público é o principal produtor e gerenciador dos espaços livres urbanos, ficando cada cidade com o cuidado destes espaços, já que os departamentos responsáveis pela concepção e manutenção de praças estão ligados a prefeituras municipais ou eventualmente às secretarias estaduais (ROBBA; MACEDO, 2010, p.46). O processo de manutenção é indispensável à preservação dos espaços livres, para que não afaste os usuários e os investimentos públicos e privados. Sem usuários o espaço público perde seu significado e é uma presa fácil da voracidade dos agentes da transformação urbana, tanto por parte do poder público quanto pelo mercado imobiliário (ROBBA; MACEDO, 2010, p.49).

Para que os resultados sejam positivos, faz se necessário uma composição de arranjos de governança compartilhada entre setores públicos e privado, esferas de governo, comunidade cultural e sociedade civil. A lógica de fundo é gerar o sentimento de que seu sucesso é um direito e uma responsabilidade de todos, favorecendo a construção coletiva, as instituições e as relações sociais (FERNANDES, 2014).

Figura 8: Christopher Park cercado em Nova York



Fonte: Autora (2017)

## 1.7 Critérios da qualidade do espaço público

As praças enquanto espaço público e local de reunião das diferentes comunidades tem um papel importante na história da cidade. Com as mudanças de estilo de vida na sociedade supermoderna de Marc Augé, o espaço da praça ficou descaracterizado e sem valor para as pessoas que circulam no meio urbano. Conforme esse espaço público vai ficando esquecido, maior a urgência em novos estudos para ressignificar esta área enquanto patrimônio público.

Uma abordagem criteriosa é defendida por alguns autores, como Gemzoe e Gehl (2006), que defendem no seu livro “New City Life”, pontos essenciais que permitem diagnosticar a qualidade de um espaço público.

1 Proteção contra o tráfego. O espaço público e as cidades devem oferecer condições de segurança aos transeuntes, de forma a ocorrer uma segura mobilidade pelas ruas. É também evidenciada pelo autor, a necessidade de educar as populações em relação à segurança rodoviária.

2 Segurança nos espaços públicos. Neste critério, o autor defende a realização de atividades noturnas e a existência de iluminação que as pessoas se sintam seguras e capazes de frequentar estes lugares durante a noite.

3 Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis. É defendida a criação de áreas verdes de proteção ao vento, chuva e calor como forma de aliviar o calor, o ruído e diminuir a poluição.

4 Espaço para caminhar. Para um espaço público ser atrativo, é importante garantir o acesso a pontos de interesse, como fachadas interessantes de edifícios, através de caminhos sem obstáculos, com superfícies regulares e que sejam de fácil acessibilidade.

5 Espaços de permanência. Os espaços públicos, apenas são considerados agradáveis quando neles é possível permanecer por grandes períodos de tempo.

6 Ter onde se sentar. É necessário um aumento do mobiliário urbano nestes espaços públicos, como as grandes avenidas, parques e praças. Com este

aumento, é possível organizar a circulação das pessoas, estabelecer funções aos lugares e encontrar locais para descanso, leitura, etc.

7 Possibilidade de observar. Deve ser garantida a possibilidade de existirem sistemas de vistas para que seja possível contemplar a envolvente de várias perspectivas.

8 Oportunidade de conversar. Conhecidos como locais de encontro e confraternização, os espaços públicos devem possuir elementos tais como mobiliário urbano convidativo para uma maior relação entre as pessoas. Deve-se observar também, baixos níveis de ruído que permitam uma interação agradável (figura 9).

9 Locais para se exercitar. Os espaços públicos devem garantir o acesso a equipamentos desportivos e aparelhos de exercício a todos os cidadãos, combatendo assim, um elevado nível de sedentarismo que tem vindo a aumentar em todo o planeta.

10 Escala Humana. Importante garantir que novas infraestruturas possam relacionar-se com o cidadão numa escala humana, tendo por base a “perspectiva dos olhos das pessoas”.

11 Possibilidade de aproveitar o clima. É importante criar espaços públicos que se relacionem com o clima e a topografia da cidade onde serão construídos, por forma a potencializar estes espaços.

12 Boa experiência sensorial. Os espaços públicos devem possuir bons acessos, contato com a natureza, presença de água e animais, árvores e outras plantas, bem como mobiliário urbano confortável que assegure uma maior permanência dos visitantes no lugar e uma maior ligação entre as pessoas os seus sentidos.

Figura 9: Feira na em uma cidade na Alemanha



Fonte: Autora (2015)

Desta forma, são vários caminhos que vão ao encontro de uma percepção ideal de espaço público, incentivando a qualificação dos mesmos.

Já para Brandão (2002), as características/critérios gerais essenciais que o espaço público deve contemplar a fim de garantir um espaço de vivência e tornar possível a vida social dos cidadãos são:

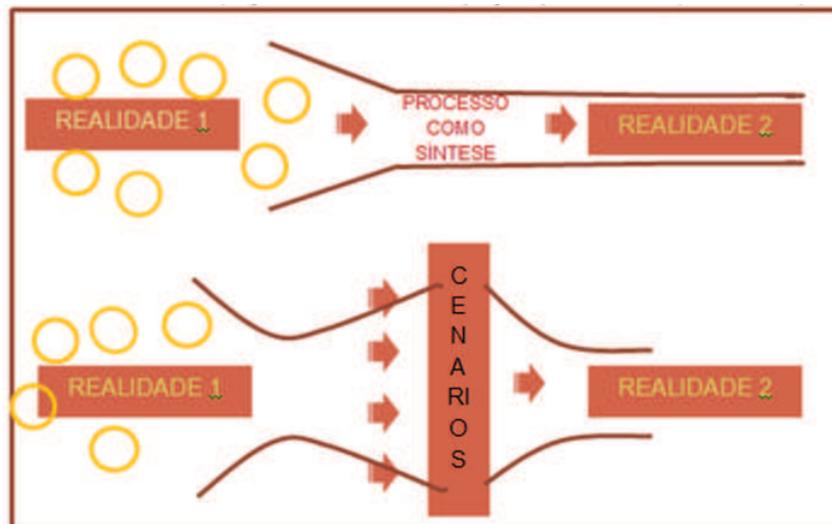
- A**-Identidade
- B**-Continuidade e Permeabilidade
- C**-Segurança, Conforto e Apreciação
- D**-Mobilidade e Acessibilidade
- E**-Inclusão e Coesão Social
- F**-Legibilidade
- G**-Diversidade e Adaptabilidade
- H**-Resistência e Durabilidade
- I**-Sustentabilidade

### 1.8. Projeto por cenários

O *projeto por cenários* é uma proposta de projeto pela não síntese, pelo dissenso (figura 10). Ou seja, diferentemente da imagem de um funil, que

ocorre nos processos de projeto, o projeto por cenários rompe por dentro, permitindo que o processo abra para alternativas (REYES, 2015, p.186).

Figura 10: Processo de projeto como síntese e projeto por cenários (não síntese)



Fonte: Reyes (2015)

A complexidade do processo ocorre desde a estruturação do problema e as alternativas surgem como diferentes trajetórias que o projeto pode seguir. Não há possibilidade de escolha entre a melhor alternativa; elas devem ser encaminhadas em paralelo, colocadas sempre em discussão até um possível amadurecimento ao final do processo (REYES, 2015, p.186).

Os cenários se apresentam como uma possibilidade de conversação com a intenção de confronto de modo que se esclareçam e evidenciem as diferenças entre eles, garantindo a pluralidade de diferentes visões sobre o território ao longo do processo de projeto (REYES, 2015, p.186).

Na construção dos cenários aborda-se a seguinte construção teórica baseada nas premissas segundo Reyes (REYES, 2015, p.187).

Diferentes teorias do território:

1. assimilação de diferentes teorias urbanas na descrição e análise para a construção do problema;
2. operação por sobreposição entre essas diferentes teorias de descrição do território pela complementaridade;
3. possibilidade de agregar diferentes entradas de informações em diferentes momentos do processo;

4. construção de um sistema que a todo momento possa ser modificado ou perturbado por acasos;

5. aceitação das ações externas como uma perturbação do equilíbrio estável do sistema.

Estruturar diferentes respostas ao problema permitindo uma ampliação do debate público sobre os resultados apresentados pelos diferentes cenários:

6. estruturação do problema de projeto por construção de cenários;

7. tensionamento entre as soluções no sentido de gerar uma conversação. É no *entre* cenários que a solução se constrói;

8. construção de cenários como uma plataforma de conversação entre diferentes atores;

9. ampliação do processo de participação de diferentes atores na construção do problema de projeto.

Segundo Wilkoszynski (2018) a metodologia para construir cenários com caráter prospectivo envolve quatro etapas sucessivas:

1. Coleta de valores por ideação (brainstorm);

2. Agrupamento de valores por significação (campos semânticos);

3. Classificação de valores por polarização (gráfico de polaridades);

4. Simulação de alternativas por cenarização (cenários).

### 1.8.1 Organização e sistematização dos dados em campos semânticos

O objetivo desta etapa é, através de um processo de associação, transformar as diversas “falas” sobre o local em imagens que servirão como recurso de projeto (REYES, 2015, p. 193). Depois de feitas as descrições analíticas a partir de diferentes teorias, transformam-se as informações em palavras-chave que representam as diversas características do lugar de projeto. Nesta etapa não se faz diferenças classificatórias entre as representações expressas pelas palavras-chave, sendo todas as imagens que foram transformadas em palavras-chave representativas do território em questão (REYES, 2015, p. 192). As informações sobre a realidade social em foco são oriundas de entrevistas, e/ou material bibliográfico. Assim como o uso

de informações representadas por imagens (fotografias ou sintetizadas em palavras);

Esta etapa se caracteriza por um “Brainstorm”, palavra em inglês cuja tradução é “tempestade mental”, exploração de ideias, visando à obtenção das melhores soluções encontradas por um grupo de pessoas. Compõe-se do “briefing”, palavra do idioma inglês que significa uma entrada ou coleta de dados sem metas ou objetivos definidos, por pesquisa contextual (WILKOSZYNSKI, 2018).

Após organizar essa lista de palavras-chave, as imagens são novamente reduzidas em palavras-síntese já que muitas delas se sobrepõem por representarem o mesmo problema ou característica (REYES, 2015, p.). De modo que, para um conjunto de palavras que se assemelham é feita uma redução a uma única palavra mais abrangente com capacidade de incorporar as outras sem perder o significado original. Essa palavra dará nome ao campo semântico. As informações sistematizadas e transformadas em palavras-síntese representam a situação-problema e constroem uma imagem da área (REYES, 2015, p.193).

Os “Campos Semânticos” organizam os significados das imagens por similaridade, eliminando sobreposições. Cada campo semântico recebe um conceito-síntese que melhor represente aquele conjunto de imagens (WILKOSZYNSKI, 2018).

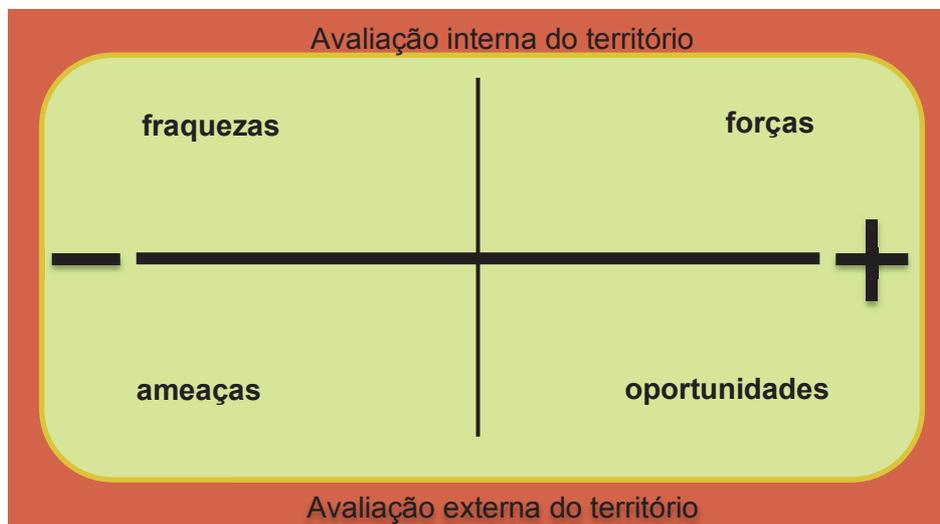
### 1.8.2 Valoração dos dados a partir de uma análise SWOT

Nessa etapa é feita uma avaliação do potencial das imagens como estruturadoras do problema e como vetores de crescimento, através de um gráfico muito utilizado nas áreas de planejamento estratégico chamado “Gráfico SWOT” (figura 11). SWOT é a síntese das palavras em inglês strength, weakness, opportunity e threat, significando forças, fraquezas, oportunidades e ameaças (REYES, 2015, p.193).

Os conjuntos de imagens são reagrupados numa classificação valorativa que identifica possíveis caminhos de projeto concentrando o foco nas imagens do segmento oportunidades (REYES, 2015).

Esse gráfico avalia aspectos importantes do lugar de projeto, organizados em quatro quadrantes através de dois eixos (REYES, 2015, p.194).

Figura 11: Gráfico SWOT



Fonte: Reyes (2015)

No lado superior, estão os aspectos internos diretamente relacionados à área de projeto e no nível inferior os aspectos externos ao lugar de projeto. À esquerda os valores negativos e a direita os positivos (REYES, 2015).

Primeiramente se identificam as forças e fraquezas internas ao local, as forças são características que garantem certa identidade do lugar, que devem ser mantidas e reforçadas e as fraquezas são as características que desqualificam o lugar e que não servem como fatores relevantes de projeto.

No outro extremo aparecem as ameaças e as oportunidades. Esses aspectos são fatores que geram impacto positivo ou negativo externo ao problema do local (REYES, 2015).

Como oportunidades consideram-se situações positivas que estão sendo pautadas para além do local, que podem gerar vetor de crescimento e/ou de estabilização e consolidação. Um exemplo são jogos olímpicos ou a copa do mundo que podem ser uma oportunidade de renovação urbana em determinados lugares do território (REYES, 2015, p.195).

Já as ameaças são questões negativas que afetam o local mesmo não tendo sido geradas no mesmo. Os eventos como a copa do mundo podem gerar efeitos como hipervalorização territorial, gentrificação urbana, crescimento de

obras viárias e conseqüente desvalorização na paisagem urbana (REYES, 2015, p.195).

### 1.8.3 Identificação das forças conflitivas que atuam sobre o território em um gráfico de polaridades ou pelo quadro semiótico

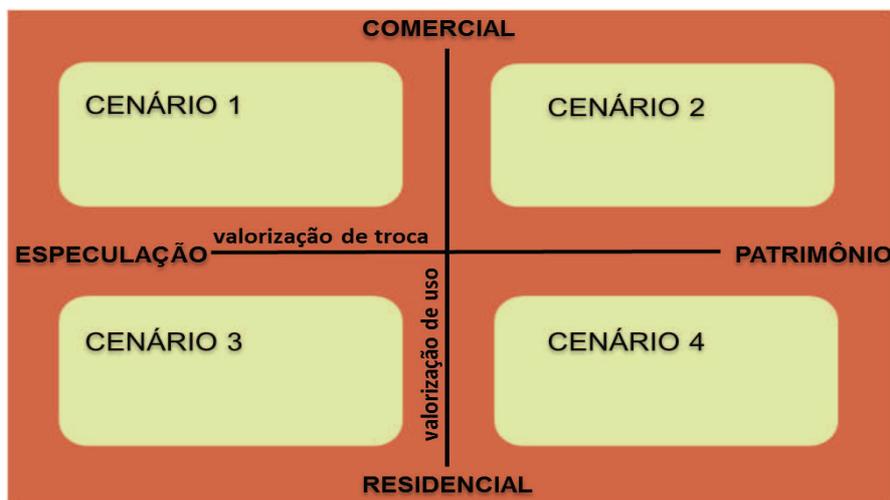
O gráfico de polaridades é um instrumento de projeto que possibilita organizar os cenários. O gráfico é estruturado a partir de dois eixos entrecruzados. Os eixos representam forças conflitivas que se apresentam significativas no desenvolvimento do território. Em cada extremidade do eixo posiciona-se um conceito que expressa um desses conflitos. Ao posicionar um dos conceitos, o outro surge como seu antagonista, dialogando de maneira inversa com o primeiro. Não são só forças de crescimento, mas, acima de tudo, são forças conflitivas que disputam o território e que não surgem como consenso (REYES, 2015, p.196).

Na concepção dos autores Moutinho (2006), Van der Heijden (2009) e Schwartz (1996) deve-se considerar dois tipos de forças motrizes: “*elementos predeterminados* (ou tendências predeterminadas, ou tendências consolidadas), que são forças sobre as quais, do ponto de vista estrutural, tem-se uma visão muito clara de como elas se desdobraram no futuro; e *incertezas críticas*, que são forças para as quais não temos uma ideia muito clara sobre seus desdobramentos no futuro” (REYES, 2015, p.196).

Os cenários são necessários em situações de alta complexidade, de conflito e de difícil visualização sobre os destinos do território em questão (REYES, 2015, p.196).

A figura 12 representa a estruturação dos cenários a partir de um gráfico de polaridades. No exemplo, uma das forças motrizes identificadas como incertezas críticas de um território poderia ser o excesso de valorização econômica. A esse eixo X, nomearíamos de “valorização de troca”. No eixo Y está a outra incerteza crítica relacionada aos diferentes usos do território, principalmente aqueles que se expressam de maneira conflitiva e está nomeada como “valorização de uso”. Nas extremidades dos eixos X e Y estão as forças conflitivas que atuam no território (REYES, 2015, p.197).

Figura 12: Estruturação dos cenários a partir de um gráfico de polaridades



Fonte: Reyes (2015)

#### 1.8.4 Transformação dos dados em cenários

Esta etapa se encaminha para a *representação dos cenários*. Os cenários resultam do cruzamento de cada extremidade do eixo X com a extremidade do eixo Y.

Os cenários nos posicionam na situação: “e se fosse...”. Essa expressão representa o conceito de cenários abrindo a perspectiva de narrativas possíveis sobre o destino do território (REYES, 2015, p.200).

Os cenários compõem-se nessas narrativas estruturadas por textos e imagens que ajudam a visualizar o futuro. Os textos constroem o sentido e as imagens funcionam no deslizamento e na mobilidade desse sentido (REYES, 2015, p.200).

Quanto ao texto, a cada cenário se propõe um nome e se relata uma história do formato jornalístico da situação no presente. Esse relato deve ser baseado em premissas verdadeiras, como se de fato estivéssemos descrevendo uma cena verídica, mas sem tendências positivas ou negativas em relação ao texto. A narrativa deve ser coerente em si e ter vínculo com a história do território (REYES, 2015, p.201).

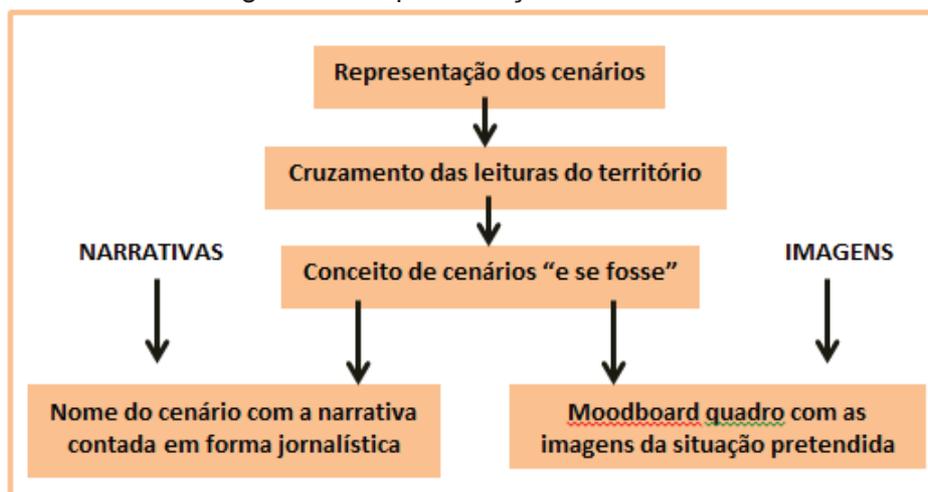
Para ampliar a visualização do cenário, em composição com as narrativas, utilizam-se as imagens (figura 13). Para isso constrói-se um “moodboard”, uma

espécie de quadro de imagens com diversas situações que compõem o cenário (REYES, 2015, p.201).

A imagem fotográfica tem uma capacidade de ser lida como verossimilhança, como um enlace fiel entre o objeto referente e sua imagem. Porém, neste contexto, as fotografias devem ser sugestivas para que se possa construir um *real*, e não podem ser um “retrato” da cena. O retrato direciona a um caminho, podendo restringir as opções de projeto (REYES, 2015, p.202).

O fato de se usarem várias imagens fotográficas que representem esse futuro é devido à necessidade de construir uma situação que seja, ao mesmo tempo, factível e não retrate fielmente a cena. As imagens funcionam como estabilizadoras e desestabilizadoras do sentido. Ou seja, uma imagem isolada representa muito uma cena, mas quando se está entre outras valem juntas pela cena. O sentido fica um pouco mais aberto e a cena futura fica nesse *entre* imagens, e não *na* imagem (REYES, 2015, p.202).

Figura 13: Representação dos cenários



Fonte: Reyes (2015)

#### 1.8.5 Interpretação de cenários

Esta etapa foi descrita de modo resumido, já que a pesquisa não teve como objetivo abordar a etapa sobre interpretação dos cenários. Fica aqui uma possibilidade de investigação para pesquisas futuras.

Os cenários devem servir para se estabelecer uma conversação com a comunidade envolvida no entendimento das forças que configuram e movimentam o campo de disputa (REYES, 2015, p.206).

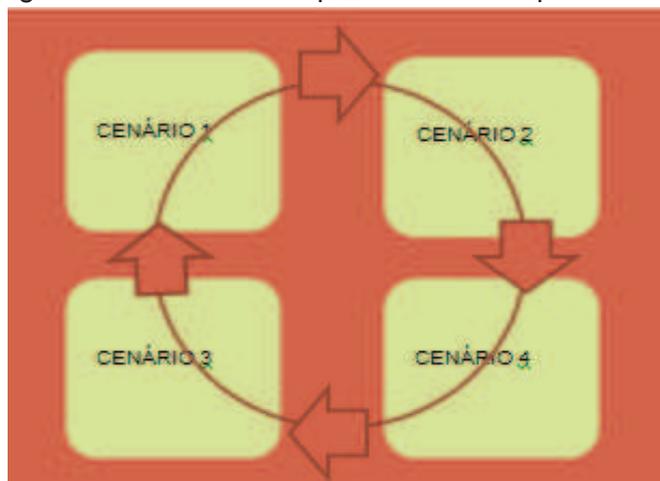
Os cenários funcionam em situações em que exista o dissenso e como todas as possibilidades de reflexão são consideradas, mantem-se a diversidade das ocorrências futuras e ajudam a modificar o modelo mental de percepção do mundo. Os cenários não são adivinhações. Mas mesmo assim, podemos refletir sobre eles (REYES, 2015).

Numa primeira leitura os cenários são vistos individualmente e se propõe uma conversação em busca do crescimento do território e ações sobre seu futuro. A partir desta discussão sobre cada um dos cenários com os atores sociais envolvidos no projeto se cruzam todos os cenários com todos (figura 14), com a intenção de verificar os níveis de interferência de cada cenário em cada cenário (REYES, 2015, p. 206).

A partir desses cruzamentos, pode-se derivar (REYES, 2015, p. 208).

1. a identificação detalhada do território;
2. o mapeamento dos diferentes atores envolvidos naquele cenário;
3. a identificação dos campos de força;
4. o indicativo de futuro através da construção de uma visão;
5. a identificação de ações decorrentes desse cenário.

Figura 14: Cenários complementares temporalmente



Fonte: Reyes (2015)

### 1.9 Etnografia de rua

A etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2003) está fundamentada na antropologia urbana (VELHO, 1999), e tem por objetivo compreender as especificidades da vida urbana e de que modo os fenômenos socioculturais são produzidos, reproduzidos e vivenciados na vida cotidiana. Esta consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas «sem destino fixo» nos seus territórios. A intenção não se limita, portanto, apenas a retornar o olhar do pesquisador para a sua cidade por meios de processos de reinvenção/reencantamento de seus espaços cotidianos, mas capacitá-lo às exigências de rigor nas observações etnográficas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana. (ECKERT; ROCHA, 2003).

O método etnográfico é a ferramenta antropológica que conduz à observação e descrição detalhada de parte da realidade, na tentativa da construção de um olhar diferenciado e não-etnocêntrico (GEERTZ, 1991; LAPLATINE 1988). O método pertence ao campo da Antropologia Social e inicialmente foi empregado para o conhecimento de sociedades “primitivas”, exóticas, geograficamente distantes e de pequena dimensão. Posteriormente, as fronteiras do fazer etnográfico foram ampliadas, passando à pesquisa de pequenas sociedades urbanas, e em seguida, a estudos sobre cidades, incentivados pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago (SOUZA; BARROSO, 2008).

Atualmente, pode-se dizer que a aplicação do método não encontra restrições em relação a seus objetos e campos de estudo, e que não há “nenhum território da etnologia” (LAPLATINE, 1988), uma vez que todas as manifestações sociais são também culturais e carecem, para sua compreensão, de uma interpretação dentro do sistema simbólico e cultural em que foi produzida (GEERTZ, 1991).

Para praticar a etnografia é necessário ir além de simples observação e descrição, sendo importante manter um diário, estabelecer relações, fazer levantamentos, entrevistas e transcrições – mas acima de tudo, o que define a prática etnográfica é o esforço intelectual interpretativo, a chamada “descrição

densa” (GEERTZ, 1991). A descrição etnográfica é essencialmente interpretativa e microscópica (GEERTZ, 1991; LAPLATINE, 1988).

Admitindo sua imparcialidade diante do objeto, o etnógrafo deve situar-se, colocar-se diante dele como sujeito, que carregado de história de vida, experiência, visão de mundo e subjetividade sempre produzirá um enfoque particular e essencialmente contestável. A prática antropológica requer simultaneamente extrema proximidade e distanciamento da realidade estudada, sempre na busca do “olhar estrangeiro” que se surpreende e se prende a cada detalhe. A visão microscópica é a leitura dos pequenos detalhes, dos aspectos cotidianos e concretos da realidade, é deter-se nos gestos, nas intenções, nos olhares, no anonimato ou no informal – que, embora sejam aparentemente secundários no estudo da sociedade, quando densamente conectados e analisados podem apoiar grandes conclusões e interpretações sobre o espaço e a cultura analisada (GEERTZ, 1991; LAPLATINE, 1988).

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O mundo já possui o sonho de um tempo. Para vivê-lo de fato, deve agora possuir consciência dele (DEBORD, 1997).

A pesquisa se propõe a abordagem qualitativa, com um estudo inicial do tipo etnográfico, que tem como objetivo mapear os lugares antropológicos e os "não lugares", especificamente das praças e com base nesse levantamento, buscar através do imaginário social, possíveis cenários futuros para esse território.

Textos etnográficos tendem a se assemelhar a romances, mais próximos de textos ditos literários que dos considerados científico (GEERTZ, 2008). Dessa forma, narram-se os acontecimentos em primeira pessoa do singular, buscando alcançar as singularidades e as diversidades que se apresentam no curso da experiência em campo.

Nesse sentido, a escrita em primeira pessoa do singular, aspecto debatido na produção textual de cunho etnográfico, não significa necessariamente a produção de um texto intimista. Significa que "o autor não se deve esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente, valendo-se da primeira pessoa do plural: nós" (OLIVEIRA, 2000, p. 30).

Essa pesquisa utiliza a terceira pessoa na construção dos textos, o que é amplamente aceito no meio acadêmico e científico. Contudo, na etapa da etnografia nas praças, a narrativa utilizou-se da primeira pessoa do singular ao relatar as observações e percepções da pesquisadora.

A localização das praças mapeadas envolve espaços contíguos de um bairro da cidade de Porto Alegre. Com isso, o campo empírico foi constituído pelo contexto das praças, sendo este delimitado pelos limites físicos do bairro Petrópolis no qual estão localizadas as praças em estudo.

Primeiramente, realiza-se uma pesquisa documental na SMAMS, a fim de levantar as diferentes origens e histórias sobre formação de cada praça no contexto do bairro. Segundo Pitt (1972 apud CAVEDON, 2003), o estudo do contexto histórico possibilita a compreensão da estabilidade e da mudança sociocultural, prevenindo possíveis erros de interpretação do presente.

Essa pesquisa de caráter interdisciplinar utiliza diferentes técnicas, entre elas: a etnografia de rua, a observação participante, narrativas, fotografia e construção de cenários, sendo importante salientar que essa dissertação não tem a pretensão de chegar a resultados exatos, mas de ser uma amostra possível da realidade atual e futura deste espaço público.

Nesse procedimento complementam-se as técnicas de observação participante e compilação de notas no "diário de campo" (MALINOWSKI, 1975), em diferentes momentos nas praças localizadas no bairro percorrido durante o estudo.

Utiliza-se também, entrevista temática e não estruturada com frequentadores de cada praça e com profissionais da área selecionados para essa etapa. A pesquisa sobre a tipificação de quatro praças elaborada pela SMAMS é parte integrante da pesquisa para melhor entendimento do objeto de estudo (VER ANEXOS).

Os temas articulados no roteiro das entrevistas e no diário de campo refletem o objetivo desta pesquisa, que é: ampliar a compreensão do significado da praça dentro do contexto de supermodernidade e urbanização crescente evidenciando a diversidade e dialética do lugar a fim de qualificar e preservar esse espaço público.

Para tanto, foram entrevistados cinco profissionais que atuam na Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade. Os sujeitos foram convidados por serem especialistas no assunto e possuírem evidente contribuição nesta área de estudo.

Já nas entrevistas de campo, foram entrevistados cinco frequentadores de cada praça, sendo os sujeitos escolhidos de acordo com a acessibilidade encontrada durante a fase da pesquisa etnográfica de rua. O critério de escolha busca a heterogeneidade dos cinco entrevistados, aqui descritos como atores com diferentes visões da praça. São eles: adultos, crianças, idosos, portadores de alguma deficiência, comerciantes, moradores da praça, feirantes, ciclistas entre outros atores.

Operar com cenários é projetar futuros imaginários expressos através de histórias plausíveis nas quais se narram sequências futuras de ações e de suas consequências. Tal procedimento constitui-se como uma técnica de acerto e erro em que o projetista pode operar sobre os cenários com ocorrências mais

plausíveis. O projeto por cenários permite a ampliação das discussões, incluindo diferentes atores e incluindo diversas comunidades em um processo mais aberto (REYES, 2014).

O foco da pesquisa não é de projetar os cenários futuros das praças do bairro, mas compreender as diferenças de opiniões sobre o futuro de um território através desta metodologia que valida a dialética e a liberdade de expressão.

A partir da etapa de formulação das palavras síntese se optou por uma seleção semântica feita pela pesquisadora e não por um grupo de pessoas, como indicado pelo método, devido à impossibilidade de desenvolver um workshop para debate dentro do prazo de entrega da pesquisa.

Já em relação ao papel da fotografia no projeto de pesquisa, a abordagem de Ray e Smith (2012 apud IPIRANGA, 2016) apresenta diferentes funções deste método, ressaltando a captura de aspectos da realidade que podem ser inventariados e analisados em seus conteúdos, articulando e ou complementando outras metodologias, sejam estas, de natureza qualitativa e ou quantitativa, como por exemplo, a etnografia e suas variantes e o estudo de caso.

A fotografia está definitivamente inserida na história cultural, pois ela se faz presente como meio de comunicação e expressão em todas as atividades humanas (KOSSOY, 2009, p.143). Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural e uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho (KOSSOY, 2009, p.50).

Os pesquisadores Pink (2001 apud IPIRANGA, 2016) e Bell e Davison (2013 apud IPIRANGA, 2016) adotam uma abordagem metodológica reflexiva, consideram as imagens como construções sociais, as quais devem ser exploradas como um produto do encontro entre o pesquisador participante e demais membros da organização envolvidos na pesquisa. Ao focalizar a natureza socialmente incorporada das imagens e nos contextos culturais de produção e consumo, as metodologias reflexivas também procuram reconhecer a ambiguidade das imagens e sua fluidez na atribuição de significados ao longo do tempo, assim como o contexto cultural em que as mudanças ocorrem (Spencer, 2011 apud IPIRANGA, 2016).

Nesse âmbito, Bell e Davison (2013) enfatizam a importância do papel do ouvir e dar atenção àquele que fala, na construção do significado das imagens e no entendimento de como este pode ser contestado ou mesmo rejeitado. Esta perspectiva inspira-se nos estudos culturais para sugerir que o significado das imagens não é fixo, mas dinâmico e aberto à interpretação contínua como parte de um circuito permanente de comunicação que envolve o autor, o leitor, o texto e a audiência possibilitando, por sua vez, leituras múltiplas, preferidas, negociadas, opositoras e controversas (HASSARD, HOLLIDAY, 1998; BELL, DAVISON, 2013 apud IPIRANGA, 2016).

Retornando a discussão para as abordagens de análise conduzidas em base empírica, conforme esquematizadas por Bell e Davison (2103 apud IPIRANGA, 2016), Vince e Warren (2012 apud IPIRANGA, 2016) sugerem três formas de análise e interpretação de informações fotográficas na pesquisa nas organizações, entre estas: a) análise de conteúdo; b) a análise temática; e c) uma abordagem híbrida.

Nesta pesquisa, como forma de análise e interpretação utiliza-se a análise de conteúdo e a análise temática. No caso da análise de conteúdos visuais, além de Collier Jr. e Collier, (1986 apud IPIRANGA, 2016) são muitos os pesquisadores que afirmam que um primeiro passo importante em qualquer análise fotográfica seja inventariar ou catalogar detalhadamente os variados conteúdos e diferentes elementos visualizados, como, por exemplo: contextos, layout, organização de espaços, luz da imagem, o olhar dos rostos e a expressão facial, processos, artefatos e atividades realizadas, imagens de objetos, arquiteturas, equipamentos e documentos, etc (Banks, 2007; Dougherty e Kunda, 1990 apud IPIRANGA, 2016).

Para Vince e Warren (2012 apud IPIRANGA, 2016) os conteúdos, objetos, elementos e dimensões visualizados em uma fotografia são tratados e organizados em termos de frequência/categorização da mesma forma que as frequências/categorizações de palavras são tratadas e organizadas na análise de conteúdo textual. Para os autores, esta abordagem de inventário pode ser útil por que um pesquisador pode verificar os detalhes em uma fotografia que foram vistos sem importância para os membros participantes.

Em relação à aplicação da análise temática, salienta-se a interpretação dos conteúdos manifestos e latentes, indo além da contagem das frequências e

catalogações dos objetos e dimensões, incorporando construções de teorias existentes e ou temas/categorias emergentes que surgem durante o desenvolvimento de pesquisa. Para os autores, estes temas podem surgir a partir de padrões analisados nas imagens, nas notas de campo, na discussão de entrevistas e ou durante as análises visuais (BANKS, 2007; VINCE E WARREN, 2012; DOUGHERTY e KUNDA, 1990; SWAN, 2010 apud IPIRANGA, 2016).

As imagens captadas neste estudo são resultado da observação como objeto de reflexão, sendo um ponto de partida para narrativas sobre determinados contextos e situações. A fotografia sugere um momento espontâneo, um instante na diversidade da praça.

Na análise das informações coletadas, a técnica da análise temática se insere no conjunto das técnicas da análise de conteúdo (BARDIN, 2004), cujo objetivo é evidenciar os itens de significação por meio da descrição do todo que foi construído, tendo por base as unidades de codificação recortadas do conteúdo das entrevistas, do diário de campo e dos documentos e fotografias sendo estas orientadas pelos objetivos desse estudo. Para isso, foram percorridas as diferentes fases de análise:

1. Transcrição, constituição do corpus e pré-análise - considerando, segundo Cavedon (2003), que, na coleta de dados dos estudos de natureza etnográfica, ocorre um distanciamento físico e temporal entre a experiência tal como vivenciada pelo pesquisador e a elaboração do texto, procurou-se diminuir essa defasagem mantendo a transcrição do material da forma como se encontrava nas anotações do diário de campo.

2. Leitura flutuante e exploração do material com o estabelecimento de categorias temáticas.

3. Tratamento dos dados por meio da descrição e interpretação.

4. Confronto e discussão dos resultados obtidos com a teoria articulada. Conforme explica Cavedon (2003), o texto etnográfico coloca em evidência um diálogo que se estabelece entre o pesquisador, os pesquisados e a teoria e/ou os primeiros pesquisadores que se ocuparam do tema. Na presente pesquisa, esse diálogo foi organizado à luz de categorias e informações contextuais históricas e socioculturais variadas, fazendo emergir a interpretação como elemento intrínseco ao processo de pesquisa. Dessa forma, iniciando com as

categorias teóricas, esse processo leva em um segundo momento, à redefinição das categorias analíticas em torno dos seguintes blocos temáticos, a saber:

1. As praças e sua história.

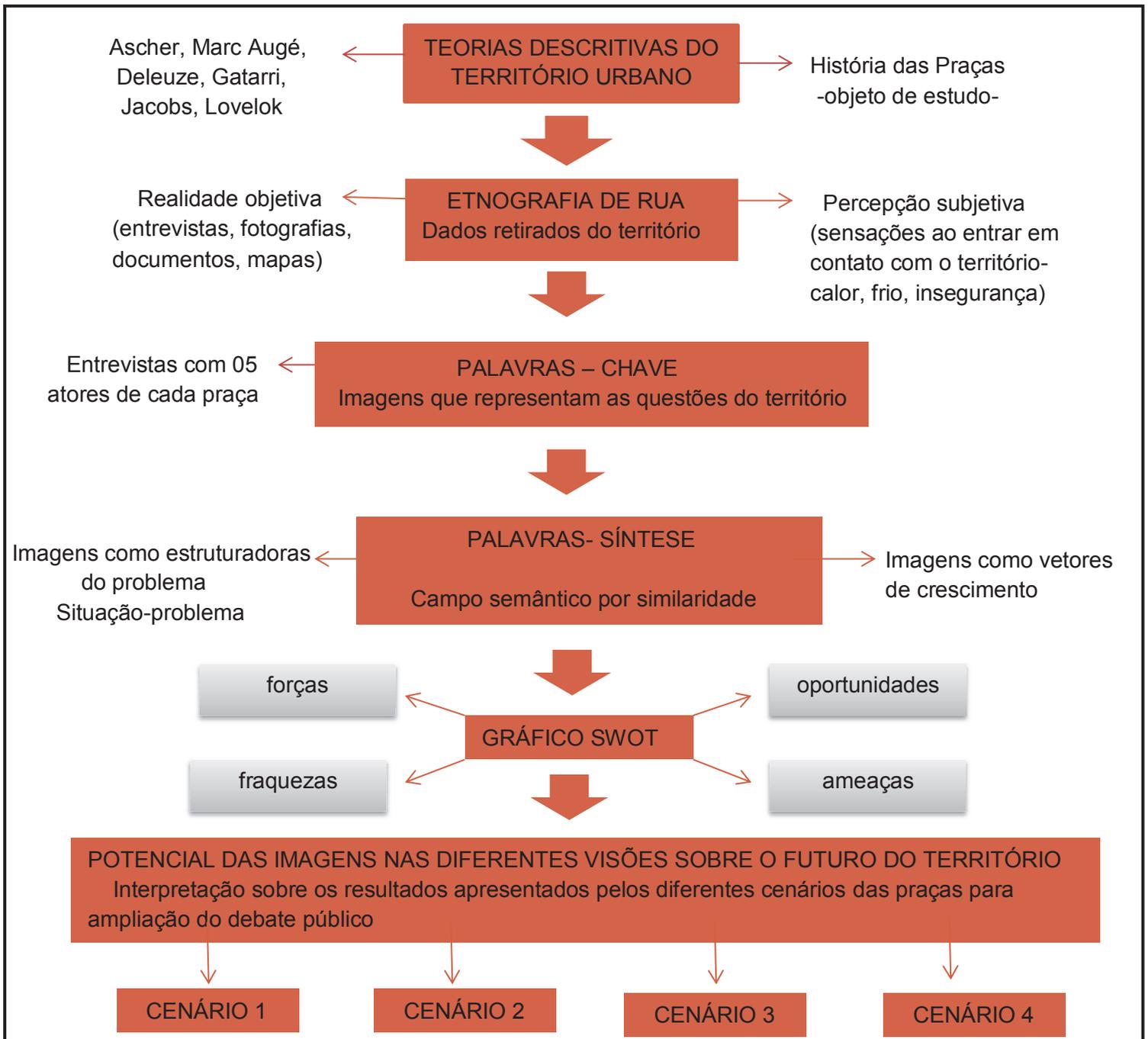
2. A "experiência de rua" e onde são encontrados os lugares antropológicos e os não lugares nas praças.

3. Os possíveis cenários futuros.

Na figura 15 podem ser observadas todas as etapas da pesquisa.

A pesquisa no território urbano evidencia uma multiplicidade de interesses e diversidade social, o que ocasiona uma situação de alta complexidade e difícil síntese, onde ao produzir a síntese, carregue consigo as diferenças (REYES, 2015).

Figura 15: Etapas dos procedimentos metodológicos



Fonte: Autora (2018)

### 3. ESTUDO DE CASO: As praças do bairro Petrópolis

No presente capítulo será apresentado um estudo de caso no bairro Petrópolis, cidade de Porto Alegre/RS, com o objetivo de aplicar os conceitos estudados e as teorias da ecologia urbana no planejamento de praças situadas no bairro. Esta área de estudo demonstra condicionantes desafiadores na busca de conscientização, para a importância da preservação de áreas verdes urbanas, visando à vida humana qualitativa e as ações públicas e sociais no campo do urbanismo sustentável.

Baseado nos conceitos estudados, o método foi aqui traçado a fim de demonstrar possíveis cenários futuros das praças, suas configurações territoriais, efemeridades e transitoriedades. Dentro desta proposta percorreram-se as praças do bairro Petrópolis em Porto Alegre.

O contexto sócio espacial desta área se torna um facilitador para etnografia de rua pela proximidade entre as praças. Sendo de conhecimento prévio da pesquisadora a realidade que circula este território, o bairro Petrópolis abriga logradouros públicos e praças com grande expressão na flora e avifauna, aliados às características históricas. Suas praças homenageiam e festejam, tantos fatos, poetas, escritores, cientistas, heróis da pátria e do mundo, como também esperanças, metas, santos e nações (ARIGONY, NEVES, 2005).

Deste modo se propõe mapear as doze praças que compõem esse bairro, trajetos que lhes são significativos, partindo da observação e elaboração de registros em fotografias, entrevistas e narrativas. Este conjunto vai construindo um retrato do sentimento que esses espaços transmitem para a cidade a partir do olhar/sentir da pesquisadora e de seus habitantes. É um processo aberto, plural que busca a reflexão das relações sociais e de natureza, através da exploração da emoção que as praças do bairro transmitem.

As narrativas e o registro fotográfico iniciaram com a praça de número um até a de número doze, de acordo com o percurso desenhado no mapa do bairro (figura 16). Ao olhar a cidade do alto revelam-se semelhanças ao próprio desenho do mapa, uma visão, onde se salientam os marcos urbanos e as

dinâmicas de circulação. As pessoas tornam-se simples pontos anônimos e os lugares em não lugares, enquanto o padrão, escalas das ruas e quarteirões surgem em duas dimensões.

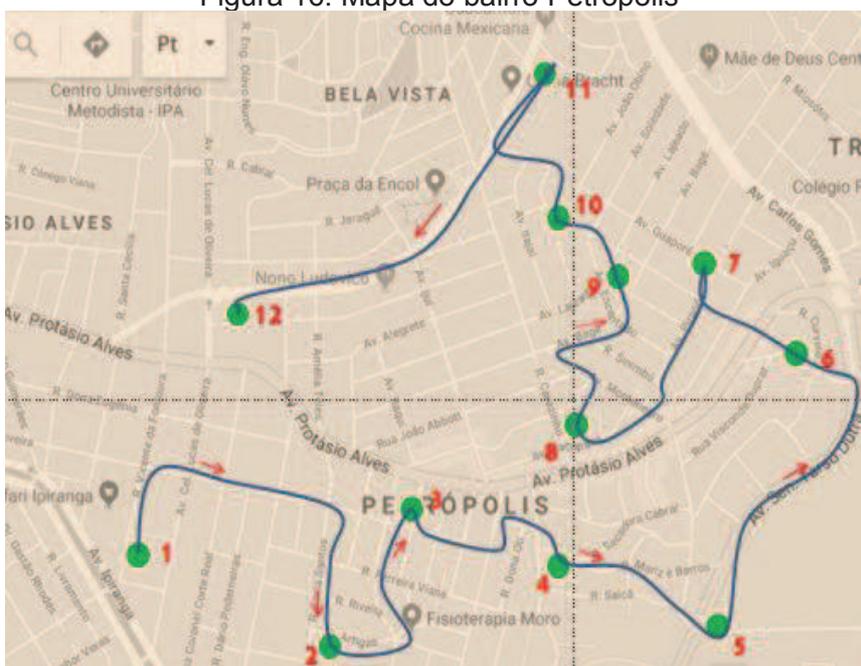
Com o propósito de definir um projeto compositivo de imagens, particularmente identitário é essencial explorar as peculiaridades e singularidades das praças do bairro Petrópolis, de forma a captar os seus domínios simbólicos, as suas dinâmicas e costumes, reforçando a identidade social e cultural, permitindo sim, através de uma abordagem visual amplificar o seu significado expressivo.

Com isso, examina-se a legibilidade e identidade das praças, através da observação direta, fotográfica e análise documental. Destaca-se o fato de que cada lugar está relacionado com a memória coletiva, com as feições históricas do lugar, num entrelaçado de vivências e representações.

A imagem das singularidades das praças contribui para a própria imagem da cidade, podendo tornar-se determinante para o fator de atração turística, comercial e cultural.

### 3.1 Mapa com a localização das praças no bairro

Figura 16: Mapa do bairro Petrópolis



Fonte: Autora (2018)

Abaixo a relação das praças em estudo com numeração referenciada no mapa:

1-Praça Largo Doutor Adair Figueiredo esquina Rua Vicente da Fontoura/Rua Coronel Lucas de Oliveira.

2-Praça Nações Unidas Rua Artigas esquina Rua Felizardo.

3-Praça Mafalda Veríssimo (Praça Buri) Rua Felipe de Oliveira esquina Avenida Borges do Canto (Adotada).

4-Praça Araribóia Rua Felizardo Furtado esquina Rua Saiçã.

5-Praça Frei Orlando Rua Engenheiro Antônio Carlos Tibiriçá esquina Rua Doutor Salvador França.

6-Praça Cônego Alfredo Ody Avenida Nações esquina Rua Mário Leitão.

7-Praça Tenente Costa esquina Rua Professor Tupi Caldas/Avenida Guaporé (Adotada).

8-Praça Tamandaré Avenida Taquara esquina Avenida Caçapava.

9-Praça Doutor Milton Krause Avenida Lajeado esquina Avenida Encantado.

10-Praça Doutor Petersen Junior esquina Avenida Palmeira/ Avenida João Obino.

11-Praça Breno Vignoli (conhecida como Jamaquinha) esquinas Avenida Nilo Peçanha/Desembargador Augusto Loureiro Lima (Adotada).

12-Praça André Forster Rua Jaime Teles esquina Avenida Neuza Goulart Brizola (Adotada).

As plantas baixas de cada uma das praças se encontram nos anexos desta pesquisa.

O lugar ao ser percebido confere qualidades subjetivas de acordo com a vocação e conservação de cada praça. As sensações se desdobram ao pensar a praça como uma sucessão de acontecimentos e como um feixe de sentidos simultâneos de dimensão espaço-temporal, formado por fluxos, misturas, conexões tendo sempre múltiplas entradas e saídas (DELEUZE, GUATTARI, 2000).

### 3.2. Singularidades do território

Como é o lugar  
Quando ninguém passa por ele?  
Existem as coisas  
Sem ser vistas?  
Carlos Drummond de Andrade.

A origem do bairro Petrópolis remonta às primeiras décadas do século XX. Até esta data, o bairro tinha características rurais, com uma economia baseada na plantação de agrião, criação de gado, além de alguns tambos de leite.

Localizado em região de bela topografia, o bairro tornou-se famoso pelo clima ameno e sua abundante arborização. Até a década de 1930, a região era ponto de veraneio de algumas famílias de Porto Alegre, e ainda nesta década, realizavam-se, no local, manobras e exercícios militares.

Trata-se de um bairro bastante heterogêneo, que abriga pessoas de diferentes etnias, religiões e padrões sócio-econômicos. Os primeiros moradores do bairro tanto eram oriundos do interior do Estado, como famílias que residiam no centro da capital que, a partir da década de 1940, procuraram áreas mais afastadas para moradia.

O crescimento do bairro está ligado ao desenvolvimento do seu principal eixo viário, o antigo Caminho do Meio – atual Avenida Protásio Alves - que, atualmente, é uma das principais vias da Capital, com mais de 12 km.

Ainda nas primeiras décadas do século, são instaladas duas linhas de bondes na região, João Abbott e Petrópolis, o que motivou a criação de loteamentos de áreas na região, datando dos anos 20 o primeiro deles, realizado pela empresa Schilling Kuss e Cia.

A expansão do bairro foi concluída nas décadas de 40 e 50, quando o desenvolvimento urbanístico e o aumento populacional foram intensificados.

Até 1950 a distância do Centro não valorizava economicamente o bairro. Foi no final desta mesma década, a partir de investimentos em infra-estrutura que houve uma elevação do padrão sócio-econômico do bairro e uma ampliação de comércio e serviços.

A expansão imobiliária também altera características da região, e são construídos edifícios residenciais e comerciais, aumentando a população no

bairro. A valorização imobiliária acaba por mudar o bairro, a partir da abertura da Avenida Nilo Peçanha, na década de 1970, afastando os moradores mais humildes da região, que migram para os bairros como Vila Jardim, Bom Jesus e arredores.

Estão localizados no bairro alguns dos clubes mais conhecidos de Porto Alegre, como Grêmio Náutico União, que serve de lazer aos moradores da região. Atualmente o bairro Petrópolis é independente do centro da cidade, conta com um comércio ativo e variado.

Uma característica do bairro são os nomes de vias públicas que homenageiam municípios gaúchos como a Avenida Carazinho, Avenida Bagé, Taquara, Montenegro, Lajeado, entre outras. Até o fim da década de 1930, também as mulheres eram homenageadas com ruas denominadas de Dona Marta, Dona Paula, Dona Inês e Dona Adélia. Boa parte dos antigos nomes foi alterada, em 1939, substituíram-se as "donas" por generais, juristas e médicos. Alguns nomes, no entanto, permaneceram: é o caso das ruas Dona Eugênia, Dona Alice e Dona Lúcia.

Retomando o conceito de não lugar de Marc Augé (1994), de espaços impessoais e sem identidade, investe-se no entendimento das singularidades das praças do bairro Petrópolis, e onde se encontram os lugares antropológicos e identitários de Marc Augé (1994).

Na busca desta identificação do sujeito com o lugar da praça vai se delineando o encontro com o lugar antropológico carregado de conteúdo histórico e de simbolização. Uma imagem para este espaço público com novas possibilidades de relações e interações, uma rede de conexões entre as praças do bairro na sua heterogeneidade e multiplicidade de significados, assim como rupturas que desafiam os caminhos incertos.

Com áreas grandes e atrativas, as praças de Petrópolis se constituem um desafio de preservação, dentro do contexto atual de supermodernidade e intenso crescimento do mercado imobiliário.

Pierre Lévy, filósofo da informação aborda a questão da inteligência coletiva no sentido em que todos, em suas individualidades, possuem conhecimentos e inteligência. É fato a relevância de procedimentos ecológicos e de preservação de áreas verdes nas cidades, com isso se aposta na inteligência coletiva e na interação entre as praças do bairro como uma

promessa de conquista dos valores, dos usos e das comunicações locais no lugar da praça, tornando possíveis contatos e trocas, esporádicas ou regulares, mesmo sem proximidade.

As pessoas têm expectativas dos lugares que utilizam, e entre elas, a de estabelecer vínculos emocionais que permitam identificarem-se como parte desses lugares. Assim, “as características identitárias de um local, decorrem da forma como a população se relaciona com o ecossistema e se apropria do lugar, originando padrões de vida específicos que se refletem na configuração da paisagem. Os locais memoráveis são aqueles que traduzem uma interação equilibrada entre o homem e o meio, ostentando uma identidade singular que as pessoas reconhecem facilmente.” (ALVES, 2003).

As praças são essenciais para a vida da cidade e o lugar como se apresenta, compromete e qualifica a sua recepção, o seu envolvimento e a sua concepção, que é única e subjetiva.

No desenrolar dos dias de primavera as Praças do bairro se iluminam de sol, aromas de flores e gente. Com estações bem definidas e inverno de temperaturas baixas, característico do clima no Rio Grande do Sul, a chegada da primavera é muito bem vinda aos lares e nas praças da cidade.

Em meio a entrevistas, conversas e fotografias em diferentes horários e dias da semana, na expectativa do encontro, investe-se na busca do lugar da praça na paisagem contemporânea do bairro Petrópolis.

### 3.3. Etnografia de Rua nas Praças do bairro

Em primeira pessoa, volta-se o olhar estrangeiro para as praças, em busca de interação com o lugar, e a etnografia inicia.

Sobre o mar de Setembro velado de brumas  
 O sol velado desce  
 Impregnando de ouro e espuma  
 Onde a mais vasta aventura floresce.  
 Sophia de Mello Breyner Andresen

Em uma manhã do mês de setembro caminhando na Rua Vicente da Fontoura avistei a **Praça Largo Doutor Adair Figueiredo** com área de

4.198,53m<sup>2</sup>. Esta praça é circundada por prédios residenciais, ao norte e ao sul, Rua Coronel Lucas de Oliveira, a leste e Rua Vicente da Fontoura, a oeste.

Seu entorno é miscigenado, com predominância para o uso residencial, apresentando vitalidade urbana com grande circulação de pessoas em decorrência de comércio e serviços próximos. Tem pontos de transporte público (paradas) e o supermercado Zaffari nas proximidades.

A praça tem um alto fluxo de passagem, face pedonal entre as ruas Cel. Lucas de Oliveira e Vicente da Fontoura, assim como utilização de equipamento para prática de atividades esportivas, academia, quadra e brinquedos infantis. Com isso, verifica-se uma vocação e infraestrutura para atividades esportivas e recreativas de pequeno porte.

A praça Dr. Adair Figueiredo foi reurbanizada em 2015, com a ação conjunta entre a Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade (SMAMS) e a Companhia Zaffari.

A proposta de reurbanização buscou qualificar a área através do manejo adequado da vegetação, melhoria da iluminação e inserção de novos equipamentos de academia assim como bancos, lixeiras, mesas com o desenho de tabuleiro para jogos de damas ou xadrez, brinquedos infantis, nova pavimentação em concreto e quadra poliesportiva. Também foi executado piso tátil ao longo da via de passeio (para facilitar o deslocamento de deficientes visuais), e rampas de acessibilidade.

A praça tem a maior parte da sua superfície gramada, com expressivo conjunto de vegetação arbórea, o que proporciona uma deliciosa sombra na área de recreação das crianças.

A paineira que existe aqui é um marco nesta praça pela singularidade e imponência dos seus vinte e cinco metros de altura, assim como as amoreiras junto à quadra de esportes que proporcionam abrigo e alimento para diversos pássaros.

Outro dia enquanto perambulava pela praça fotografei um casal de namorados na sombra das árvores (figura 17). O aroma das flores e o canto dos pássaros envolve todo lugar.

Figura 17: Namorados na sombra das árvores



Fonte: Autora (2018)

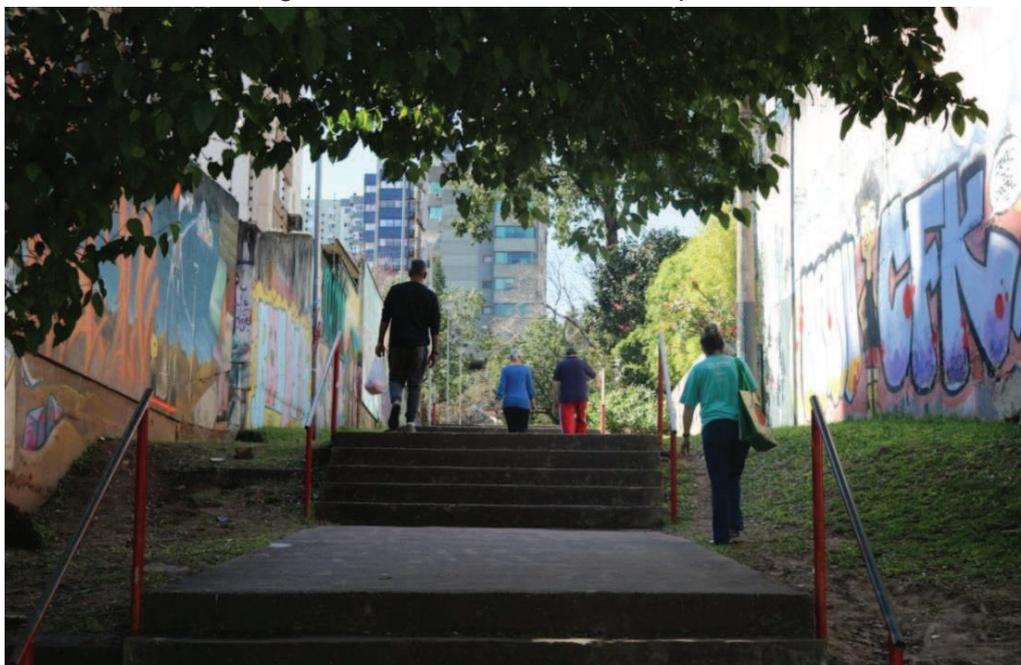
Então receberei no meu desejo  
Todo o fogo que habita na floresta  
Conhecido por mim como num beijo.  
Sophia de Mello Breyner Andresen

Em uma primeira visita identifiquei a vitalidade da praça com pessoas de diferentes idades percorrendo o lugar. São jovens na quadra, crianças nos balanços, pais circulando e idosos sentados nos bancos aproveitando o belo dia de primavera. Na verdade não basta dizer viva o múltiplo, é preciso fazer o múltiplo (DELEUZE, GUATTARI, 2000, p.15), e em uma praça se observa que o múltiplo se apresenta na forma como se estabelecem as relações entre os seres vivos.

Atualmente os animais domésticos, especialmente os cães fazem parte, em muitos casos, do contexto familiar e nesta praça eles estão por todos os lugares, correndo, descansando, caminhando. Logo que cheguei duas senhoras manifestaram a necessidade de um cercado para cães na praça. Elas se sentem incomodadas já que muitos cães ficam soltos, sem guia.

No trajeto pela pedonal entre as ruas Coronel Lucas de Oliveira e Vicente da Fontoura muitas pessoas caminhavam contemplando os grafites estampados nos muros de divisa (figura 18).

Figura 18: Grafite nos muros da pedonal



Fonte: Autora (2018)

Em uma área plana e ampla a praça possibilita uma leitura de todo o lugar, proporcionando uma sensação de segurança. Kevin Lynch (2003) destaca que a noção de legibilidade não é mais do que a facilidade de percepção do espaço. O desenho da cidade possui como característica fundamental na sua estruturação a legibilidade, no sentido de ser compreendida através de uma estruturação global viva, integral e coerente, criadora de símbolos reconhecíveis e memórias coletivas (LYNCH, 2003).

Talvez, pela fácil legibilidade nesta praça, as pessoas são muito receptivas a proximidade e trocas. Aqui pouco se observa o uso de equipamentos eletrônicos como celulares.

Jovens sentados nos bancos aguardavam os amigos para iniciar o jogo de futebol. Eles contaram que aproveitam a quadra de esportes todos os dias, inclusive à noite jogando polo de bicicleta (uma nova modalidade de esporte de jogar bola com bicicleta). Os próprios jogadores construíram goleiras apropriadas para o jogo, e estas, ficam na área externa da quadra e são

colocadas na hora do jogo. Esse grupo de jovens são amigos de infância e utilizam a praça como ponto de encontro, para prática de esportes, jogos noturnos e conversas com os amigos. A requalificação da iluminação feita por empresas privadas em parceria com órgãos públicos viabilizou o uso da praça à noite.

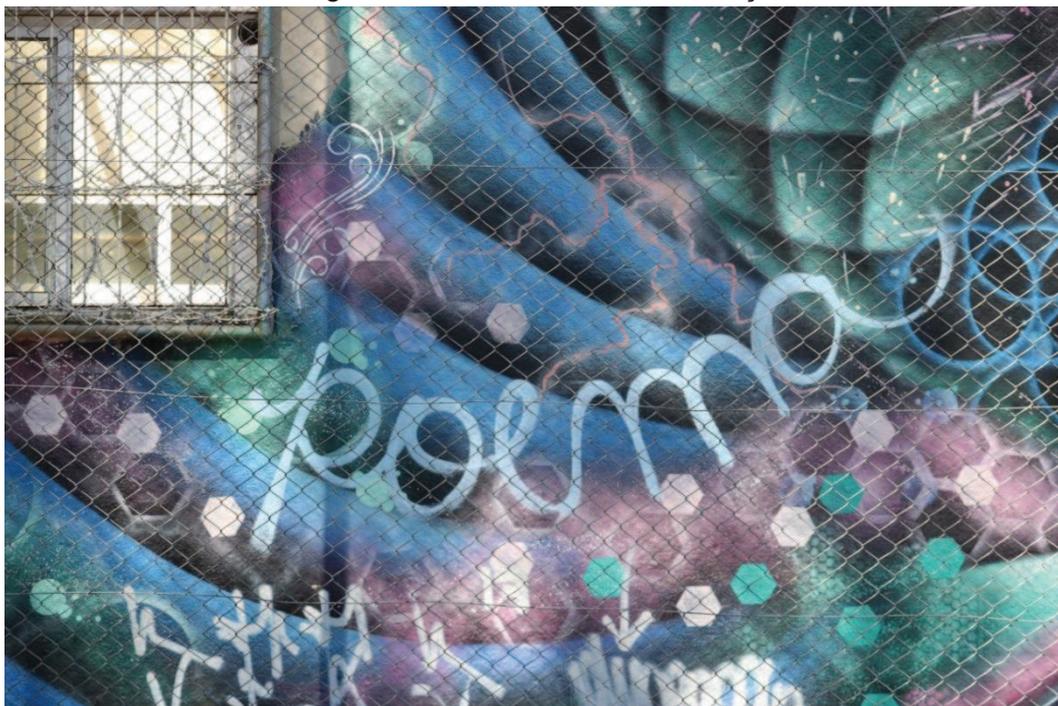
Outro comentário foi que a proximidade do supermercado possibilita o uso de banheiros e com a falta de bebedor na praça, tomar água no supermercado é uma alternativa. Observei também que essa proximidade faz com que algumas pessoas utilizem o estacionamento do supermercado quando chegam de carro para usufruir do lugar.

Com o início do jogo, me despedi e fui até uma senhora sentada tomando sol com uma jovem. São momentos únicos onde neta de passagem por Porto Alegre, e avó conversavam na sombra de um banco de praça num encontro de gerações, trocas e novas descobertas.

Muitas atividades aconteciam na praça nesta tarde ensolarada.

Artistas em cima de escadas improvisadas refaziam grafites no muro da “servidão” (como chamam o caminho de passagem entre as ruas Coronel Lucas de Oliveira e Vicente da Fontoura). Esse caminho é muito utilizado pelos moradores do bairro e os grafiteiros reforçaram que esta praça é um lugar muito agradável onde se pode grafitar, realizar poemas, fazer malabarismo e conversar (figura 19).

Figura 19: Poesia no muro da Praça



Fonte: Autora (2018)

Nesta complexidade inerente ao território espacial da praça destaca-se a abordagem de Kevin Lynch (2003), quando infere que “a cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado”. Sendo estes cenários analisados à luz interpretativa de cada cidadão, que por sua vez assume “numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações”.

O chimarrão é uma tradição no Rio Grande do Sul e se faz presente nos encontros das pessoas na praça. Observa-se nesse momento que o aceleração da história perde sua força e se concretiza num contraponto a primeira figura de excesso de Augé.

Na mesa com tabuleiro de dama e xadrez, um casal conversa. Ao lado um cabideiro com roupas expostas e outras estendidas no gramado.

-É a minha primeira tentativa de brechó na praça e vendi uma peça de roupa, a jovem comentou feliz.

O acolhimento proporcionado pelas tardes de sol deste final de inverno faz toda diferença no humor das pessoas.

Segundo Augé, na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca

está ausente de qualquer lugar que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não lugares. Lugares e não lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e as noções que permitem descrevê-las. (AUGÉ, 2012, p.98). É no anonimato do não lugar que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos (AUGÉ, 2012, p.110).

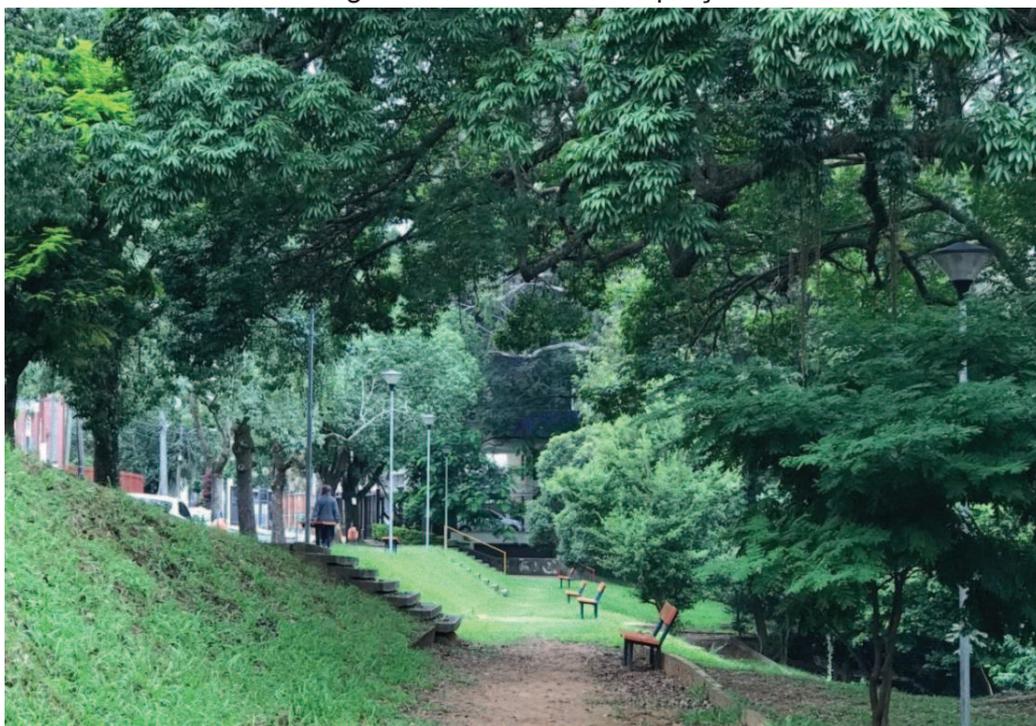
E, neste processo de desvendar as singularidades do imaginário social revelou-se com aproximadamente 12.447m<sup>2</sup>, a praça número 2- **Praça Nações Unidas**, projetada e executada em 1972 pela municipalidade de Porto Alegre, com formato irregular e relevo acidentado.

Limita-se pelas Ruas Artigas ao norte, Felizardo ao sul e Farias Santos a oeste. Ao leste e também em parte do oeste, está cercada por acessos às casas e edifícios anexos.

Sua parte alta se limita com a Rua Artigas. No nível mais baixo da praça se localizam as quadras de esporte e playground mais próximo da Rua Felizardo.

Encontra-se aqui um núcleo de mata nativa, abrigo de inúmeros pássaros, cercada por outras tantas essências nativas ou não, pequenas árvores, arbustos, distribuídos harmonicamente por toda área como mostra a figura 20.

Figura 20: Área verde da praça



Fonte: Autora (2018)

Cheguei à **Praça Nações Unidas** já à tardinha e ao caminhar pela calçada da Rua Artigas, parte mais alta, a praça abriu-se em um cenário verdejante pelas copas das árvores, seus ambientes em formato circular e muitos bancos para apreciar da paisagem.

Talvez a praça exerça um magnetismo e fosse esse o motivo pelo qual as pessoas se encontravam nas janelas das edificações ao redor da praça ou, quem sabe, estavam na expectativa de um novo acontecimento. A vizinhança pareceu bem participativa e eu me senti muito observada. Tinham homens na calçada conversando sobre segurança, política, eleições. A calçada da praça se encontrava em obras para colocação de nova pavimentação.

Assim como na Praça Adair Figueiredo uma pedonal com escadaria liga as Ruas Artigas e Rua Felizardo.

Sombreada pelas Canafístulas, Jacarandás e um Flamboyant essa escadaria facilita o acesso a todos ambientes, sendo muito utilizado pela população. Nas árvores cordas e balanços amarrados faziam parte da recreação.

Enquanto um jovem descia as escadarias, o filho se balançava nas cordas penduradas nas árvores. É uma aventura, uma sensação de liberdade na expressão do menino.

As praças são um possível contato com a natureza em meio à cidade como comentou a senhora que mora no edifício ao lado da praça.

-Acordo com o canto dos pássaros e me sinto privilegiada de estar ao lado de uma área verde.

A percepção do espaço foi se revelando conforme eu interagia com o ambiente. Aqui se encontram árvores de grande, médio e pequeno porte, com grande quantidade de espécies arbóreas nativas que chegam a 40 metros de altura. Na parte alta da praça encontra-se uma bela mancha de mata nativa sob a forma de viçoso capão, abrigo de fauna variada, especialmente pássaros. Sua conservação é de fundamental importância principalmente por possuir resquícios de mata original com suas espécies características (figura 21). Além disso, possibilita aos visitantes e frequentadores da praça conhecer e acompanhar o desenvolvimento das espécies que fizeram parte da vegetação original do local, antes da existência da praça.

Figura 21: Escadaria de acesso aos ambientes da praça



Fonte: Autora (2018)

Os 46 anos de existência desta praça beneficiaram o crescimento da vegetação que fornece alimento para inúmeras espécies de pássaros.

São notáveis os indicadores de excelência ambiental que se encontram nos ramos das grandes árvores, especialmente nas espécies nativas. A grande quantidade de rabos-de-gato (*Rhizoglyphis bacifera*) e fungos liquenizados, atesta a qualidade do ar. Sobre o solo espalha-se a serrapilheira, conjunto de folhas e outros resíduos orgânicos não decompostos ou em vias de decomposição. Com a queda constante de resíduos das árvores, a camada da serrapilheira se torna uma fornecedora permanente de alimentos para a microflora e fauna, com uma fonte relevante de nutrientes como o nitrogênio.

O jovem passeando com seu cão, comentou que com os novos pontos de iluminação instalados se senti mais tranquilo ao caminhar na praça à noite e que quando criança jogava taco com os amigos em um espaço próximo a cancha de bocha. Com o passar do tempo foram reformulando este ambiente e no local do jogo de taco colocaram mesas para jogo de dama e xadrez.

Nesta tarde fui até a cancha de bocha (figura 22). O jogo requer atenção e os jogadores não se mostraram receptivos com a minha chegada. Na nossa conversa eles reclamaram dos cães soltos na praça e comentaram sobre a

importância de maior acessibilidade aos diversos ambientes, como rampas de acesso, já que a praça tem muitas escadas devido ao desnível do terreno. Foi iniciativa dos jogadores plantar bananeiras e outras árvores frutíferas próximas a cancha, o que me pareceu acolhedor. A cancha de bocha tem uma associação de jogadores.

Figura 22: Cancha de bocha



Fonte: Autora (2018)

Nesta praça a cada desnível um novo lugar a ser descoberto. Descendo as escadas, a sombra das árvores, um jovem sentado na escadaria lê um livro, com sua bicicleta na grama. Nos dias de supermodernidade, um encontro peculiar.

Voltei na praça no feriado do dia sete de setembro, um dia ensolarado, com brisa suave, convidativo para estar ao ar livre.

Muito movimento por aqui neste dia, pais jogando bola na quadra com seus filhos, cachorros correndo, crianças nos brinquedos.

Como um rizoma, esta praça oportuniza diversos ambientes e muitas atividades ocorrem ao mesmo tempo. De acordo com os conceitos de Deleuze e Guattari, o rizoma é o modo de realização das multiplicidades, tem formas

diversas em toda sua extensão e se liga, portanto, às pluralidades. Assim também as praças, muitas vezes buscam pluralidades de expressões de acordo com a identidade de cada território, suas perspectivas visuais e singularidades.

As crianças gostam muito da caixa de areia comentou a mãe de uma menina. Outras meninas procuravam bichinhos nas cascas dos troncos das árvores e nesse momento foi uma correria, apareceram as abelhas.

No Laboratório de Pesquisa Homem–Ambiente da Universidade de Illinois, os professores Taylor e Sullivan pesquisaram sobre a relevância do contato com a natureza no comportamento das crianças. Concluíram que espaços verdes ao ar livre promovem brincadeiras criativas, melhoram o acesso a uma interação positiva com os adultos e aliviam os sintomas do transtorno do déficit de atenção (LOUV, 2016).

Com base nesse estudo, a Universidade de Illinois emitiu uma orientação informal aos pais e responsáveis para encorajá-los a deixar as crianças brincar ao ar livre em espaços verdes, plantar e cuidar das árvores e da vegetação da sua casa e da sua comunidade (LOUV, 2016).

Aqui as árvores são muito frondosas, com sombra agradável de onde pode se observar a biodiversidade. O encontro entre pais e filhos, amigos e vizinhos e a possibilidade de lazer junto à natureza nos distancia da imagem da cidade que gera um ambiente fragmentado, com uma multiplicação de espaços que são comuns, mas não públicos. Atualmente há um confinamento dos terrenos de sociabilidade e diversas formas de nos extrairmos do espaço público. Os modelos de lugares se redefiniram, shoppings centers, condomínios, ruas fechadas com muros formando paredes “cegas” (GOMES, 2002, p. 174) e este processo definiu-se como o “recoo da cidadania”.

Um grupo de jovens animado conversa em um nível intermediário da praça, onde ficam os equipamentos esportivos (figura 23). Um casal que estava ali comentou que alguns moradores do entorno tiveram a iniciativa de melhorar o espaço. Colocaram brita, pintaram os bancos, plantaram algumas flores e arbustos e até fizeram levantador de pesos com garrafa pet.

Figura 23: Ambiente fitness



Fonte: Autora (2018)

E na sombra da palmeira nos observa o busto de José Plácido de Castro<sup>4</sup>, o gaúcho maragato “conquistador do Acre”. É um ambiente bem apreciado pela população que construiu inclusive, uma churrasqueira improvisada. O jovem que colaborou nesta revitalização comenta que a população tem que “mostrar atitude” e a colaboração de todos é fundamental na preservação do espaço público. Já outro grupo insistiu na necessidade de um bebedor e na importância de maior frequência na manutenção da praça pelos órgãos públicos.

É uma praça com muitas lixeiras.

O lugar desta praça é histórico, e os sujeitos se identificam propriamente com o local, porque não são lugares de passagem e exigem um grande envolvimento afetivo acerca de sua espacialidade.

O mesmo acontece na **Praça Mafalda Veríssimo**, um lugar com memórias que se localiza na confluência das Ruas Felipe de Oliveira e Borges do Canto com área municipal, urbanizada de 1.653,00m<sup>2</sup>.

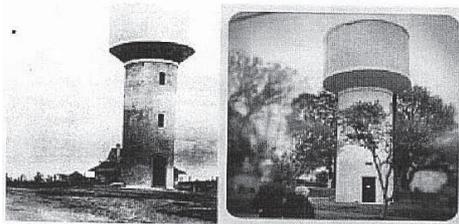
<sup>4</sup> José Plácido de Castro, (1873 /1908) foi um político, militar idealista brasileiro, líder da Revolução Acreana que governou o Estado Independente do Acre. Em 1973, no centenário de seu nascimento, foi inaugurado um busto em sua homenagem na Praça Nações Unidas em Porto Alegre.

Praça Buri era como se chamava e a pedido da comunidade junto à Câmara de Vereadores no ano de 2005, passou a ser chamada de Praça Mafalda Verissimo em homenagem a Erico Verissimo e sua esposa Mafalda Verissimo que moravam nas proximidades da praça. Da exposição de motivos do Projeto de Lei da Câmara consta:

“Erico e Mafalda caminhavam de manhã, de braço dado nas colinas do bairro Petrópolis, em porto Alegre, com passos de “velhas inglesas”, parando a qualquer pretexto como relatava a própria Mafalda. Parada certa para o casal descansar e conversar com os vizinhos era a pracinha da Felipe de oliveira com a Borges do Canto”.

Foi construída em 1953, como mostra a figura 24, uma caixa d’água para abastecimento da primeira área loteada no bairro. Em 1988 foi desativada e no ano de 2007 foi enunciada a demolição pelo Departamento Municipal de Água e Esgotos, DMAE. Partiu do movimento Vive Petrópolis o engajamento pela preservação do reservatório.

Figura 24: Caixa d’água da praça



Fonte: <http://www.agapan.org.br/2012/09/16-de-setembro-comemore-caixa-dagua-de.html>

A construção é considerada pelos moradores um bem de valor histórico e cultural que representa a história do abastecimento de água no bairro e um fator de identidade porto alegreense.

A Praça Mafalda Verissimo é sede do projeto Vive Petrópolis, ação que busca ainda a união entre os moradores do bairro e a realização de eventos abertos à comunidade (figura 25). Abriga um evento em prol da preservação dos espaços públicos, a memória de um bairro e a disseminação da cultura.

Figura 25: Festa na praça



Fonte: Autora (2018)

A praça oferece espaços de recanto infantil, área multiuso pavimentada, e bancos dispersos em caminhos internos.

A área multiuso pavimentada era originalmente destinada à pista de patinação, com guarda-corpo metálico. Atualmente o espaço é multiuso, sendo utilizado para os eventos organizados por moradores do entorno além do evento Vive Petrópolis.

Hoje dentro do projeto de adoção da SMAMS, a praça foi revitalizada, com uma nova proposta de espaço público. São diferentes ambientes de encontro e socialização incluindo um ambiente de estar denominado Erico Veríssimo com estante de livros.

Mais luminárias, calçamento novo, grafite nos muros e a descontração nos espaços de redário e espreguiçadeiras. Bicletário, rampas de acessibilidade e revitalização das escadas de acessos. A horta contempla temperos e chás e no jardim muitas espécies nativas. O mobiliário é colorido com uma proposta de arquitetura inclusiva (figura 26). Nesta praça se estabelece um novo conceito de espaço público no bairro.

Figura 26: Espreguiçadeiras no mobiliário da praça



Fonte: Autora (2018)

Parei para conversar com uma moradora do bairro sobre a participação da comunidade no plantio de mudas nativas e ela me comentou:

-Aqui é como se fosse o quintal da minha casa.

Observei que este espaço público tem como característica a participação da comunidade, é a cidadania ativa se manifestando na tomada de decisões evidenciando a praça como um local de convívio, encontros e troca de opiniões.

Outro dia sentei no espaço de estar. As cadeiras com encosto são confortáveis e convidam a permanência. Uma jovem me relatou com entusiasmo as novidades da revitalização e me convidou para voltar no dia seguinte para acompanhar o plantio de flores pelas crianças de uma escola do bairro. Adorei o convite e reservei o dia para voltar lá.

No dia seguinte, as crianças chegaram organizadas em fila com as professoras, sentaram no degrau circular do recanto central da praça e aguardaram a hora do plantio das mudas (figura 27).

Figura 27: Crianças aguardando para plantar as flores na praça



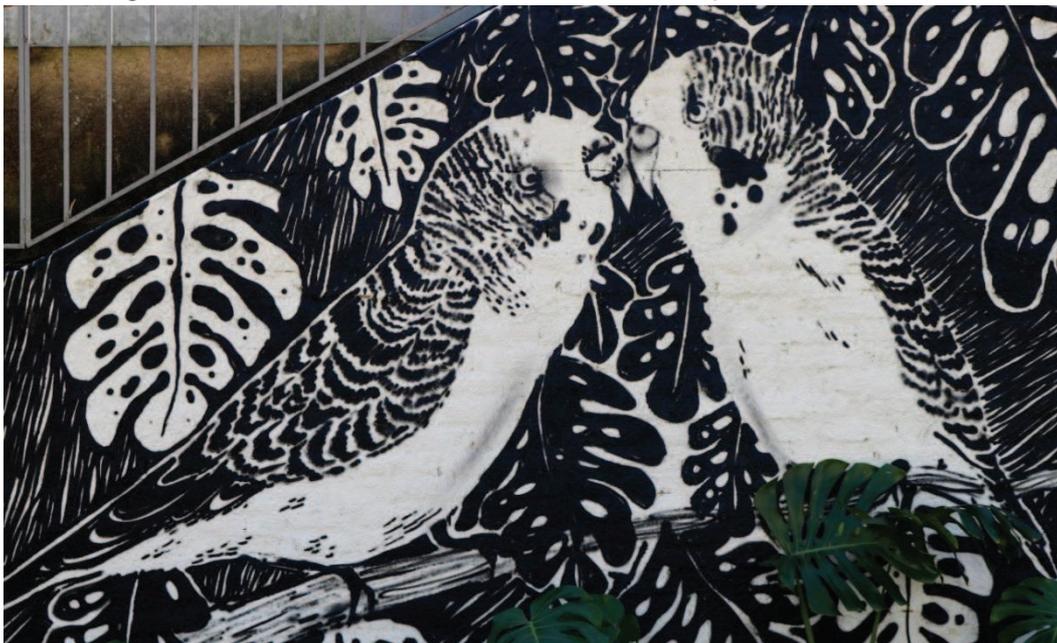
Fonte: Autora (2018)

Aos poucos, grupos de cinco ou seis vão sendo chamados para a experiência de colocar a mão na terra. Com a condução do paisagista vão mexendo na terra, plantando, aprendendo sobre o cultivo e regando as novas flores da praça. É uma oportunidade de participar da formação de um espaço público e potencializar o sentimento de pertencimento. A professora leva a atenção das crianças para as placas com a nomenclatura das árvores. É um aprendizado que aproxima as crianças e a natureza, um rizoma que se estabelece.

Sabedoria das plantas: inclusive quando elas são de raízes, há sempre um fora onde elas fazem rizoma com algo — com o vento, com um animal, com o homem (e também um aspecto pelo qual os próprios animais fazem rizoma, e os homens etc.) "A embriaguez como *irrupção* triunfal da planta em nós". Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir alinha mais abstrata e a mais tortuosa, com  $n$  dimensões, com direções rompidas. Conjuguar os fluxos desterritorializados (DELEUZE E GUATTARI, 1995).

O grafite nos muros estampa a natureza com caturritas, galo, onças e plantas pintadas em meio às grandiosas vegetações chamadas de costelas de adão (*Monstera deliciosa*) como mostra a figura 28. Tudo em tinta preta no muro branco. Aqui as caturritas reinam, é um tiritar sem fim, ninhos por todas as árvores e ciprestes das ruas.

Figura 28: Grafite reverenciando as caturritas que habitam o bairro



Fonte: Autora (2018)

Na caixa de areia as crianças cavavam com as mãos e rolavam por inteiro, aproveitando os brinquedos do playground (figura 29).

Figura 29: Brincadeiras na areia



Fonte: Autora (2018)

Finalizei a visita conversando com um casal sobre a força que tem o coletivo na requalificação do espaço público.

No dia seguinte, com olhar estrangeiro me voltei a Praça de estudo chamada **Parque Ararigbóia** de 10.000 m<sup>2</sup> cercado e circundado pela Rua Mariz e Barros, ao norte, Rua Saicã, ao sul, Rua Lavradio, ao leste.

Seu entorno é pouco miscigenado, predominantemente residencial, com a presença de equipamentos públicos de transporte (pontos de ônibus), de ensino (Escola Infantil) e pequeno centro de comércio e serviços.

A praça é um equipamento com baixo fluxo de passagem e utilização predominante do equipamento para a prática de atividades esportivas, educacionais e recreativas (canha de bocha, salas de atividades múltiplas, campo de futebol e ginásio) e a associação comunitária local.

Atualmente a área esportiva da Praça é supervisionada pela Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social e Esporte (SMDSE), já a parte de vegetação, brinquedos, bancos e pavimentação são de competência da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade (SMAMS).

As unidades recreativas oferecem de forma sistemática, diversas modalidades de atividades físicas, esportivas e recreativas para todas as faixas etárias. A praça possui vocação e infraestrutura para atividades esportivas, educacionais e recreativas e forte participação da comunidade local.

Em 1947, Arino Bernardino da Silva, empresário de construção, construiu o campo de futebol e o nomeou de Parque Sul Brasil no terreno que era da prefeitura. Em 1952, a Prefeitura Municipal oficializou sua criação por Decreto, passando a se chamar Parque Ararigbóia.

No ano de 1973, o presidente Pedro Paulo Machado fundou a Associação dos Veteranos do futebol do Parque Ararigbóia. O Parque ficou muito conhecido por seus campeonatos, principalmente na imprensa e em 1982, passou a ser chamado de Associação Comunitária do Parque Ararigbóia nome que mantém até os dias de hoje.

No ano 1995, através do orçamento participativo, é inaugurado o Ginásio Arino Bernardino da Silva. A partir desta data foram introduzidas novas atividades e escolinhas esportivas com atividades como vôlei, basquete, ginástica, dança, yoga, bocha, musculação e é claro futebol.

A praça tem a maior parte da sua superfície ocupada pela quadra de futebol, tem expressiva mancha de vegetação arbórea, e caminhos pavimentados com lajes de grés, necessitando recuperação e/ou complementação. O piso de uma das quadras foi coberto com areia (figura 30).

Figura 30: Playground da praça



Fonte: Autora (2018)

Cheguei à minha primeira visita pela Rua Mariz e Barros e parece que as chuvas intensas deste ano deixaram suas marcas por aqui. A água que se espalhou na calçada evidenciavam problemas no esgoto pluvial.

Contornei o cercado até o portão de acesso ao Parque, onde muitas pessoas na maioria idosas circulavam.

Na entrada do Parque, perguntei a um senhor quem poderia me contar um pouco sobre o lugar. Este logo me indicou a secretaria da Associação de moradores que fica dentro do Ginásio Arino Bernardino da Silva.

A Associação de moradores é quem coordena as atividades promovidas neste ginásio. São mais de 700 associados que participam da conservação do lugar através de uma mensalidade e usufruem de aulas diversas com professores da rede pública.

Aqui são desenvolvidas atividades para todas as idades. Além de campeonatos de “câmbio”, uma modalidade de jogo em quadra esportiva para

peessoas acima de 50 anos, muito requisitado pela comunidade. O presidente da associação de 80 anos aprecia muito o esporte.

Já na secretaria me contaram suas vivências e demonstraram através das conversas o afeto e pertencimento ao lugar. Comentaram que ali se investe na relação entre as pessoas e que o coletivo é que constrói o lugar acolhedor.

Este espaço público é referência na comunidade, procurado pela maioria dos moradores das proximidades em busca de atividades esportivas e convivência social, demonstrando uma dinâmica de afetividade.

Conversei com uma senhora enquanto andava pelo Ginásio sobre a importância da permanente conservação das edificações e dos equipamentos para evitar degradação. Para ela destruição gera mais destruição por isso o cuidado em reparar logo o pequeno risco que se visualiza em um banco de praça evitando que o dano aumente e demonstrando que ali tem pessoas circulando e cuidando da preservação do lugar.

Esta é uma praça de caráter esportivo, que embora acolhedora, transmitiu uma sensação de insegurança enquanto eu estive circulando pelas calçadas do entorno.

O campo de futebol com aparência de abandono está precisando reparos nas arquibancadas, no gramado e nas goleiras, já a bocha exibe seus troféus nas prateleiras fixadas da parede. Nesse ambiente tem churrasqueiras e mesas para eventuais festas da comunidade. Em dias festivos as mesas são colocadas na área externa e protegidas do sol pelas copas das árvores.

Segui para próxima deriva: **Praça Frei Orlando** de 3.200,00 m<sup>2</sup> situada ao lado do Jardim Botânico de Porto Alegre e localizada na confluência das Ruas Eng. Antonio C. Tibiriçá, José Carvalho Bernardes, Odila G. da Fonseca, e Avenida Tarso Dutra.

Como mostra a figura 31 trata-se de área verde com configuração de rótula, em função do sistema viário existente. O entorno com poucas residências e diversidade de serviços.

Um trânsito intenso e ruído dos veículos circundam a praça, já que ela possibilita o retorno ou o acesso a Terceira Perimetral. O terreno tem uma declividade acentuada dificultando o uso para lazer.

Tem como ambientes um estar, uma quadra esportiva e um recanto infantil.

Figura 31: Praça Frei Orlando



Fonte: Autora (2018)

É uma praça hoje adotada, e está com o corte de grama feito. Quando cheguei à minha primeira visita observei as grandes árvores que produzem sombra no espaço.

Do outro lado da Avenida Tarso Dutra tem uma pequena área verde circundada por ruas. O curioso é que este canteiro tem a morada de dois galos e algumas galinhas que me observavam dentro do contexto urbano (figura 32). É impossível deixar de documentar esse novo paradigma que retrata o inusitado da cidade.

Figura 32: O galo reina em seu território



Fonte: Autora (2018)

Segui para **Praça Cônego Alfredo Ody**, inaugurada em 2008 e localizada entre as Ruas Visconde Duprat, Heretiano Rocha, Curvelo e Mário Leitão. Com área total de 27.499,92 m<sup>2</sup> sendo que aproximadamente 13.200,00 m<sup>2</sup> é uma grande área de preservação cercada com tela.

Praça oriunda de processo de parcelamento de solo e urbanizada por empresas da região. Diversos equipamentos foram instalados, como quadras esportivas com arquibancada em concreto, recantos com equipamentos de ginástica, brinquedos para recreação infantil, bancos com encosto, pista de skate, ponte de madeira, escadas de concreto, passeios externos e internos pavimentados com basalto irregular, rampas, placas indicativas das áreas de preservação e iluminação pública da praça.

Em 2017 foi feita uma revitalização da praça com substituição do saibro por piso de concreto nos caminhos de acesso, relocação e recuperação dos brinquedos, melhoria da quadra de esportes, reposição do saibro rosa e a recuperação de bancos. Foram instalados novos equipamentos de ginástica para terceira idade e recuperação de bancos e lixeiras. Foi substituída a tela existente na área preservada por uma nova, além de pintura demarcatória da quadra, tabelas de basquete e postes de vôlei padrão SMAMS, além do paisagismo. A revitalização foi executada com o apoio dos empreendimentos privados que atuam na região.

Assim que cheguei à praça pela Rua Visconde Duprat visualizei a área de lazer com os brinquedos infantis, gramados e ambientes de estar banhados

pelo sol da manhã. Entre a quadra de esportes e a área preservada esse lugar com o terreno plano que se encontra entre as declividades da praça é agradável para o convívio. Um lugar de encontro com pessoas de todas as idades e conversa animada rodeada por crianças e cães que participavam das atividades sociais do dia (figura 33).

Figura 33: Encontro dos cães



Fonte: Autora (2018)

Nessa praça observei algumas das qualidades relatadas na pesquisa da Organização Não Governamental (ONG) Project For Public Spaces de Nova York que avaliou milhares de espaços públicos pelo mundo e concluiu que os espaços públicos bem sucedidos têm quatro qualidades básicas:

1. Acessos e Conexões:

Lugares com acessibilidade para pessoas de todas as idades e condições físicas e facilidade de locomoção e conexões com os seus arredores, tanto visual como física.

2. Usos e Atividades

Oferece diferentes atividades e formas de as pessoas usarem o espaço. Atividades são pilares básicos de construção de um lugar.

### 3. Conforto e Imagem

Um espaço confortável e bonito, que tenha um visual agradável, é a chave para o seu sucesso. Conforto inclui percepções sobre segurança e limpeza, bem como a disponibilidade de lugares para sentar.

### 4. Sociabilidade

Esse é um quesito difícil de conseguir em um espaço público, mas quando atingido, torna-se uma característica inconfundível. É quando as pessoas encontram os amigos no espaço, conhecem outras pessoas e cumprimentam os seus vizinhos. Isso mostra que as pessoas se sentem confortáveis interagindo com desconhecidos. Nesses casos, elas tendem a sentir um forte senso de lugar, sentem pertencer ao espaço e ao seu entorno.

Esta proposta de lugar bem sucedido tem projetos baseados no placemaking, uma ferramenta de pesquisa que se destina à ativação urbana de espaços públicos comuns, a fim de torná-los lugares especiais, por meio da integração entre as mais diversas formas de arte, cultura e design.

Trocas de ideias e chimarrão circulavam neste domingo ensolarado. Um grupo de frequentadores da praça tem procurado manter a qualidade do lugar com corte de grama e limpeza da praça. Eventualmente se reúnem e até churrasco acontece na praça. Encontrei aqui muitas intenções de comunicação visual urbana como mostram as figuras 34 e 35.

Figura 34: Singularidades da comunicação visual urbana



Fonte: Autora (2018)

Sentada com o neto em um dos bancos da praça, uma senhora aproveita o sol. Relatou que os adolescentes pouco aproveitam o espaço público, que é difícil convencer o neto a sair de casa para sentar em um banco de praça, conversar e tomar sol. A mercantilização do tempo livre submetido à

lógica do consumo, a oferta dos mais diversos produtos para preenchê-lo e a regulação e homogeneização da vida doméstica, que tende a padronizar os modos de usar esse tempo (AZEVEDO JR, 2001) dificultam as percepções das singularidades do espaço público.

Figura 35: A natureza e a comunidade



Fonte: Autora (2018)

Esta senhora também comentou que no Rio de Janeiro onde mora, o espaço público é muito utilizado pela população e que as pessoas se apropriam das praças e com isso a cultura do medo que atinge a população vai reduzindo. Saliu a importância da iluminação e do uso diurno e noturno das praças com eventos e feiras que propiciem a circulação de pessoas o que aumenta a sensação de segurança. No final da conversa o jovem concordou que novas alternativas de uso na praça seriam bem vindas e gostou de participar da conversa.

Em uma sociedade cada vez mais tecnológica e com o distanciamento dos contatos face a face entre as pessoas acredita-se na tradição da expressão social da praça para reinventar a participação dos cidadãos no espaço comum.

Para tanto, desafia-se o pensamento de exercitar a capacidade de propagar uma imagem refrescada do espaço público da praça, de forma a evitar que este lugar fique excluído e melancólico, sem a participação na vida urbana.

As interações sociais fazem parte da tradição do lugar da praça nas cidades e de acordo com a pesquisadora Susan Pinker (2014) estas são necessárias para a felicidade, saúde, resiliência e a longevidade de uma população. Segundo ela, passar menos tempo on-line e combinar todos os tipos de laços existentes em uma comunidade têm efeitos únicos na existência humana. Um desafio na atualidade como demonstra a figura 36.

Figura 36: O uso de equipamentos eletrônicos na Union Square - Nova York



Fonte: Autora (2017)

Em sua pesquisa na Sardenha, uma das cinco Zonas Azuis, termo utilizado por especialistas para designar locais no mundo onde a longevidade ultrapassa a marca dos cem anos de idade, Pinker descobriu que o único fator comum na vida de todos os visitados é sua vida social, o contato e o cuidado diário que recebem de familiares, dos vizinhos e dos demais membros da comunidade. Há um forte senso de pertencimento àquela vila, àquela comunidade; todos parecem sentir-se incluídos.

Interagir, conversar e viver em comunidade podem ter efeitos poderosos sobre o organismo, especialmente sobre o cérebro. Estudos da neurociência demonstram que, ao interagir face a face, áreas específicas do cérebro

envolvidas com a atenção, a inteligência social e a recompensa emocional são ativadas. É possível inferir que, além de alimentação, água e sono, o genuíno contato humano é necessário para sobreviver com boa qualidade de vida.

Pinker defende que o contato pessoal é um imperativo biológico e que todos podem construir "sua própria vila". Construir relações pessoais em todos os ambientes e cultivá-las pelo contato frequente e afetivo, usando as tecnologias para aproximar e aumentar as interações face a face.

Sendo assim, alternativas de estabelecer novos modelos de gestão e ambientação em conjunto com projetos de vizinhança é uma questão desafiadora. São novas alternativas de forma e aplicação de usos de modo que as pessoas se motivem a interagir na comunidade.

Muito receptivos os frequentadores desta praça. Eles comentaram sobre a sensação de insegurança na área de preservação que é cercada com tela e tem pouca circulação de pessoas no seu entorno. Esses são desafios de manter a biodiversidade que provem de uma área protegida no meio urbano.

Avistei um casal plantando mudas de árvores nativas. A praça é sempre uma possibilidade de contato com a terra.

Finalizei a visita e fui conhecer a **Praça Tenente Costa**.

Um ótimo lugar para levar as crianças, tem parquinho com balanço, escorregador, caixa de areia, um lugar calmo e limpo comentou uma frequentadora da praça (figura 37).

Figura 37: Manhã ensolarada



Fonte: Autora (2019)

Esta é uma praça adotada por uma Construtora de Porto Alegre, de formato retangular com área de 2.745,00m<sup>2</sup>, situada entre as Ruas Professor Tupi Caldas e Pirapó e Avenidas João Caetano e Guaporé.

Sempre que circulo pelos arredores observo que em dias de sol tem muitos bebes com suas mães ou babas circulando na área de equipamentos infantis que fica no nível mais alto e ensolarado da praça.

Nesta visita avistei um bebe de um ano se divertindo na caixa de areia, fazendo buracos com as mãos enquanto outras crianças se dividiam entre os balanços e o escorregador.

Desci as escadas e no nível mais baixo encontrei um depósito fechado com banheiro que é utilizado pelo pessoal que faz a manutenção da praça. O jardineiro que estava ali no dia da visita comentou que esse espaço é muito útil para conservação e limpeza da praça. Serve para guardar material, além de ter um ponto hidráulico, para regas eventuais e um ponto elétrico para ligar as máquinas que são utilizadas na manutenção do lugar.

O adotante colocou placas indicativas da adoção e de critérios de uso dos brinquedos. Os frequentadores colocaram uma placa com os dizeres:

“colabore com a beleza da praça, seja prudente para proteger as flores, não solte seu cão da guia”.

Na área de estar se encontra uma placa de agradecimento da comunidade para Paulo Renato da Costa Aquiles, Tenente Costa pelos seus ideais de justiça e liberdade. Finalizei a visita.

Estava curiosa para conhecer a **Praça Tamandaré** situada entre as Avenidas Taquara, Caçapava e Montenegro com área de 17.468,00 m<sup>2</sup> e muitas particularidades.

O nome da praça faz alusão ao Almirante Tamandaré<sup>5</sup>. Os moradores antigos do bairro contaram que aqui já foi uma área de banhado e que até de barco passeavam.

Hoje a praça é composta por equipamentos infantis, quadra de futsal, vôlei e basquete e assim como a Praça Ararigbóia dispõe de um campo de futebol e vestiários.

Este setor de esporte também é supervisionado pela Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social e Esporte (SMDSE).

Atualmente, o órgão responsável pela manutenção e conservação das praças de Porto Alegre é a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (SMSUrb).

A edificação com a Sede Administrativa e Esportiva junto aos vestiários já foi Jardim de Infância e hoje é um espaço coordenado por professores da rede pública com aulas de ginástica, alongamento e dança principalmente voltada para o público idoso. Os professores muito simpáticos me receberam para conversar e contaram um pouco sobre a dinâmica do lugar.

As aulas são muito apreciadas pela população e as quadras de futebol já foram mais requisitadas. Hoje são jogos mais esporádicos.

Houve uma época que um professor conquistou muitos alunos e a quadra foi muito utilizada. Os jogadores de câmbio da Praça Ararigbóia já estiveram jogando nas quadras da Praça Tamandaré.

Os professores de ginástica me emprestaram o livro Memórias do Bairro Petrópolis e fiquei de devolver na próxima visita.

---

<sup>5</sup> Almirante Tamandaré (Joaquim Marques Lisboa) patrono da Marinha brasileira, figura relevante da era imperial, participou de várias batalhas e guerras, inclusive a do Paraguai.

No playground, muitas crianças tranquilas de idade entre 2 a 6 anos brincando na caixa de areia, fazendo buracos e castelos com baldinhos. Os pais que estavam próximos comentaram de reunir os frequentadores para comprar mais areia.

Em dias de semana alguns jovens que frequentam a praça são do Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio que tem sua sede próximo da praça. Estes jovens comentaram que apreciam a praça ter banheiros e bebedores possibilitando assim, a permanência no local.

Um grupo conversava entusiasmado sobre política, outros aproveitavam as mesas com jogos de xadrez e quando me aproximei comentaram que todos que frequentam a praça se conhecem desde a infância.

O senhor que passeava com o neto enfatizou que ter áreas verdes dentro da cidade reservadas para uma praça é qualidade de vida.

Uma jovem comentou:

- Minha avó sempre contou que aqui era um banhado. Até de barco se podia passear.

Observei que ainda hoje ao lado do campo de futebol tem uma área alagada. A jovem comentou que a noite dorme com o coaxar de sapos e anfíbios em busca de acasalamento e complementou que em uma determinada época do ano aparecem diferentes pássaros nesta área alagada.

O recente desenvolvimento da ecologia urbana, ciência necessariamente interdisciplinar, nos demonstra que as cidades são ecossistemas heterotróficos, que necessitam ser planejados para a diminuição de seus impactos sobre a biosfera, e que em paralelo sua capacidade de manter a biodiversidade seja incrementada (ANGEOLETTO, SILVA, ALBERTIN, 2015). Os padrões de crescimento urbano são determinantes para a conservação da diversidade biológica, e também para um nível adequado de qualidade de vida na cidade.

O conceito de resiliência, definida como a capacidade do ecossistema em manter ou retornar às suas condições originais após um distúrbio provocado por forças naturais ou pela ação humana sempre pode ser considerado na preservação de refúgios para a biodiversidade e contato do homem com a natureza.

A preservação de áreas verdes nas praças é essencial no meio urbano, com incentivo para projetos ecológicos de análise e observação das relações urbanas com a fauna e flora e de educação ambiental visando à interação entre plantas, animais e seres humanos.

A natureza estampada no ambiente desta Praça convida ao lazer, ao descanso e a reflexão (figura 38).

Na época que antecede o Natal um dos frequentadores da praça, com a contribuição da comunidade, elaborou árvores de Natal com tecido. No ano de 2017 tinham três: uma branca, outra amarela e uma menorzinha vermelha. Todos se encarregaram de enfeitar as árvores de tecido para a celebração da festa de Natal na praça.

Conforme Heidegger (1951), os espaços recebem sua essência não do espaço e sim do lugar, assim como os espaços onde se desenvolve a vida são antes de tudo lugares (MONTANER, 2001).

De um lado da praça tem uma rua estreita sem saída somente para acesso às poucas edificações ali existentes. Para esses Condomínios a praça se torna um atrativo de esporte e encontro.

Figura 38: Praça Almirante Tamandaré



Fonte: Autora (2018)

“Numa essência silvestre, a luz e a vida sublimam o lugar.”  
Gonçalo Ribeiro Telles

A sensação de acolhimento circunda essa praça ampla, de árvores frondosas como ipês, plátanos, paineiras e até uma figueira. O aroma primaveril é muito agradável e o canto dos pássaros invade todo o lugar.

Precisamente, a ideia de lugar diferencia-se da de espaço pela presença da experiência. Lugar está relacionado com o processo fenomenológico da percepção e da experiência do mundo por parte do corpo humano (MONTANER, 2001).

Nas últimas décadas, a ideia de lugar teve um peso específico muito variável e foi interpretada de distintas maneiras. Em pequena escala, o lugar é entendido como uma qualidade do espaço interior que se materializa na forma, textura, cor, luz natural, objetos e valores simbólicos. Em grande escala, é interpretado como *genius loci*<sup>6</sup>, como capacidade para fazer aflorar as preexistências ambientais, como objetos reunidos no lugar, como articulação das diversas peças urbanas (praça, rua, avenida) (MONTANER, 2001).

A aparência de uma praça e o modo como os seus ambientes se organizam, formam um lugar onde é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais. O ambiente construído da praça constitui um elemento complexo de experiência urbana que problematiza as vivências que ali se estabelecem, estimulando o observador a voltar o seu olhar para esse espaço público, como uma rica e contraditória fonte de reflexões sobre as relações que se estabelecem na sociedade atual.

Essa percepção conduz a diversas experiências de reflexão e discussão sobre o pensamento humano, onde o ambiente da praça deixa de ser um objeto concreto para se tornar uma sucessão de diferentes cenários.

Em um diálogo entre os personagens Kublai e Polo no livro *Cidades Invisíveis*, Calvino retrata um jardim como lugar de reflexão.

Kublai: Não sei quando você encontrou tempo de visitar todos os países que me descreve. A minha impressão é que você nunca saiu deste jardim.

---

<sup>6</sup> A ideia de *genius loci* está baseada na antiga crença romana de que toda ser independente tem seu *genius* ou espírito protetor. Os deuses familiares que habitavam a casa romana eram os *lares* (espíritos guardiões da casa), os *genius* (divindades tutelares do cabeça de família) e os *penates* (divindades protetoras da comida) (MONTANER, 2001).

Polo: Todas as coisas que vejo e faço ganham sentido num espaço da mente em que reina a mesma calma que existe aqui, a mesma penumbra, o mesmo silêncio percorrido pelo farfalhar das folhas. No momento em que me concentro para refletir, sempre me encontro neste jardim, neste mesmo horário, em sua augusta presença, apesar de prosseguir sem um instante de pausa a subir um rio verde de crocodilos ou a contar os barris de peixe salgado postos na estiva.

A Praça **Doutor Milton Krause** ocupa uma área de 2.184,00 m<sup>2</sup> e tem os seus limites nas Avenidas Lajeado e Encantado.

Essas Avenidas são parte do meu trajeto para casa e nos horários que circulei por ali nunca vi uma pessoa nesta praça. A manutenção parece ser muito esporádica e a natureza toma conta desse pequeno oásis urbano com arborização densa e muitos pássaros.

Nesta época do ano as flores do Manacá de jardim, (*Brunfelsia uniflora*) desabrocham e exalam um aroma característico dessa flor por toda praça (figura 39).

Figura 39: Floração da Brunfelsia

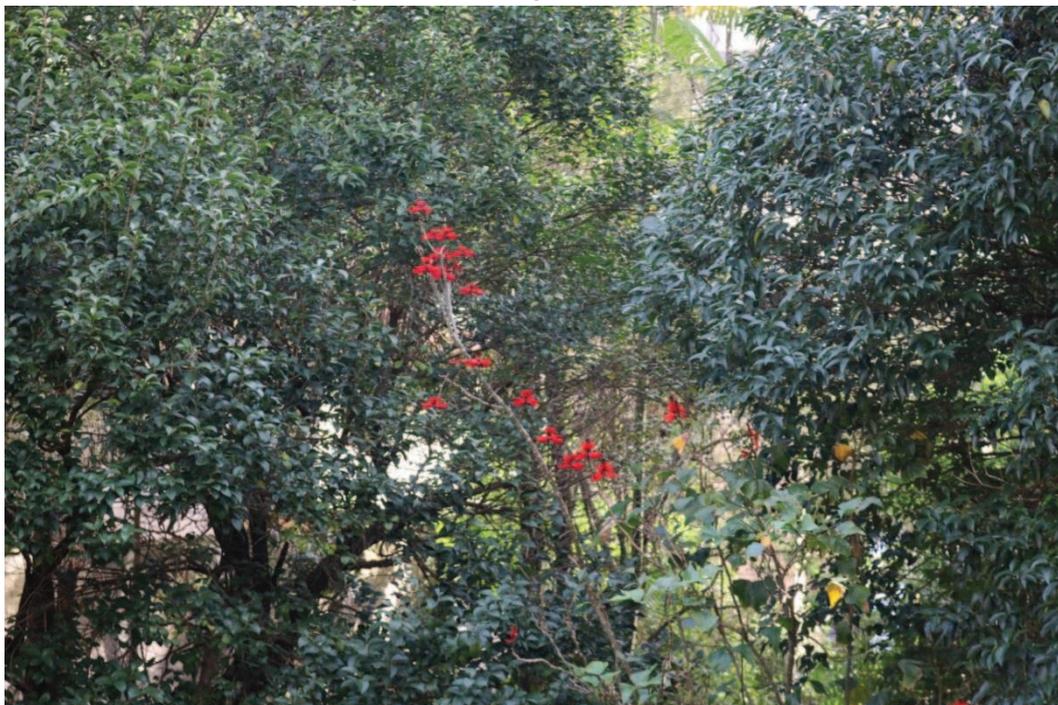


Fonte: Autora (2018)

Algumas árvores nativas se encontram aqui, como a Corticeira, (*Erythrina speciosa*), linda árvore nativa da Mata Atlântica da região Sul e

Sudeste que produz uma exuberante florada de vermelho vivo com grande destaque. Suas flores vermelhas são atrativas de beija flores. Sendo uma árvore pioneira, mais rústica e tolerante se torna ideal para recomposição vegetal de área degradada (figura 40).

Figura 40: Floração da Corticeira



Fonte: Autora (2018)

Encontra-se também a pitangueira (*Eugenia uniflora L.*), nativa da Mata Atlântica brasileira. Medianamente rústica, de porte pequeno a médio, com 2 a 4 metros de altura. A copa é dotada de folhagem perene. As folhas pequenas e verde-escuras, quando amassadas, exalam um forte aroma. As flores são brancas e pequenas, muito apreciadas por abelhas na fabricação do mel.

O declive do terreno é acentuado e não tem caminhos de acesso entre os ambientes. Os brinquedos estão bem danificados, o muro não tem pintura e a praça não tem bancos para apreciar essa pequena biosfera.

A grande descoberta de Heráclito de Éfeso, filósofo grego da antiguidade, é que a unidade do princípio criador não é uma unidade idêntica e não exclui a luta, a discórdia, a oposição. Para compreender a lei suprema do

ser, o *logos*<sup>7</sup> que o constitui e governa, é necessário unir o completo e o incompleto, o concorde e discorde, o harmônico e o dissonante, e dar-se conta de que de todos os opostos brota a unidade e da unidade saem os opostos. O ponto de partida de Heráclito é a constatação de o incessante devir das coisas, o mundo como um fluxo perpétuo.

Segundo Hegel, os opostos estão continuamente conciliados e a sua conciliação é também a sua “verdade”. A dialética explica todo movimento e toda a mudança, tanto no mundo quanto em nosso pensamento sobre ele (HEGEL, 1997).

Praça da Preservação foi o nome desta praça até o ano de 1971, provavelmente pela área verde (figura 41).

Figura 41: A diversidade de espécies vegetais



Fonte: Autora (2018)

A **Praça Doutor João Petersen Júnior** tem 1.700 m<sup>2</sup> foi projeto do Arquiteto Luiz Matte e urbanizada em 1974.

Está situada no encontro das Avenidas Palmeira e João Obino e faz frente para a Escola Estadual Imperatriz Leopoldina.

<sup>7</sup> Logos para Heráclito de Éfeso (sV a.C.), conjunto harmônico de leis que comandam o universo, formando uma inteligência cósmica onipresente que se plenifica no pensamento humano.

Existe uma pedonal entre a Escola e a Praça. Com a proximidade da Escola nos dias de semana encontrei crianças e jovens circulando nesta praça. Nos finais de semana observei poucas pessoas usufruindo do lugar (figura 42).

Figura 42: Praça Doutor João Petersen Júnior



Fonte: Autora (2018)

No centro da praça uma aroeira (*schinus terebinthifolius*) resplandece com sua copa de 15 metros de diâmetro (figura 43). Os pequenos frutos da aroeira vermelha passam despercebidos pela maior parte da população que não sabe do seu uso e do seu potencial. Comercializados com alto valor agregado e utilizados internacionalmente na gastronomia como *Brazilian pink pepper*, a pimenta rosa guarda semelhança com a pimenta-do-reino apenas no formato e no tamanho. Seu sabor e aroma estão mais para adocicado do que para picante, ao contrário da maioria das pimentas. Também é conhecida por aroeira-mansa, por não apresentar efeito alergênico acentuado em pessoas sensíveis, como é, por vezes, o caso da aroeira-brava (*Lithrea brasiliensis*), pertencente à mesma família botânica. Contudo, já foram registrados efeitos alergênicos dessa espécie.

Como todo condimento, tempero e especiarias mais fortes, devem ser usados moderadamente. A aroeira é uma árvore de baixo porte, de tronco

tortuoso, curto, casca grossa sulcada, escura e rugosa. Possui folhagem densa verde-clara a escura (KÖHLER, CORRÊA, BRACK, 2013).

Figura 43: Tronco da Arueira



Fonte: Autora (2018)

No ano de 2016 adotei essa Praça e foi elaborado um projeto de revitalização como mostra a figura 44.

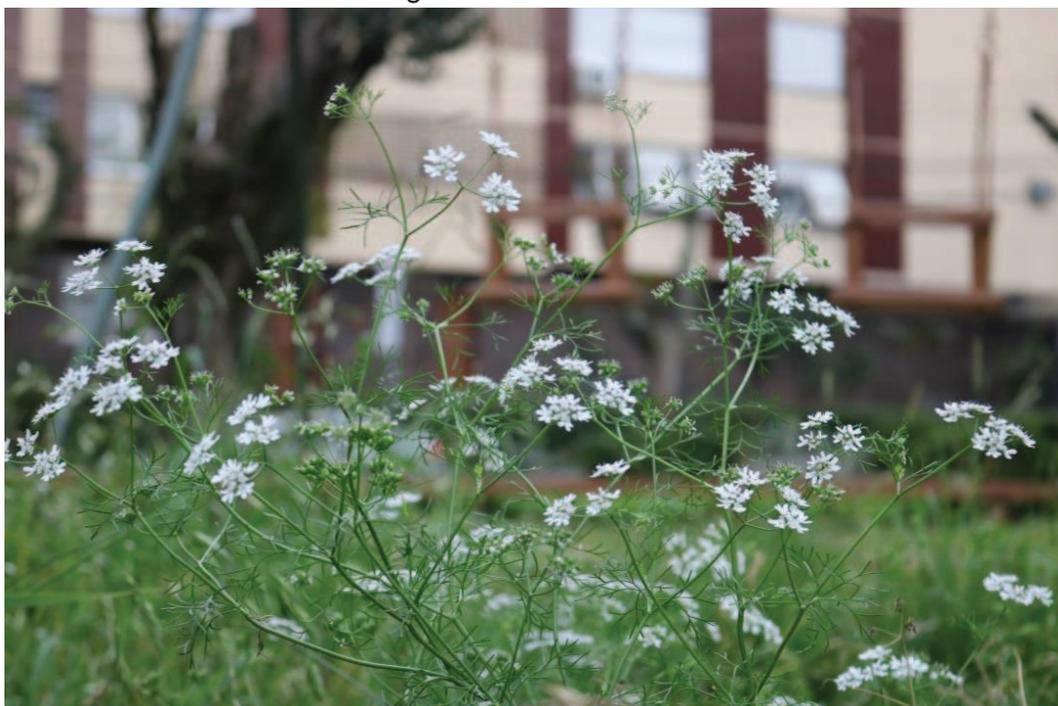
Figura 44: Projeto de paisagismo para praça



Fonte: Autora (2016)

Com auxílio de empresas, da comunidade e das escolas próximas foi feito um plantio de vegetações nativas como margaridas, trialis e neumarica caerullia. Foi colocado composto orgânico nos canteiros e se executou uma horta com a colaboração dos alunos de uma escola das proximidades (figura 45). Houve também colocação de lixeiras, podas e pintura dos brinquedos e bancos.

Figura 45: Salsa em flor



Fonte: Autora (2018)

O jardim está brilhante e florido,  
Sobre as ervas entre as folhagens,  
O vento passa, sonhador e distraído,  
Peregrino de mil romagens.  
Sophia de Mello Breyner Andresen

Foi uma experiência muito positiva ao oportunizar a aproximação de crianças da natureza e a mobilização das pessoas em prol do coletivo.

A figura 46 mostra a floração da canna glauca plantada na praça.

Figura 46: Floração da canna glauca na praça



Fonte: Autora (2018)

O jardim é um sistema vivo, que se transforma ao longo do dia. Se tivermos a oportunidade de acompanhar o jardim durante sete ou oito horas percebemos que os sons da manhã são completamente diferentes dos sons do meio dia e do final do dia. O mesmo acontece no verão e no inverno, frisa Aurora Carapinha.

A personalidade do investigador e sua experiência pessoal não podem ser eliminadas do trabalho etnográfico. Na verdade, elas estão engastadas, plantadas nos fatos etnográficos que são selecionados e interpretados. (PEIRANO, 2008, p. 3-4).

No frescor da manhã de quinta feira caminhei pelo gramado da **Praça Breno Vignoli** que ocupa uma área de 22.006,00 m<sup>2</sup>. Tem seu entorno miscigenado, predominantemente residencial, com a presença de equipamentos públicos de transporte (pontos de ônibus), de ensino (Escola Infantil Despertar) e a sede Petrópolis do Clube Grêmio Náutico União que adotou a praça. Seus limites são a Avenida Nilo Peçanha a oeste, Rua Desembargador Augusto Loureiro Lima, ao norte, Rua Armando Pereira Câmara, a oeste e a Sede do Grêmio Náutico União ao sul.

O entorno apresenta baixa vitalidade urbana e a praça tem baixo fluxo de passagem, com poucas pessoas circulando, sendo mais utilizada para contemplação e jogos nas quadras esportivas.

Na visita percebi uma casinha de madeira instalada em meio às árvores. Uma ocupação de muitos anos com registro de diversas tratativas de remoção do ocupante sempre redundando inócuas. Nesta área a vegetação se encontra mais preservada, não tem caminhos, somente o acesso para moradia (figura 47).

Figura 47: Área preservada

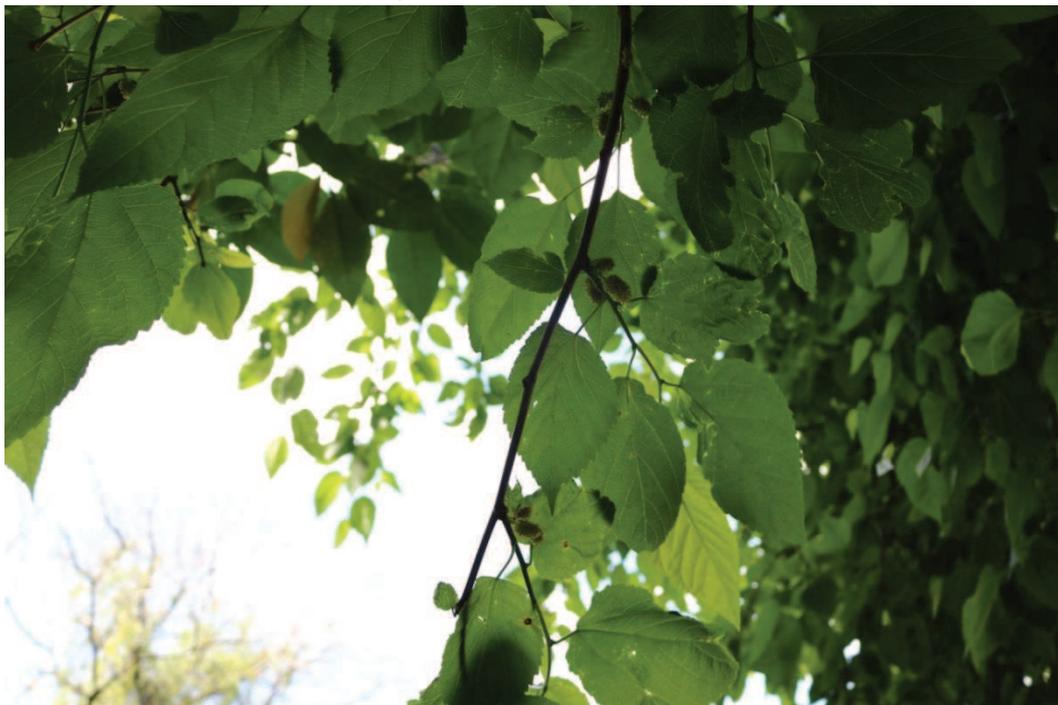


Fonte: Autora (2018)

O lugar torna-se realidade a partir da nossa familiaridade com o espaço, não necessitando, entretanto, de ser definido através de uma imagem precisa, limitada. Lugar se distingue deste modo, de espaço. Este "transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (TUAN, 1983, pág. 06).

Observei a melodia do lugar com muitos pássaros, insetos, flores e frutas. Em meio às bananeiras o pica-pau caminha com maestria no seu território. As amoras já quase amadurecendo (figura 48) e os cachos de ameixas maduras (figura 49).

Figura 48: Amoras verdes



Fonte: Autora (2018)

A praça é bastante arborizada, com uma expressiva área de difícil acesso, densamente vegetada. Outro dia à tardinha encontrei um homem sentado no gramado, ele me contou que vem sempre descansar e olhar a natureza e que depois de uma chuva esse gramado se enche de aves em busca de alimento.

Junto a esse gramado tem uma quadra de Beach Tennis e outra de futebol, os bancos vermelhos foram pintados recentemente e o playground é pouco utilizado pelas crianças.

No dia da minha visita havia jogo nas duas quadras e o restante da praça só natureza.

Figura 49: Ameixas maduras



Fonte: Autora (2018)

Um desafio propor novos usos nesta praça com uma área verde tão expressiva dentro do espaço urbano. Talvez um diálogo entre economia e a praça possa ser enfatizado, através da criação de espaços efêmeros que propiciem a criação de emprego e atração de investimento, ou também como atrativo turístico de particular interesse histórico, cultural ou científico.

A vegetação densa da Praça deixa o local inseguro e solitário, além disso, o plantio de árvores sem autorização da SMAMS está deixando a Praça com pouco sol e ainda mais insegura com a pouca circulação de pessoas. A pavimentação da praça está danificada, o que impossibilita caminhadas e dificulta a acessibilidade, já a construção da quadra de Beach Tennis favoreceu a segurança do ambiente, intensificado encontros entre vizinhos e jogadores do esporte.

Um senhor comentou que ter um cercado onde os cães pudessem brincar e correr seria bem vindo.

A praça tem problemas de drenagem. Os moradores do entorno gostariam de maior investimento da Prefeitura e mais flexibilidade nas autorizações para intervenções na praça.

Foi feita uma poda de elevação nas copas das árvores e removidas árvores secas pela adotante.

Em entrevistas realizadas pela SMAMS a população se divide quanto a alternativas de novos usos na Praça alguns apreciam as feiras enquanto outros discordam da praça como lugar para elaboração de eventos (VER ANEXO).

São muitas as opiniões, uns gostariam de ter churrasqueiras, pois aos finais de semana, fazem churrasco com churrasqueiras improvisadas. Outros comentaram que não são todos os tipos de eventos bem vindos e destacaram que eventos familiares, como feiras, seriam mais interessantes.

Os entrevistados comentaram que eventos são um atrativo para a praça, integra a comunidade. Os que não têm opinião formada sobre eventos acharam que seria interessante ter uma experiência para avaliar os impactos para o local.

Segundo o autor inglês John Howkins no livro “The Creative Economy”, publicado em 2001, a criatividade e o capital intelectual são a matéria-prima para a criação, produção e distribuição de bens e serviços. São atividades geradoras de riqueza que utilizam como insumo fundamental a inteligência, a criatividade, contribuindo assim para o desenvolvimento sustentável e inclusivo. Algumas das atividades em Praças com base em um cenário de turismo cultural:

- Contato com a natureza e com práticas e tradições locais;
- Serviços como passeios, visitas guiadas, atividades culturais;
- Recepção e o convívio com intercâmbio de experiências e respeito mútuo;
- Arte popular, artesanato e produtos agropecuários típicos da região através de uma oferta diferenciada e relacionada com a experiência vivida, contribuindo para a geração local de trabalho e renda, valorizando os artistas da região e adaptando-se a agenda cultural local;
- A produção diferenciada (viticultura, artefatos de montaria, cerâmica) motivadora de fluxo turístico e vinculado à identidade local;
- As manifestações culturais típicas (Festa do Município; Festa da Padroeira; Festivais folclóricos e culturais);
- Cafés, restaurantes e Food Trucks que utilizam ingredientes tipicamente locais e apresentam pratos de consumo tradicionais da região, valorizando os

produtos da agricultura familiar e orgânica, promovendo a releitura da gastronomia tradicional estimulando a diversidade e realizando eventos gastronômicos.

Os elementos acima descritos são indispensáveis para qualificar um território criativo, como sendo aquele capaz de promover o melhor uso de seus recursos naturais, culturais e humanos, impulsionando um desenvolvimento mais justo e equitativo com melhor distribuição das oportunidades de trabalho e de renda para a população local (HOWKINS, 2001).

“Paisagem cultural” e “Cidades Criativas” são certificações concedidas pela UNESCO, baseada em critérios norteados pela qualidade dos vínculos existentes entre os distintos “atores” do processo de desenvolvimento local.

Todo esse cenário representa um grande desafio para as praças e necessita da total convergência de interesses e da sinergia entre poder público, iniciativa privada e a comunidade.

Figura 50: Biodiversidade da área verde preservada



Fonte: Autora (2018)

Em meio às avenidas movimentadas essa área verde passa despercebida e indiferente à cidade (figura 50).

Reservei o sábado pela manhã para visitar a **Praça André Foster**<sup>8</sup>, que se situa entre as Ruas Jaime Teles, Romulo Telles Pessoa e Avenida Neuza Goulart Brizola, tem área de 22.006,00 m<sup>2</sup> e foi inaugurada em janeiro de 1998.

Atualmente é uma praça adotada com atividades que se abrem para pluralidade, tanto de interpretações quanto de ações, de modo a compor uma rede móvel que conecta pontos e posições no reconhecimento das interações sociais do homem com seu meio ambiente (ASCHER, 2010).

O sábado nesta Praça é como um palco representativo da dimensão cultural e histórica da cidade, além de abrigar, frequentemente, o comércio formal e o informal, como as feiras populares, coloniais, de artesanato, entre outras (FONT, 2003).

Neste sábado encontrei na praça artesanato, alimentos orgânicos, brechó, cães circulando e crianças nos brinquedos, além de jogo com bola e descanso no gramado (figura 51). Neste contexto percebi muita vitalidade na praça, onde pessoas interagem com o meio ambiente em um lugar de trocas, conversas e afeto.

Figura 51: Encontro de gerações na Praça



Fonte: Autora (2018)

Ruedi Baur (2004 apud CABRAL, M. A, 2017) considera que, num mundo onde tudo se direciona para a semelhança e para o extraordinário, o diferenciado deve adquirir um valor maior, como tal, e segundo Andy

---

<sup>8</sup> André Foster, sociólogo e líder político, nascido em 1945 em Santa Cruz do Sul/RS.

Schwanbeck (2013 apud CABRAL, M. A, 2017), é necessária a criação de lugares únicos, irrepetíveis e contextualizados, considerando ser o grande desafio para as cidades.

A paisagem urbana das praças se estrutura por elementos do meio físico natural e construído, resultado da ação humana e cultura local cujas características configuram sua história, sendo aspecto essencial da identidade cultural da cidade (LEFF, 2001).

Figura 52: Feira orgânica



Fonte: Autora (2018)

As feiras das praças, como mostra a figura 52, configuram uma nova identidade ao lugar, promovendo multiplicidade de fatores, associados aos valores históricos e comerciais, firmados na premissa de uma morfologia territorial singular.

Seguindo a perspectiva de Ruedi Baur (2004), é necessário um esforço para definir a imagem da cidade, cada vez mais igual a todas as outras. É essencial resistir à unificação visual e ao anonimato universal, através de nomenclaturas claras, identificação de locais específicos e singulares, reclamando para que os espaços públicos sejam vividos e personificados, fazendo frente ao território impessoal.

Um exemplo de novos usos no espaço público é o caso do espaço Bilbao Commons (figura 53) que emerge como um laboratório urbano, no Centro Cultural de Bilbao, Espanha. Trata-se de uma estrutura efêmera que se propõe a usar o espaço público e experimentar um programa ampliado e participativo, com apresentações de festivais, workshops e outras atividades.

Figura 53: Bilbao Commons



Fonte: [www.azkunazentroa.eus](http://www.azkunazentroa.eus)

Bilbao Commons permite a realização de atividades com uma estrutura coberta para proteção de eventuais chuvas e sol intenso. São atividades de criação artística, reflexão, planejamento urbano, música e dança, nos formatos de participação, apresentação e workshop.

Um local protegido da chuva, calor ou frio, próximo da natureza e com atividades diversas como feiras, exposições de arte e reuniões é uma alternativa de novos usos na praça, preservação, convívio social e cultural.

Na Praça André Foster, as pessoas aproveitavam o gramado para, conversar, meditar, fazer piquenique, tomar sol ou simplesmente descansar. Junto aos butiazeiros avistei a casa improvisada de um “morador da praça”, protegida pelo taquaral.

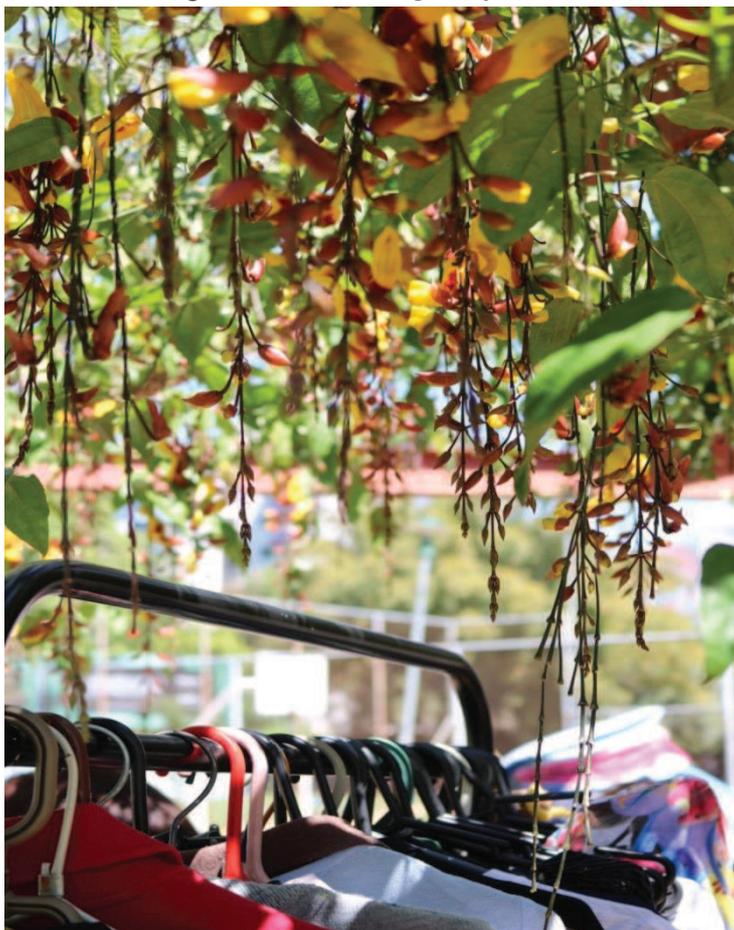
O formato peculiar dos caules e galhos das árvores desta praça convidam as crianças a se aventurar na escalada e sentar no alto para apreciar a paisagem. Nesta época do ano as amoreiras estão repletas de frutas e sempre se encontram pessoas à procura da mais nova frutinha amadurecida.

Cheguei ao pergolado repleto de flores do encontro de duas espécies de *Thunbergias*, uma conhecida por sapatinho de judia (*Thunbergia mysorens*) como mostra a figura 54, e a outra por *Thunbergia grandiflora* com suas flores

azuis. Os insetos, abelhas e zangões estavam agitados com tantas flores. Aqui tem sombra gostosa, sol, feira, brechó e energia do bem comentaram os senhores sentados no banco da praça.

É interessante que mesmo em frente a uma Avenida o som do trânsito dos carros não interfere na dinâmica do lugar.

Figura 54: *Thunbergia mysorens*



Fonte: Autora (2018)

Esta praça durante a semana se torna um lugar de pouca convivência entre as pessoas, o que a torna mais insegura comentou uma jovem.

O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. [...] Os homens, embora devam morrer, não nascem para morrer, mas para começar (ARENDDT, 1993, p.191).

### 3.4 Os cenários das Praças do bairro

Operar com cenários é projetar futuros imaginários expressos através de histórias plausíveis nas quais se narram sequências futuras de ações e de suas consequências. Tal procedimento constitui-se como uma técnica de acerto e erro em que o projetista pode operar sobre os cenários com ocorrência mais plausíveis. O projeto por cenários permite a ampliação das discussões, incluindo diferentes atores e incluindo diversas comunidades em um processo mais aberto (REYES, 2015).

O projeto por cenários mostra-se uma prática híbrida, aberta e sujeita tanto ao saber teórico quanto prático (WILKOSZYNSKI, 2018).

A partir de práticas de cenarização que potencializam a interpretação e a indução da realidade, a uma importante mudança conceitual: a ação promove uma reflexão, o que permite reavaliar e agregar intenções às atividades projetuais criativas (WILKOSZYNSKI, 2018). Neste contexto, pela possibilidade de reflexão sobre a virtualidade do espaço público das praças que a pesquisadora optou por esta metodologia.

Para construir os cenários observaram-se as quatro etapas sucessivas descritas na metodologia:

1. Coleta de valores por ideação (brainstorm);
2. Agrupamento de valores por significação (campos semânticos);
3. Classificação de valores por polarização (gráfico de polaridades);
4. Simulação de alternativas por cenarização (cenários);

#### 3.4.1 Palavras-chave

As imagens-palavras coletadas foram representações da realidade objetiva (dados retirados do território em questão) e oriundas da percepção subjetiva na etnografia de rua, além das fotografias e entrevistas.

Exploraram-se ideias (brainstorm), coletaram-se dados sem metas ou objetivos definidos (briefing), e transformaram-se essas imagens em palavras-chave.



### 3.4.2 Campo semântico das palavras-síntese

A partir desta etapa a pesquisa foi desenvolvida individualmente pela pesquisadora por não haver tempo hábil para organização de um workshop, em conjunto com a população, como rege a metodologia.

O uso dos cenários no âmbito da “cultura de projeto” vem ao encontro das demandas contemporâneas no urbanismo acerca de um processo projetual mais democrático e incluyente (WILKOSZYNSKI, 2018).

Essa técnica permite projetar valores que concorrem para elaborar soluções alternativas antes de ser definida uma solução final. Um método que permite o maior partilhamento das sensibilidades do conjunto de atores que participa do processo qualificando a metodologia (WILKOSZYNSKI, 2018).

Nesta etapa as imagens representadas na nuvem de palavras-chave foram novamente reduzidas em palavras-síntese já que muitas delas se sobrepõem por terem características semelhantes e significados próximos.

Sendo assim, o conjunto de palavras que se assemelharam foram resumidos a uma única palavra mais abrangente com capacidade de incorporar as outras sem perder o significado original. Essa palavra deu nome ao campo semântico por similaridade que passou a ser a síntese de significação do conjunto de palavras.

As informações sistematizadas e transformadas em palavras-síntese representaram a situação-problema e construíram uma imagem da área através da síntese dos campos semânticos em um único conceito mais abrangente – “conceito-síntese”.

Os conceitos-síntese produzidos a partir das palavras-chave são:

- Conservação, ecologia, natureza, esportes, biodiversidade, morador de rua, cidadania, cultura do automóvel = **EDUCAÇÃO**.
- Inusitado, artes, reflexão, recreação, encontros, diversidade = **EVENTOS**.
- Adoção, colaboração, coletivo, manutenção, comunidade, pertencimento, associações de bairro, ONGs= **PRESERVAÇÃO**.
- Acessibilidade, segurança, hortas comunitárias, mobiliário, não lugares, lugares antropológicos = **REQUALIFICAÇÃO DO LUGAR**.

### 3.4.3 Valoração das características do lugar

A partir dos conceitos-sínteses realizou-se uma avaliação do potencial das imagens como estruturadoras do problema e como vetores de crescimento, através do “Gráfico SWOT”.

SWOT é a síntese das palavras em inglês *strength*, *weakness*, *opportunity*, e *threat*, significando as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças (“FOFA”) do território em estudo.

Com a construção da matriz “SWOT” aspectos importantes foram avaliados no território como aparece na figura 56.

Figura 56: Construção da matriz SWOT (“FOFA”)



Fonte: Autora (2018)

Organizados em quatro quadrantes através de dois eixos, no lado superior, estão os aspectos internos diretamente relacionados à praça e no nível inferior os aspectos externos ao lugar da praça. À esquerda os valores negativos e a direita os positivos.

Primeiramente identificaram-se as forças e fraquezas internas a praça. As forças foram reforçadas, como as áreas verdes existentes nas praças em estudo, já as fraquezas que desqualificam o lugar da praça não servem como fatores relevantes na pesquisa, como a falta de manutenção e segurança citadas em algumas entrevistas.

No outro extremo do gráfico encontram-se as ameaças e as oportunidades que geraram impacto positivo ou negativo externo ao problema do local. Como oportunidades consideraram-se as novas possibilidades de adoção de praças por parte de empresas privadas proporcionando uma renovação urbana nas praças do bairro.

Já as ameaças são questões negativas que afetam o local mesmo não tendo sido geradas no mesmo. O bairro Petrópolis se caracteriza pelas residências antigas e mansões que, em muitos casos, estão sendo locadas ou vendidas. Muitas destas casas se encontram sem conservação o que gera desconforto e a sensação de abandono trazendo insegurança para as praças e ruas.

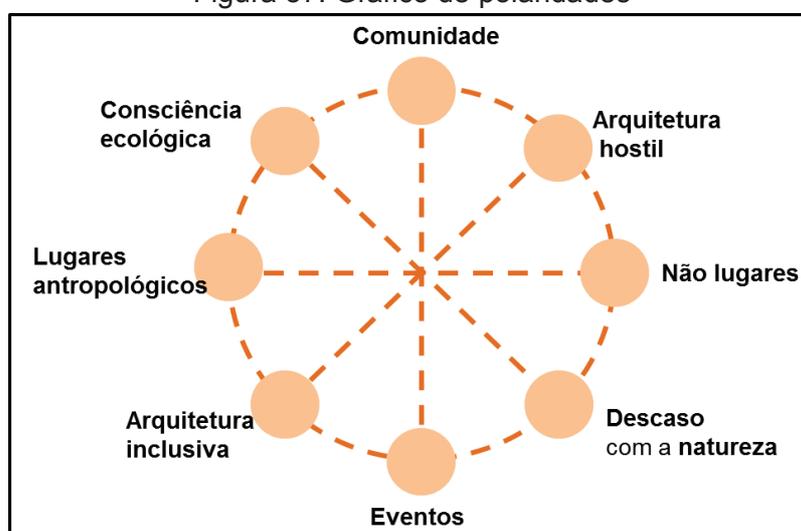
#### 3.4.4 A identificação das forças conflitivas que atuam sobre o território

Para demonstrar as forças conflitivas que atuam na vitalidade das praças foi utilizado um gráfico de polaridades com dois eixos entrecruzados (figura 57).

Nas extremidades dos eixos estão os conceitos que representaram as forças conflitivas do lugar e que não surgiram como consenso na praça.

O gráfico de polaridades estruturou os dados em campos semânticos por oposição, portanto em um extremo do eixo fica o conflito e no outro o seu antagonista.

Figura 57: Gráfico de polaridades



Fonte: Autora (2018)

O gráfico foi estruturado como um instrumento que possibilita organizar os cenários, e definem as forças conflitivas que se mostraram significativas no lugar da praça.

**Comunidades / Eventos:** muitos frequentadores demonstraram interesse em eventos promovidos nas praças, pela sensação de segurança gerada a partir de uma maior circulação de pessoas, além de fortalecer a economia local. Por outro lado, muitas vezes os eventos geram barulho, sujeira e conflitos entre as pessoas o que ocasiona discórdia entre a comunidade.

**Consciência ecológica / Descaso com a natureza:** na praça se observaram momentos de muito cuidado e interesse pela natureza, assim como falta de cidadania e entendimento da população sobre a importância na preservação deste espaço público.

**Arquitetura hostil / Arquitetura inclusiva:** Em 2014 o repórter Bem Quinn já havia descrito no jornal britânico *The Guardian* sobre as pontas de ferro anti-desabrigados encontradas em espaços públicos na Inglaterra. Atualmente estas soluções são encontradas e podem de alguma forma afastar ou excluir as pessoas dos locais públicos urbanos.

Nas praças do bairro a questão da arquitetura hostil esteve relacionada à acessibilidade em calçadas, acessos e caminhos de circulação entre os ambientes. Rampas, piso tátil e sinalética para melhor orientação também foram citados em muitas entrevistas como essencial na dinâmica de um espaço público agregador.

São soluções de desenho urbano que surpreende os cidadãos de uma forma positiva não excludente e influenciam o comportamento mais generoso no meio urbano. Deste modo, facilita o convívio entre as pessoas sem distinção de gênero, idade, deficiência visual, auditiva, intelectual, moradores em situação de rua ou moradores de rua.

Por outro lado, pensar na diversidade humana e gerar acessibilidade a todos estabelece uma arquitetura inclusiva no espaço público. Algumas praças do bairro proporcionaram ao cidadão essa possibilidade de interagir com o lugar através da fauna e da flora, de bancos com encosto, espreguiçadeiras, não estarem cercadas e piso tátil, mas ainda são muitas as adequações a realizar.

Um exemplo é a Praça Nações Unidas, onde a questão da acessibilidade é bastante discutida pelos frequentadores.

A questão do afeto ao lugar está nitidamente atrelada à experiência que se pode ter neste espaço. Para Tuan (1983), “espaços” transformam-se em “lugares” quando permitem que a pessoa desenvolva afetividade em relação a este local e essa afetividade só é possível através da experiência do espaço. Dessa forma, é possível compreender que, para que o objeto de nosso exemplo - uma pessoa com dificuldade de locomoção - possa criar laços afetivos e se identificar com a cidade em que habita, é preciso que ela seja capaz de se introduzir em seus espaços com seu corpo e seus sentidos, e que estes lhe permitam que sua experiência espacial se concretize de forma satisfatória.

#### **Lugares antropológicos / Não lugares:**

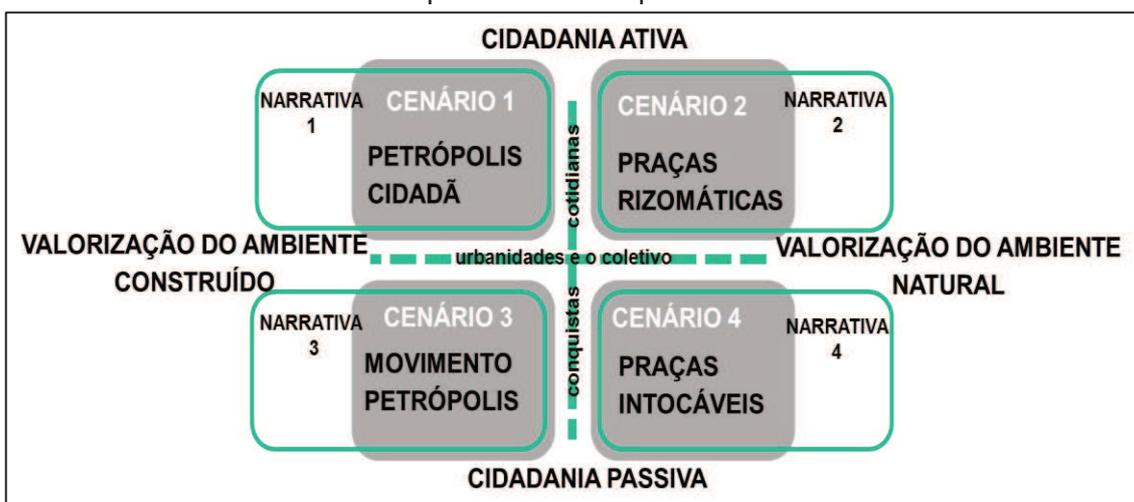
Cada uma das praças da pesquisa tem uma história singular, o que proporciona que cada uma delas preze por sua identidade. Seja a Praça Tamandaré pela exuberância das áreas verdes, o Parque Ararigóia pelos jogos e encontros da comunidade ou a Praça Mafalda Veríssimo pelos eventos.

Porém os lugares antropológicos nas praças podem a qualquer momento se tornarem não-lugares, é quando este lugar se esvazia, quando se torna perigoso, abordando as pessoas através do medo e insegurança.

#### 3.4.5. Estruturação dos cenários

Os cenários das praças do bairro recuperaram as percepções e análises da etnografia de rua e das entrevistas e identificaram os principais conflitos e interesses. Esses conflitos foram representados por uma frase nas extremidades dos eixos X e Y de forma polarizada (figura 58).

Figura 58: Gráfico de polaridades: “polaridades fundamentais” e “temas/conteúdos” dos quatro cenários quadrantes.



Fonte: Autora (2018)

A partir do gráfico de polaridades evidenciaram-se as forças motrizes que atuam neste território.

Uma das forças motrizes identificadas nas praças como incertezas críticas, e que não se tem uma ideia muito clara sobre seus desdobramentos no futuro, foi a crescente valorização do ambiente construído. Nomeou-se esse eixo X de “**urbanidades e o coletivo**”. A outra incerteza crítica posiciona-se no outro extremo, eixo Y e está relacionada à cidadania ativa e cidadania passiva. Nomeou-se esse eixo como “**conquistas cotidianas**”.

O bairro Petrópolis tornou-se um polo de interesse para investimentos no setor de construção. Predominantemente residencial, os terrenos e casas são muito valorizados. O bairro está se descaracterizando ao perder as antigas residências para a verticalização da construção de novos condomínios. São as “urbanidades e o coletivo”.

Em busca da preservação do bairro foi publicada no Diário Oficial de Porto Alegre, no ano de 2014, uma lista que inclui mais de 500 imóveis do bairro Petrópolis no Inventário do Patrimônio Cultural de Bens da Capital. Isso gera muita discórdia entre a população e moradores das casas inventariadas com o receio de perda do valor de venda destas casas.

A preservação de um imóvel particular em prol do coletivo como as atitudes de cidadania ativa nas praças e na preservação destas são “conquistas cotidianas”.

No Brasil, o Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257/2001) regulamentou os artigos da Constituição de 1988 sobre a função social da propriedade e da cidade, estabelecendo limites à especulação imobiliária e condicionando o direito de propriedade ao interesse coletivo, entendendo a cidade como produção social.

#### 3.4.6 Representação dos cenários

Colocando-se na situação: “e se fosse...” que representa o conceito de cenários obteve-se narrativas possíveis sobre o destino das praças do bairro Petrópolis.

São narrativas que foram estruturadas por textos e imagens ficcionais que ajudam a visualizar um imaginário e retratam situações de conflito no território. As narrativas foram descritas como uma possibilidade de ocorrência tanto no presente como no futuro.

Os cenários propostos tem um nome e foram relatados de forma jornalística da situação presente com uma imagem ficcional com traços de realidade. É o “conjunto das imagens” possíveis em cada cenário que representa a situação do território no futuro (figura 59).

Figura 59: Construção de narrativas imagéticas



Fonte: Autora (2019)

As fotografias nos cenários futuros foram sugestivas e desfocadas com o objetivo de construir um *real*, e não um “*retrato*” da cena, ficando a cena futura no *entre* imagens, e não *na* imagem.

Assim ficaram as construções de narrativas textuais.

Do cruzamento de CIDADANIA ATIVA e VALORIZAÇÃO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO resultou o cenário futuro “Petrópolis Cidadã” (figura 60).

Narrativa: “Porto Alegre investiu muito em turismo, aproveitando toda a infraestrutura das praças. Esse crescimento econômico tem sua manifestação evidente nas atuais feiras e eventos promovidos pelas associações de bairro e ONGs em conjunto com empresas privadas. Depois de ter sofrido com a dificuldade de conservação e as conseqüentes reclamações dos moradores pela falta de segurança, agora as praças respiram novos ares com o avanço na vida diurna através dos ateliers de artistas, cafés, feiras de artesanato, alimentos e antiguidades. Nas praças de Petrópolis que outrora se encontravam poucas pessoas contam, hoje, com uma numerosa população em ambientes de pura diversão”.

Hortas urbanas, associações de bairro, cooperação, eventos, cercado para cães, feiras.

Figura 60: Temas/conteúdos do Cenário “Petrópolis Cidadã”.



Fonte: Autora (2019)

Do cruzamento de CIDADANIA ATIVA e VALORIZAÇÃO DO AMBIENTE NATURAL resultou o cenário futuro “Praças Rizomáticas” (figura 61).

Narrativa: “Porto Alegre comemora a aprovação de novas adoções de praças por Associações de bairro que pretendem investir na preservação do patrimônio público das praças no Bairro Petrópolis. São ações coletivas que promovem a participação da população em ambientes de reflexão, hortas comunitárias, aulas de dança, ginástica e yoga, além da conservação da natureza através da educação ambiental com a participação de escolas e universidades. A Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade têm elaborado cartilhas na conscientização da população em relação à cidadania frente ao Patrimônio Público, no sentido da não degradação do ambiente urbano, principalmente nas praças”.

Preservação, educação ambiental, conservação, ecologia, ONGs, construções efêmeras.

Figura 61: Temas/conteúdos do Cenário “Praças Rizomáticas”.



Fonte: Autora (2019)

Do cruzamento de VALORIZAÇÃO DO AMBIENTE CONSTRUIDO e CIDADANIA PASSIVA resultou o cenário futuro “Movimento Petrópolis” (figura 62).

Narrativa: “Porto Alegre tem feito grandes avanços no que diz respeito a proporcionar atrativos para que novas empresas invistam na construção de Condomínios Residenciais e Comerciais no bairro Petrópolis. O arborizado bairro tem hoje uma altíssima procura de novos moradores. Toda divulgação destes mega empreendimentos são feitas em eventos semanais nas praças. Essa nova paisagem valorizou em muito a cidade, recuperando a vitalidade das praças”.

Empresas, construções, eventos, vitalidade.

Figura 62: Temas/conteúdos do Cenário “Movimento Petrópolis”



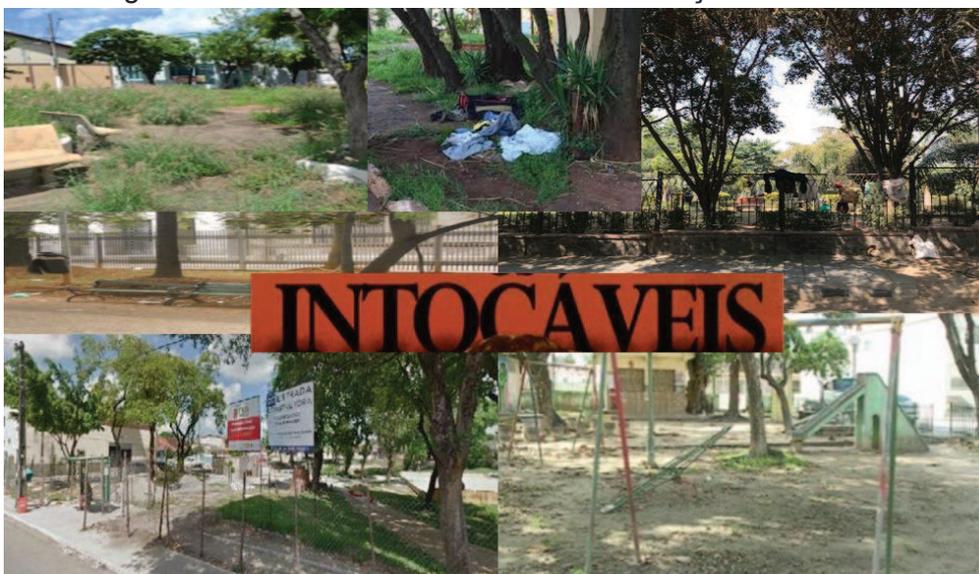
Fonte: Autora (2019)

Do cruzamento de VALORIZAÇÃO DO AMBIENTE NATURAL E CIDADANIA PASSIVA resultou o cenário futuro “Praças Intocáveis” (figura 63).

Narrativa: “As Praças de Petrópolis são hoje áreas verdes cercadas. Após a dificuldade de manter as praças do bairro em condições de uso e segurança para população os órgãos públicos optaram por cercar as praças do bairro. Hoje poucas praças ficam abertas ao público e as que restam estão em péssimas condições de conservação”.

Áreas verdes, manutenção, preservação.

Figura 63: Temas/conteúdos do Cenário “Praças Intocáveis”.



Fonte: Autora (2019)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Sabe o que eu quero de verdade? Jamais perder a sensibilidade, mesmo que às vezes ela arranhe um pouco a alma. Porque sem ela não poderia sentir a mim mesma...” Clarice Lispector.

Essa pesquisa se propôs a evidenciar as relações que são devires nas praças do bairro Petrópolis a partir de suas singularidades e diversidades. Em conjunto aos conceitos inerentes ao tema proposto, a virtualidade das praças foi transparecendo ao caminhar pelas ruas e praças do bairro, já reconhecido pela bela paisagem de árvores frondosas.

A complexidade de elaborar a pesquisa e ampliar as discussões sobre ecologia a partir das praças consistiu em articular elementos sociais, ambientais, tecnológicos, funcionais e estéticos, suas diferenças e conflitos, tornando o processo projetual mais aberto, flexível e democrático.

Sendo assim, nas práticas de visita e deambulação através da integração de um conjunto de indicações e pistas, no edificado e na história, destacaram-se na pesquisa, as áreas verdes, as pessoas, as áreas de descanso, de jogar e brincar, incluindo as reflexões de autores, procurando induzir e provocar a vontade de percorrer a área de estudo, em busca de novos públicos.

Nesta perspectiva de interagir com o lugar da praça foram muitos os questionamentos sobre cidadania, preservação e biodiversidade das áreas verdes no contexto urbano. Para tanto, foi de fundamental importância o conhecimento das estruturas política, cultural e socioeconômica que definem as praças a fim de estabelecer a interlocução entre as diferentes áreas de conhecimento.

E, foi numa abordagem contemplativa que se revelou a possibilidade de reflexão e construção de narrativas de um imaginário social, na tentativa de enaltecer a relação entre as pessoas e o lugar da praça, assim como a beleza da flora e fauna. Os atuais problemas ambientais indicam que precisam ser revistas às responsabilidades coletivas perante a natureza (HARVEY, 2015) e refletir sobre preservação de um espaço público através da etnografia e de cenários futuros, ampliam as discussões sobre planejamento urbano e áreas verdes.

A infraestrutura verde tem uma nova visão de cidade sustentável, com o embelezamento da área urbana, arborização e áreas verdes que promovem sombra, abrigo e alimento para fauna, assim como o equilíbrio estético entre a escala humana e as construções arquitetônicas. Porém, isto implica na preservação das praças em estudo, que precisam ser ativamente protegidas, mantidas e, em alguns casos, restauradas.

Aludindo-se à morfologia do território, enfatizaram-se as praças, o seu entorno, assim como a articulação com o tecido urbano, explorando elementos singulares do lugar, numa maneira de expressar as multiplicidades. É nesse movimento contínuo de possíveis conexões entre espaços públicos que se insere o conceito de rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995).

Ao buscar a diversidade nas praças e ouvir as histórias das pessoas resguardaram-se seus desejos e suas inquietudes e assim se obteve veracidade de conteúdo. A etnografia abriu espaço para investigação das formas de vida social apontando assim, para uma reflexão da situação presente, explicitando essa realidade e suas contradições através de cenários.

Através da etnografia permitiu-se abrir ao saber perceptivo, assim como ao diálogo com sentimentos, emoções e afetos dos pertencentes ao lugar e suas experiências nas praças, determinante para interpretar o processo de construção de conhecimento na produção dos cenários. Nesta abordagem, os cenários foram meios nos quais a pesquisa se apoiou e fez pensar, operando antecipadamente a resolução de problemas, em um processo aberto, possibilitando uma maneira de refletir dentro da própria ação conforme a metodologia propõe.

Nessa premissa, operou-se sobre a realidade de maneira flexível sem reduzir as alternativas de projeto, nem tampouco simplificar a complexidade deste espaço urbano. Através da dialética, motivadora de mudança, à pesquisa ampliou o domínio do pertencimento de uma comunidade urbana, expressando as diferenças e conflitos da coletividade e da interação homem e o meio ambiente através dos cenários futuros. A participação na vida coletiva da população foi elemento fundamental para a configuração mais verossímil dos possíveis cenários futuros das praças.

O objetivo geral da pesquisa foi de ampliar a compreensão do significado da praça dentro do contexto de supermodernidade e urbanização crescente a

partir da diversidade e dialética do lugar a fim de qualificar e preservar esse espaço público.

Com isso, evidenciaram-se a interação e a motivação das pessoas com o lugar antropológico das praças, os novos vínculos de cidadania, onde as pessoas se dispuseram a refletir sobre restauração ecológica e sustentabilidade em ambientes urbanos.

A pesquisa demonstrou que as praças são lugares repletos de memórias e multiplicação de referências imaginárias por entre as concentrações urbanas. Afirmando assim, a hipótese de que diversidade e dialética estão presentes nas praças do bairro, potencializando o lugar para uma reflexão sobre preservação e biodiversidade, no meio urbano, de modo democrático.

Assim, revelaram-se questionamentos e reflexões sobre a virtualidade da praça como espaço público, demonstrados no envolvimento afetivo, identitário e antropológico, assim como nos não lugares de Marc Augé (1994), presentes em situações de solidão e individualismo.

Conciliaram-se também, cidadania e meio ambiente com respeito à diversidade, demonstrando através dos inúmeros públicos os significados orientadores e dinamizadores dos possíveis cenários futuros.

Nos cenários futuros enfatizou-se o olhar criativo nas possibilidades de transformação da realidade urbana das praças com as sobreposições de imagens contraditórias e conflitivas que expressam as diferenças identitárias.

Dentro da temática de ecologia urbana as praças problematizaram a atuação da cidadania ativa e consciência de pertencimento e preservação deste espaço público. Retomando o autor François Ascher (2010) o desafio da democracia consiste em se aproximar de uma solidariedade “reflexiva”, ou seja, uma consciência de pertencimento a sistemas de interesse coletivo.

A cidade de Porto Alegre contempla 667 praças, o que evidencia a relevância de sensibilizar os cidadãos para unir forças da comunidade, órgãos públicos, particulares e colaboração interdisciplinar em prol da conservação e manutenção deste espaço público.

É fato que a proximidade das pessoas com áreas verdes promove bem estar, gerando qualidade de vida na cidade. Para tanto, a importância do debate sobre cenários futuros e os impactos causados por ações comprometedoras da ambiência urbana, a fim de que sejam menores os danos

gerados as gerações futuras.

São resultados gerados na expectativa de enaltecer a natureza, evidenciando sua virtualidade de completude do ser humano e sua essência.

Espera-se que essa pesquisa se constitua como um rizoma, e inspire outros pesquisadores a iniciar outra narrativa, contar outra história e ir além do inusitado. A partir das mudanças nas relações sociais de proximidade (ASCHER, 2010), outros cenários futuros das praças poderão ser propostos dentro deste contexto de supermodernidade e intensa mobilidade das pessoas, das informações e dos bens. Seria bem vindo diferentes propostas de workshops com a comunidade visando aprofundar as discussões sobre o tema da preservação de praças, assim como interpretações dos cenários futuros.

Assim sendo, pode-se concluir que mesmo com a expansão do fenômeno urbano, há espaço para desenvolver soluções criativas, conciliadoras, integradas à especificidade geográfica, histórica e cultural das praças do bairro, ressaltando o bom senso, a estética e o cuidado com a natureza tão essencial à vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N., **História da Filosofia**. Lisboa, Editorial Presença, 1985.
- AHERN, J. **Green Infrastructure for Cities: The Spatial Dimension**. In: **Cities of the Future – Towards Integrated Sustainable Water Landscape Mangement**, (orgs.) Novotny, V. e Brown, P. IWA Publishing, London, 2007. pp. 267-283.
- ALEX, S. **Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Senac, São Paulo, 2011.
- ALVES, F. B. **Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano. Proposta Metodológica**; Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- AMORIM, M. C. C. T. **Análise ambiental e qualidade de vida na cidade de Presidente Prudente/SP**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1993.
- AMORIM, M. C. C. T. Caracterização das áreas verdes em Presidente Prudente/SP. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média. Presidente Prudente**: [s. n.], 2001 p. 37-52.
- ANDRADE, C. D. "A paixão medida". **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- ANGEOLETTO, F.; SILVA, F. F.; ALBERTIN, R. M. El Planeta Ciudad y La Ecología de los Ecosistemas Urbanos. **R. Inter. Interdisc**. INTERthesis, Florianópolis, v.12, n.2, p.141- 155, Jul-Dez. 2015.
- ANTUNES, P. **Gestão Sustentável de Espaços Públicos – Guia Metodológico**. Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Caparica, 2009.
- ARENDT, H. **A Condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- ARGAN, G. C. **A história da cidade como história da arte**. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.
- ASCHER, F. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

- AUGÉ, M. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da Supermodernidade. Trad. Maria L. Pereira. Campinas, SP; Papirus, 1994.
- AUMONT, J. **A Imagem**. Campinas, SP: Papirus, 2016.
- ÁVILA, L. **Histórico Petrópolis**. Disponível em: <<http://www.nosbairros.com.br/petropolis.htm>>. Acesso em 17 abril 2018.
- BACHELAR, G. **A poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo** Lisboa: Edições 70. 1977.
- BENEDICT, M. A.; McMAHON T. **Green Infrastructure**: Linking Landscapes and Communities. Washington, DC; Island Press, 2009.
- BENEDICT, M. A.; MCMANON, Edward T. Green Infrastructure: Smart Conservation for the 21st Century. *Renewable Resources Journal*, Volume 20, Number3, Autumn 2002a, Pages12 –17.
- BENJAMIN, W. **A Modernidade e os Modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- BORJA, J.; MUXI, Z. **El Espacio Público : Ciudad y Ciudadania**. Barcelona: Electa, 2001.
- BORJA, J. Espaço público, condição da cidade democrática. A criação de um lugar de intercâmbio. **Arquitextos**, São Paulo, ano 6, n. 072.03, maio 2006. Disponível em: Acesso em: 15 abr. 2018.
- BRANDÃO, P. **A identidade dos lugares e a sua representação colectiva**. Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público. Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Lisboa. 2008.
- CABRAL, M. A. **Singularidades da comunicação visual urbana no território** investigação aplicada ao centro histórico de vila nova de Gaia. Tese. Faculdade de Belas Artes. Universidade do Porto, 2017.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CARAPINHA, A. O jardim da fundação Calouste Gulbenkian: a poética da materialidade e da temporalidade. **Revista Philosophica**. nº29, Abril, 2007.
- CARBÓ-RAMÍREZ, P. & ZURIA, I. **The value of small urban greenspaces for birds in a Mexican city**. *Landscape and Urban Planning*, 2011.
- CARLOS, A. F. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CATRO, de. I.E., GOMES, P.C. da C., CORRÊA, R. L.(org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 15-47.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAULA, S.; HVENEGAARD, G.; T. & MARTY, P. **The influence of bird information, attitudes, and demographics on public preferences toward urban green spaces: The case of Montpellier, France**. Urban Forestry and Urban Greening, 2009.

CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J.C; GUZZO, P.; ROCHA, Y.T. Proposição de terminologia para o verde urbano. **Boletim Informativo da SBAU** (Sociedade Brasileira de Arborização Urbana), Rio de Janeiro, ano VII, n. 3, 1999.

CAVEDON, N. R. **Antropologia para administradores**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CEIA, C. **Iniciação aos Mistérios da Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen**. Lisboa: VEGA, 1996.

CHRISTENSEN, N. L.; BARTUSKA, A. M.; BROWN, J. H.; CARPENTER, S.; D'ANTONIO, C.; FRANCIS, R.; FRANKLIN, J. F.; MACMAHON, J. A.; NOSS, R. F.; PARSONS, D. J.; PETERSON, C. H.; TURNER, M. G. & WOODMANSEE, R. G. The Report of the Ecological Society of America Committee on the Scientific Basis for Ecosystem Management. **Ecological Applications**, 6 (3), 665-691. 1996.

DAVID, M. O lugar da arte. O caso do projeto do Ministério da Educação e Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1935/1945. **Revistas Arquitextos**. 068.05 ano 06, jan. 2006.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELÉAGE, J. P. Uma ecologia-mundo. In: CASTRO, E. ; PINTO, F. (Orgs.). **Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejup; UFPA-NAEA, 1997. p. 23-52.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: editora 34, 1995. Vol. 1.

DIZERÓ, J.D. **Praças no interior paulista: estudos de caso nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP**. Dissertação (Mestrado) PUC/Campinas, Campinas, 2006.

- DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 2. ed. Trad. de M. Appenzeller. Campinas, S.P.: Papirus, 1998.
- FARR, D. **Sustainable Urbanism – Urban design with nature**. John Wiley & Sons, Inc. Hoboken, NJ, 2008.
- FERNÁNDEZ-JURICIC, E., & JOKIMÄKI, J. **A habitat island approach to Conserving birds in urban landscapes: Case studies from southern and Northern Europe**. Biodiversity and Conservation, 2001.
- FERNANDES, R. C. **Privado porém público: o terceiro setor na América Latina**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.
- FIORILLO, C. A. P., **Estatuto da Cidade Comentado: lei 10.257/2001: lei do meio ambiente artificial**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais: 2002.
- FRANCO, M. A. R. Infraestrutura Verde em São Paulo - O Caso do Corredor Verde Ibirapuera-Villa Lobos. **Rev. Labverde**, São Paulo, v.1, n.1, p.134-155, 2010.
- FERRARA, L. D. **A cidade como modo de vida para além da imagem**. Cultura e Consumo: estilos de vida na contemporaneidade. São Paulo: Senac, 2008.
- FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de Lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território** v.5, 2009.
- FERRY, L. **A Nova Ordem Ecológica**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- FIORILLO, C. A. P. **Estatuto da Cidade Comentado: lei 10.257/2001: lei do meio ambiente artificial**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais: 2002.
- FONT, M. **A praça em movimento: processos de transformações morfológicas e funcionais no Brasil do século XX**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- FOUCAULT, M. Outros espaços In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GHEL, I.; GEMZØE, L.; KIRKNAES, S.; EKLAND, B. **New City Life**. The Danish Architectural Press. 2006.
- GOMES, P. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

- HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- HERZOG, C. P. **Guaratiba Verde: subsídios para o projeto de infraestrutura verde em área de expansão urbana na cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo/PROURB, Rio de Janeiro, 2009.
- HOFMAN, I. Não-lugares, o que é? **Blog Arché & Esquizo**. Vitória, Espírito Santo,(UFES), dez.2011. Disponível em: <<http://esquizoestetica.blogspot.com.br/2011/12/nao-lugares-o-que-e.html>>. Acesso em: 21 abril 2018.
- HOWKINS, J. **The Creative Economy**. Canadá: Kobo editions, 2013.
- INWOOD, M. **Dicionário Hegel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- IPIRANGA, A. S. R. **IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. Porto Alegre, 2016.
- JORDAN III, W. R. Ecologia da Restauração: reflexões sobre uma experiência de meio século no arboreto. In: WILSON, E. O. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. pp. 399-406.
- KÖHLER, M.; CORRÊA, A. C.; BRACK, P. **Cartilha das frutas Nativas de Porto Alegre**, Porto Alegre: Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais, 2013.
- KOSSOY, B. **Fotografia & História**. São Paulo: Atelier Editorial, 2009.
- LANGER, S., L. Sentimento e forma. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 1980. p. 439.
- LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense,1988.
- LAURIE, M. Ecology and Aesthetics, em **Places**, 6 (1), Nova York, Design History Foudations, outono de 1989, pp. 48-51.
- LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Nebli, 2016.
- LEFF, E. La ecología política em América Latina: un campo em construcción. In: ALIMONDA, H. (Org.). **Los Tormentos de La Materia**: aportes para uma ecología política latinoamericana. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales, 2006b. p. 21-39.
- LEFF, H. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade,Poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

- LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. Guarapuava: **Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais**. Guarapuava, v. 1, n. 1, 2003.
- LOUV, R. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.
- LOVELOCK, J. **Gaia: Alerta Final**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LYNCH, K. **Good City Form**. Cambridge: The MIT Press, 1981.
- MALENGREAU, R. **Inclusion in a Divided City: The Role of the UPP in Rio de Janeiro's Favelas**. Dissertação mestrado, Universidade de Oxford. Oxford: Reino Unido, 2013.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os pensadores, v. XLII).
- MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. São Paulo: Vozes, p. 75-104, 2000.
- MARICATO, E. ; TANAKA, G., O planejamento urbano e a questão fundiária. **Ciência Hoje**, v.38, p.16-23, 2006.
- MARX, M. **Cidade Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1980.
- MILLER, J. R. **Biodiversity conservation and the extinction of experience**. Trends in Ecology and Evolution, 2005.
- MONTANER, J. M. **A modernidade superada**. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S. A., 2001.
- MOUTINHO, M. Cenários e Visão de Futuro. In: ANDRADE, A. **Pensamento Sistêmico: caderno de campo**. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- PARENTE, A. Pensar em rede. Do livro às redes de comunicação. **Revista brasileira de ciências da comunicação**. v. 23, n.1. Rio de Janeiro, 2000.
- PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. **PontoUrbe**, 2, fevereiro 2008.
- PIERRE, L. **Inteligência coletiva**. Para uma antropologia do ciberespaço. Loyola, 2007.
- PINKER, S. **The Village Effect**. Atlantic Books, London, 2014.
- PYLE, R. **The extinction of experience**. Horticulture, 1978.
- PRATT, M.; L. **Imperial eyes: travel writing and transculturation**. Londres: Routledge, 1992.

- QUEVEDO, M. A.; RIOS, R. L. F. **Petrópolis, Porto Alegre**: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2002 (Memória dos bairros, 13). Disponível em <<http://www.portoalegre.rs.gov.br>> Acesso em 17 abril 2018.
- RATTNER, H. Sustentabilidade - uma visão humanista. **Ambiente & Sociedade**. Ambient. soc. no.5 Campinas July/Dec. 1999.
- REYES, P. **Projeto por Cenários: o território em foco**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- ROBBA, F; MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- ROCHA, A. L.; ECKERT, C. **Etnografia de rua**: estudo de antropologia urbana. Revista Iluminuras, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9160/5258>>. Acesso em: 22 de novembro. 2018.
- RODRIGUES, A. M. Estatuto da Cidade: função social da cidade e da propriedade. Alguns aspectos sobre população urbana e espaço, **Cadernos Metrópole**, nº 12, pp. 9-25, 2º sem. 2004.
- RODRIGUES, E. **Ecologia da Restauração**. Londrina: Planta, 2013.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: USP, 2005.
- SILVA, A.; CHAIA, M., **Sociedade, cultura e política: ensaios críticos**. São Paulo: EDUC, 2003.
- SILVA, D.F.; TOSETTI, L. L. Valoração das árvores no Parque Ibirapuera – SP Importância da infraestrutura verde urbana. **Revista Labverde**, São Paulo– Laboratório Verde, FAUUSP- Out. 2010.
- SOBREYRAN, O. Apud: BERDOULAY, V. Ecologia Urbana, o Lugar e a Cidadania, **Revista Território**, Rio de Janeiro, a. 4, n. 7, p. 79- 92, 1999.
- SOUZA, L. B.; BARROSO; TEIXEIRA M. G. **Pesquisa etnográfica**: evolução e contribuição para a enfermagem. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 150-155, 2008. Disponível em: Acesso em: 17 nov. 2018.
- STANFORD J. A.; POOLE G. C. Protocol for Ecosystem Management. **Ecological Applications**. **Ecological Society of America**. Washington 6 (3) 1996, pp.741-744. August, 1996.

TAYLOR, A. F.; WILEY, A.; KUO, F.; SULLIVAN, W. "Growing Up in the Inner City: green Spaces as Places to Grow". **Environment and Behavior** 30, n.1 (1998): pp.191-205. (p.109).

TUAN, Y. F. (1983.). **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL. 1983.

VAINER, C. **Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

VASCONCELLOS, A. **Infraestrutura verde aplicada ao planejamento da ocupação urbana na bacia ambiental do Córrego D'Antas**, Nova Fraiburgo/RJ. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Engenharia Civil, 2011. 187 f. Disponível em: Acesso em: 15 nov. 2015.

VELHO, G. (Org.). **Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VIDAL, W. ; VIDAL, M. R. R. **Botânica organográfica: quadros sinóticos ilustrados de fanerógamos**. UFV, Viçosa, 4ªEd. 2006.

WILKOSZYNSKI, A. C. **A dialética das imagens e o projeto por cenários: uma articulação teórico-metodológica**. Tese de doutorado, 2018.

ZUCKER, P. **Town and Square: From the Agora to the Village Green**. New York: Columbia University Press, 1959.

ZUKIN, S. apud Heitor Frugoli Jr., **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez/Edusp, 2000.p.25.

\_\_\_\_\_ La insoportable levedad de la globalización: la capitalización de la naturaleza y las estrategias fatales de la sustentabilidad. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**, v. 7, n. 1, p. 149-160, 2001.

\_\_\_\_\_ **Território e Sociedade**. 2ª. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

\_\_\_\_\_ **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Trad. Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

Site PMPA e Blog Parque Araribóia  
<<http://parquearariboia.blogspot.com/2008/11/histria-do-parque.html>>

Acesso em 30/08/18.

Site: <http://www.placemaking.org.br/home/wp-content/uploads/2015/03/Guia-do-Espa%C3%A7o-P%C3%ABlico1.pdf> Acesso em 15/09/18.

Site: <https://www.archdaily.com.br/br/870258/como-construir-lugares-para-melhorar-a-saude-mental-dos-habitantes> Acesso em 15/09/18.

Site: <http://www.inteligenciascolectivas.org/espacio-bilbaocommons/> Acesso em 20/09/18.

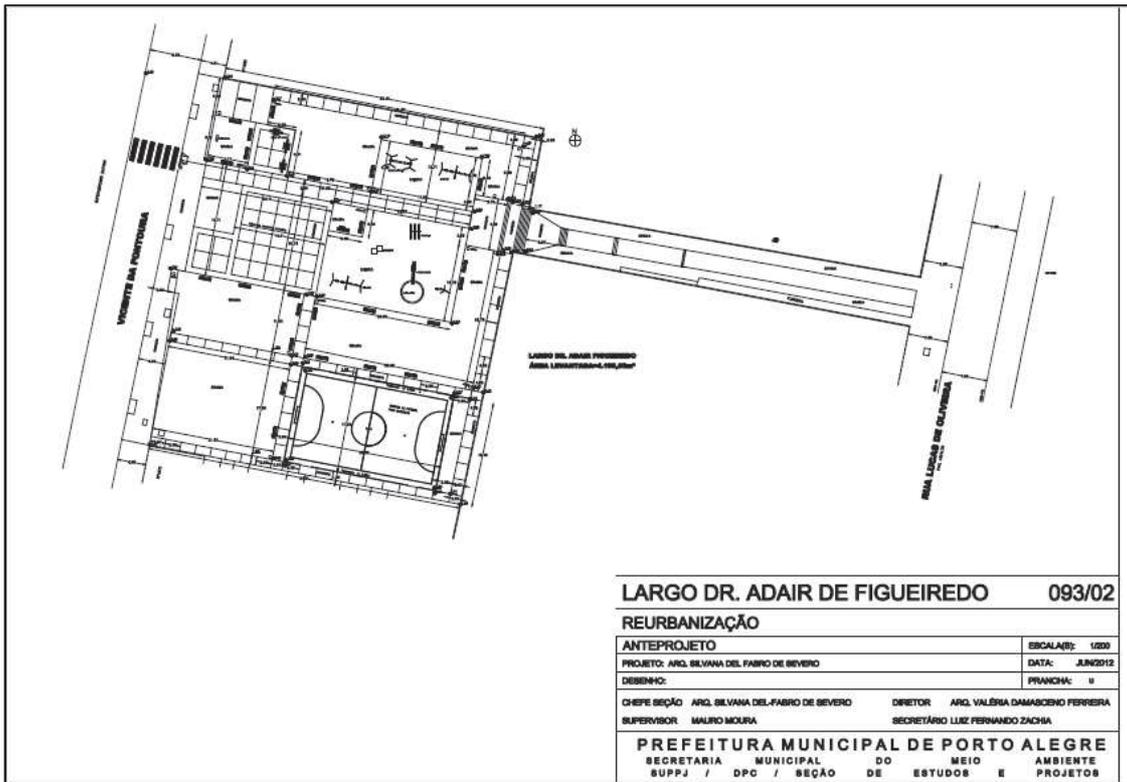
Site: [Jornal do Comércio \(https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/2017/09/cadernos/empresas\\_e\\_negocios/586742-petropolis-vive-cultura-amizade-e-preservacao.html\)](https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/2017/09/cadernos/empresas_e_negocios/586742-petropolis-vive-cultura-amizade-e-preservacao.html) Acesso em 19/08/18.

Página do Centro Regional de Informação das Nações Unidas, 2018 <<https://www.unric.org/pt/actualidade/31537-relatorio-da-onu-mostra>>. Acesso em: 21 abril 2018.

## ANEXOS

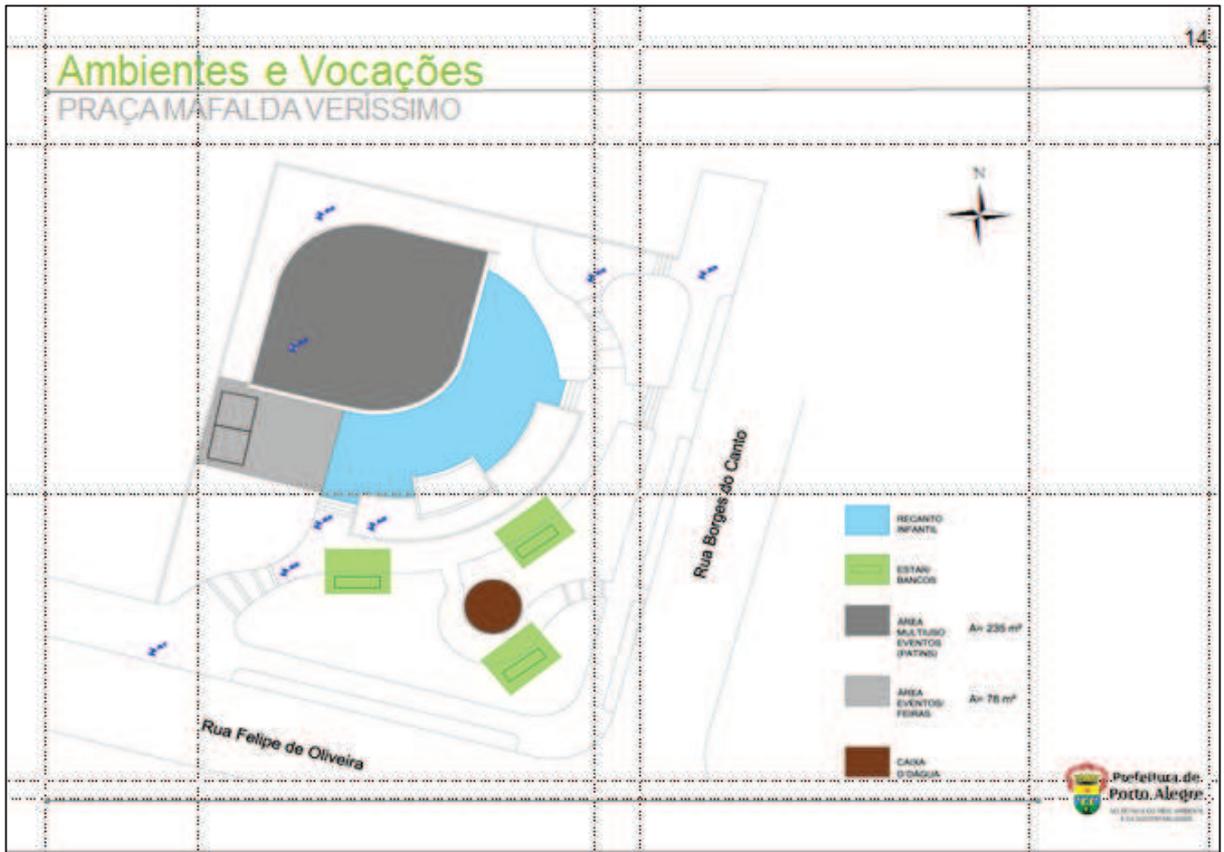
## ANEXO AA - Plantas baixas das Praças

## 1-PRAÇA LARGO ADAIR DE FIGUEIREDO





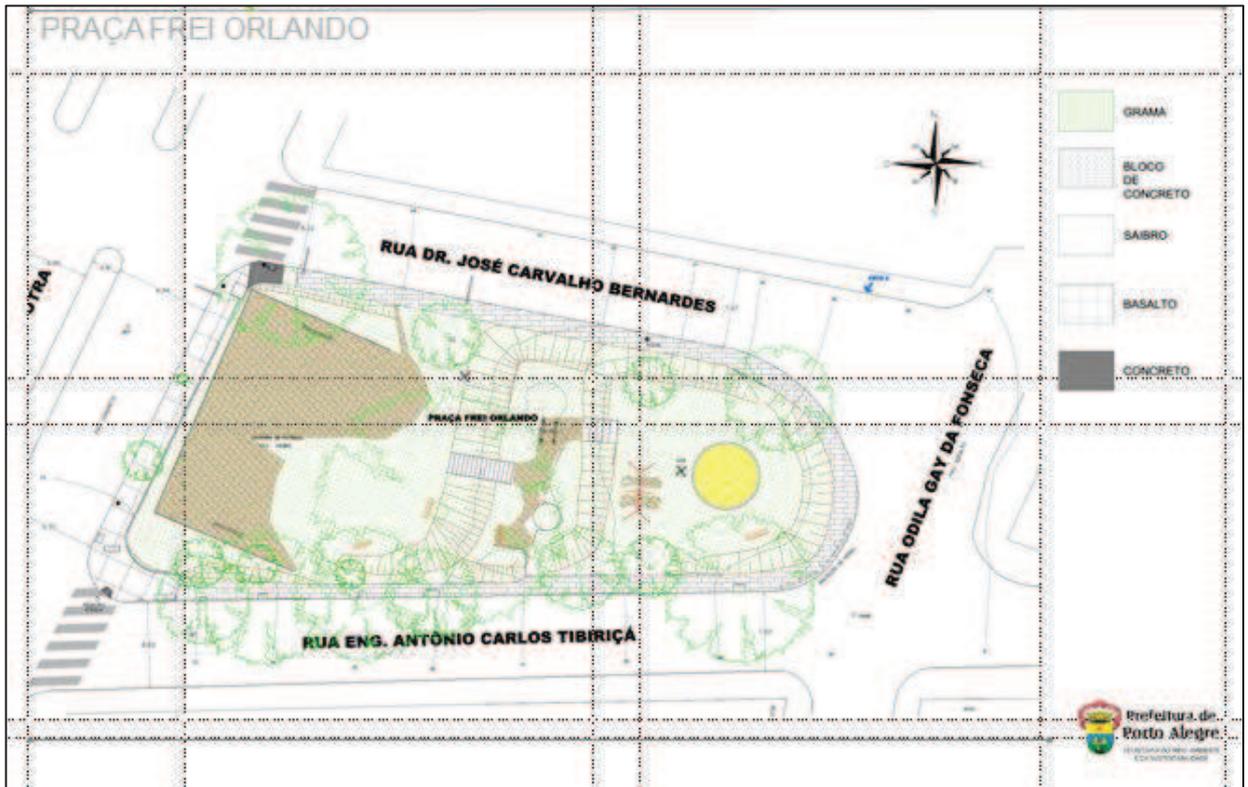
### 3- PRAÇA MAFALDA VERÍSSIMO



#### 4- PRAÇA ARARIBÓIA



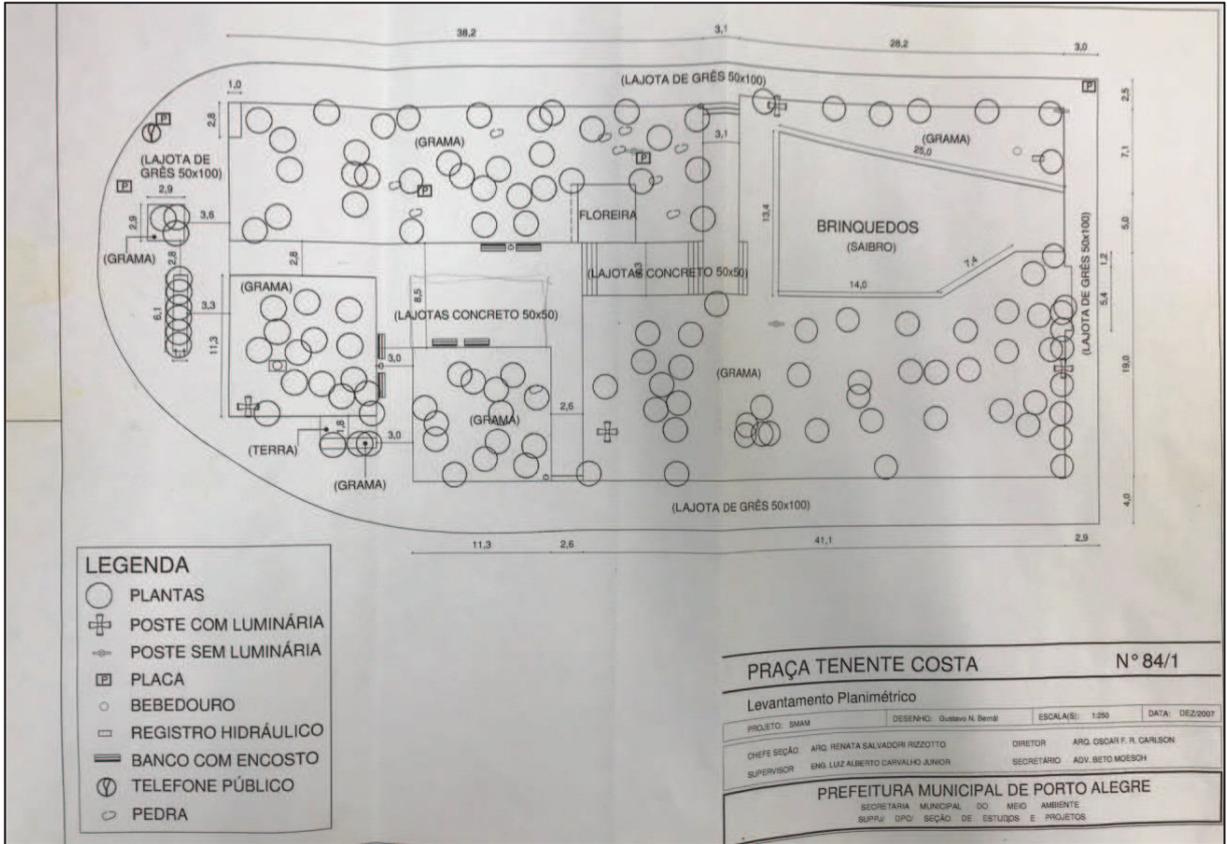
## 5-PRAÇA FREI ORLANDO



### 6-PRAÇA CÔNEGO ALFREDO ODY



### 7-PRAÇA TENENTE COSTA



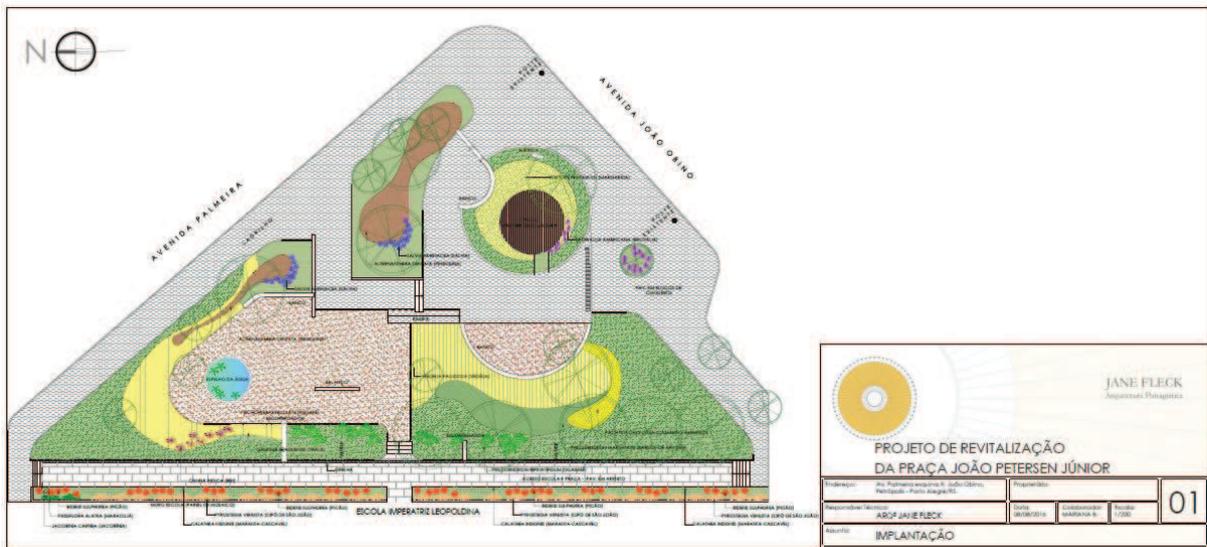
# 8-PRAÇA TAMANDARÉ



# 9-PRAÇA MILTON KRAUSE

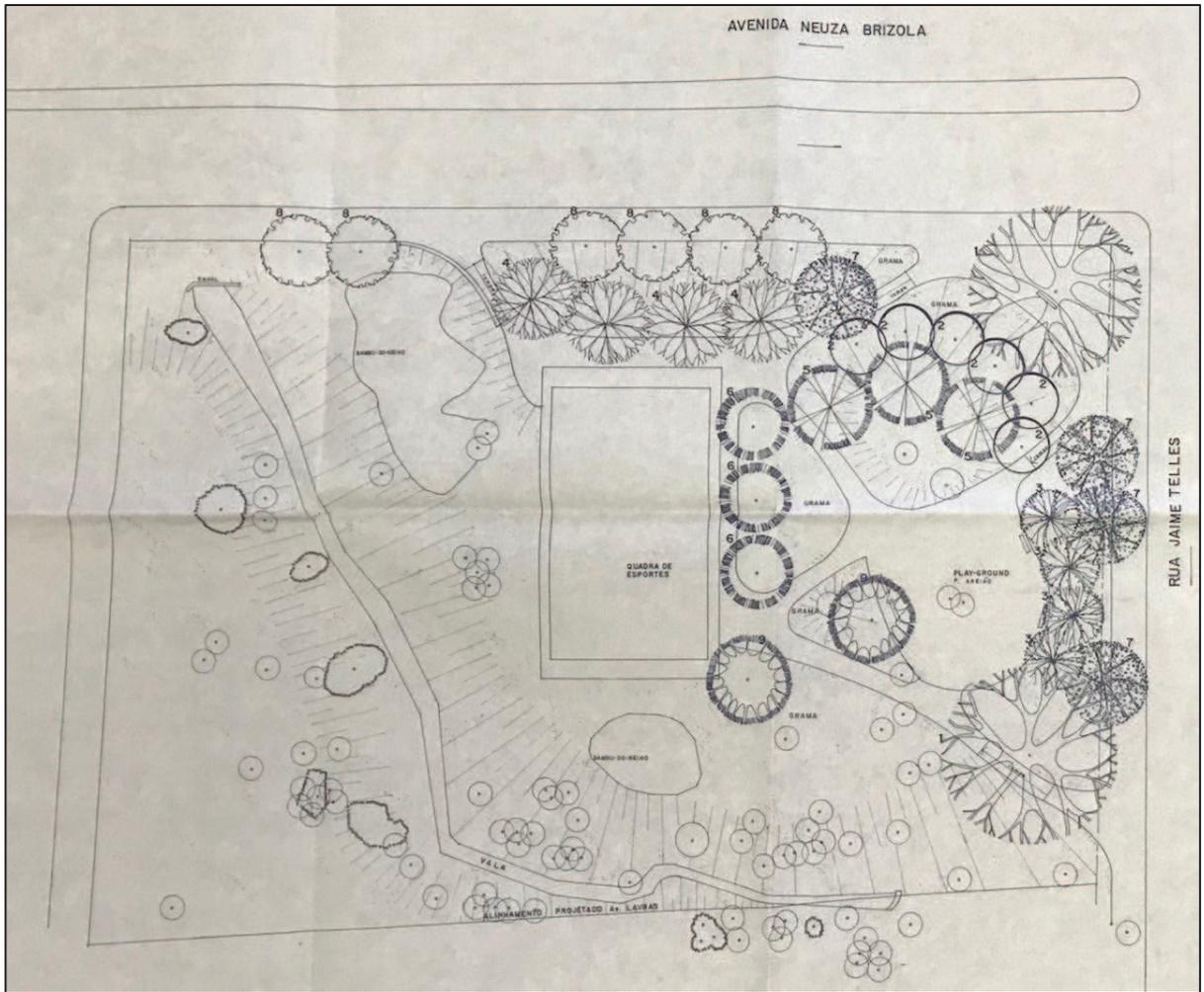


# 10-PRAÇA JOÃO PETERSEN JUNIOR





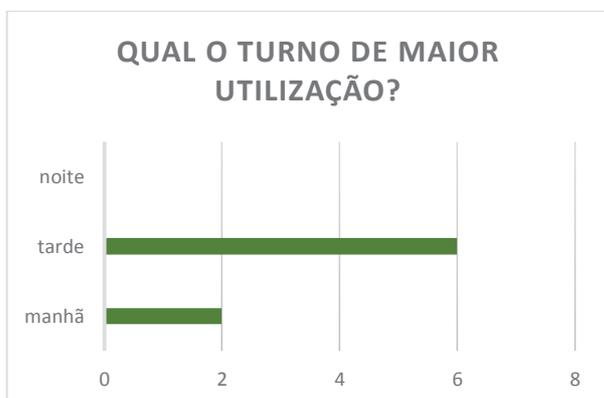
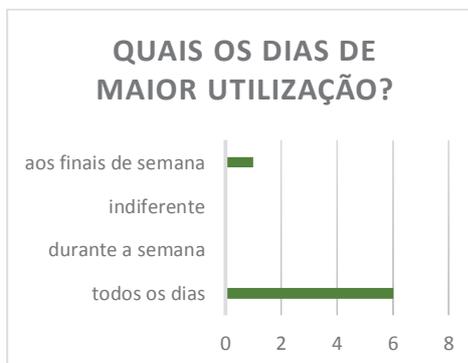
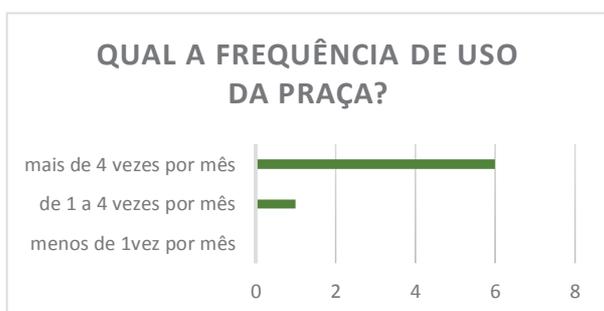
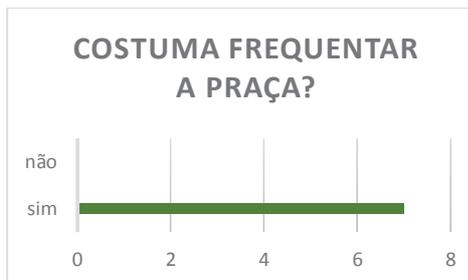
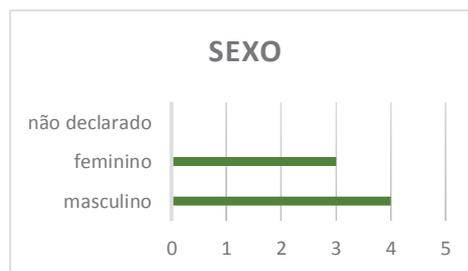
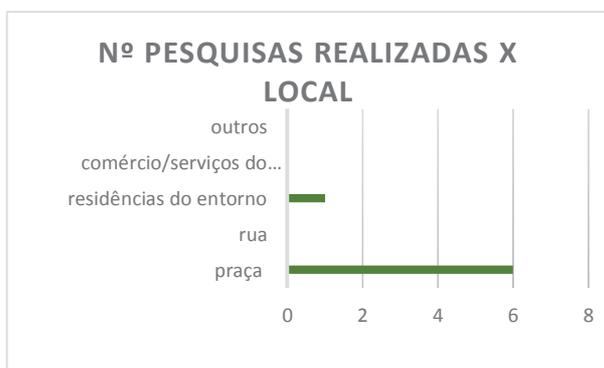
# 12-PRAÇA ANDRÉ FOSTER



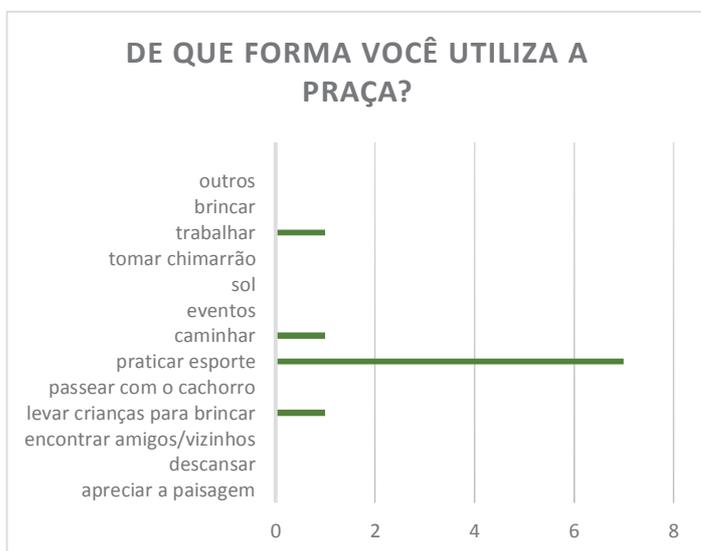
## ANEXO AB - Pesquisas realizadas com a comunidade nas Praças.



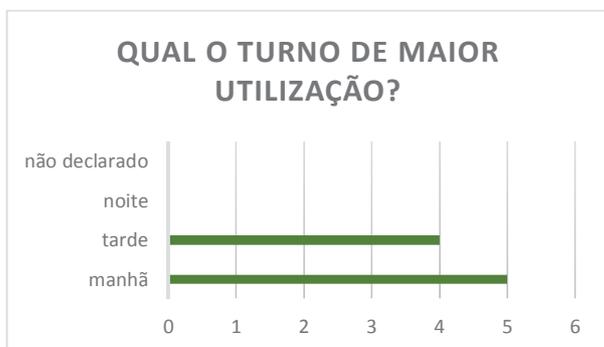
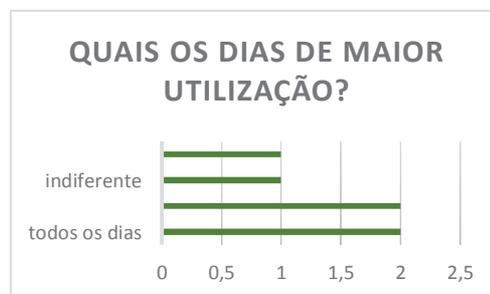
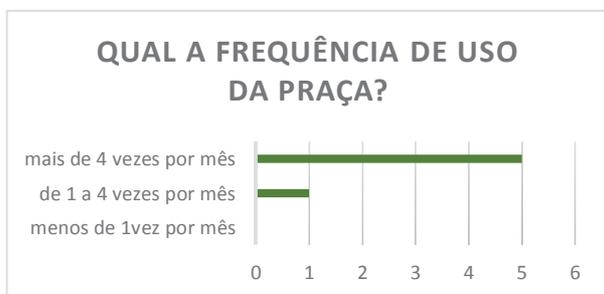
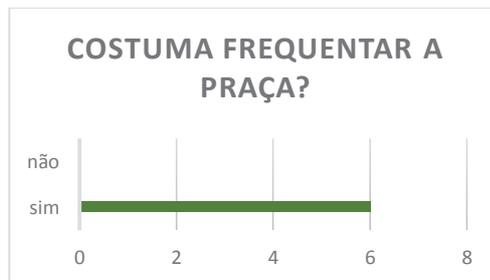
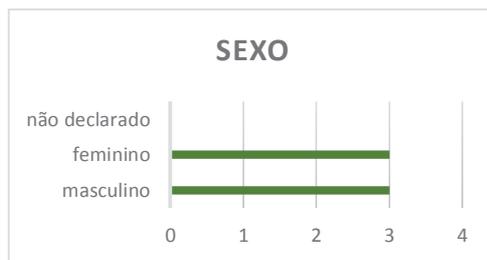
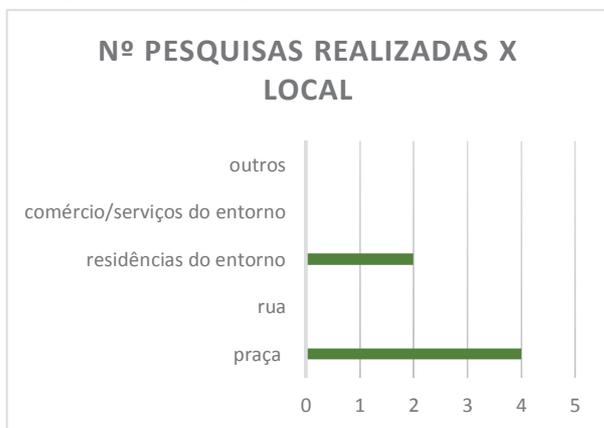
## Praça Ararigóia - Pesquisa realizada 27/08/2018



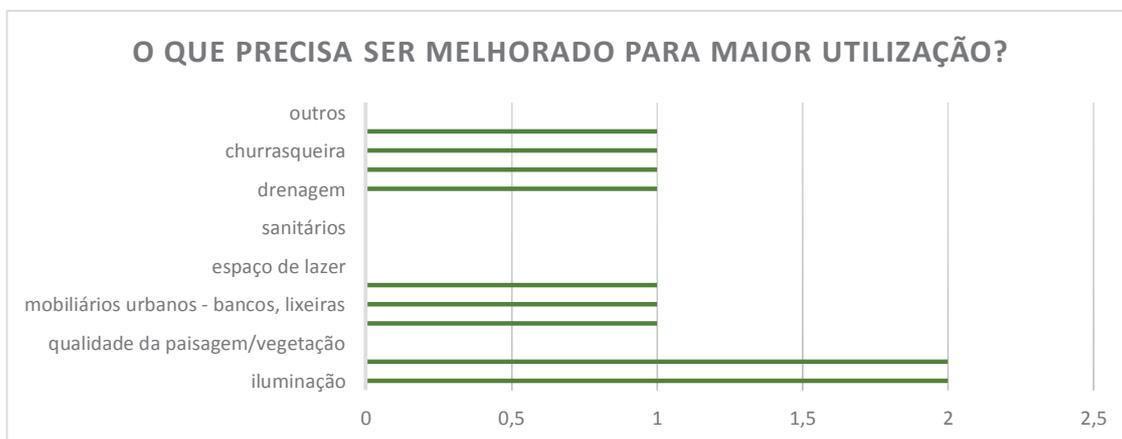
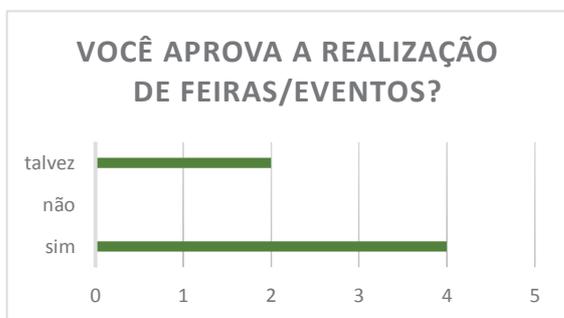
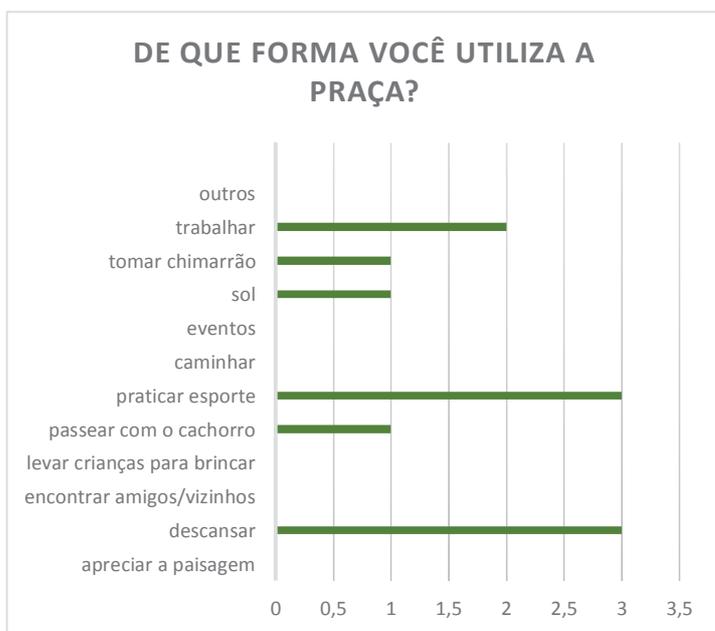
## Praça Ararigóia - Pesquisa realizada 27/08/2018



## Praça Breno Vignoli - Pesquisa realizada 31/07/2018

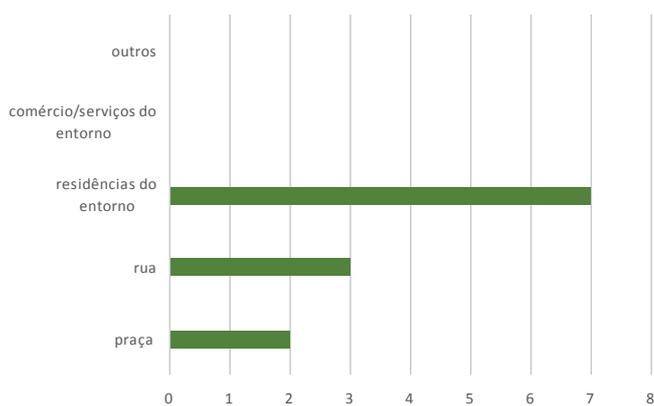


## Praça Breno Vignoli - Pesquisa realizada 31/07/2018

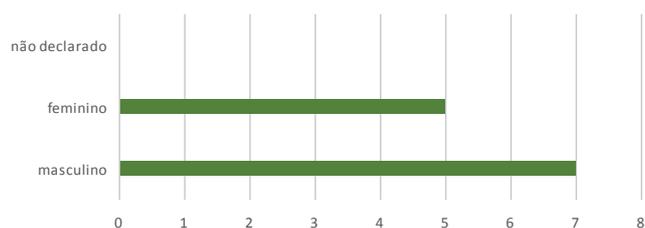


## Praça Frei Orlando - Pesquisa realizada 10/10/2018

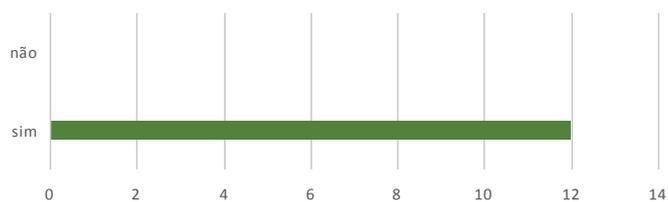
Nº pesquisas realizadas X local



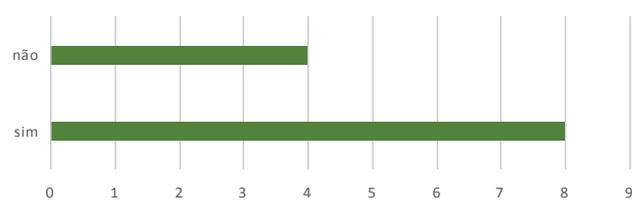
Sexo



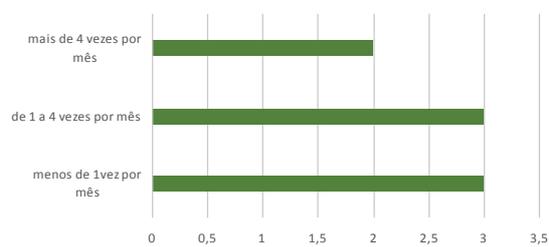
É morador do entorno?



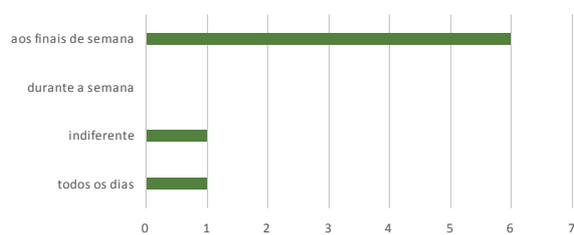
Costuma frequentar a Praça?



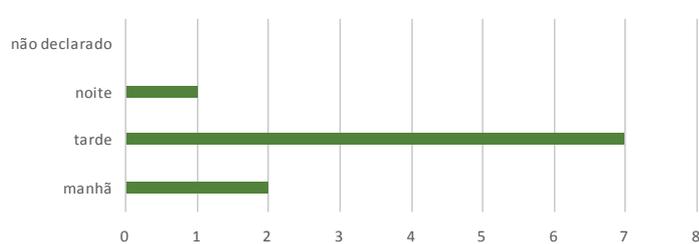
Qual a frequência de uso da Praça?



Quais os dias de maior utilização?

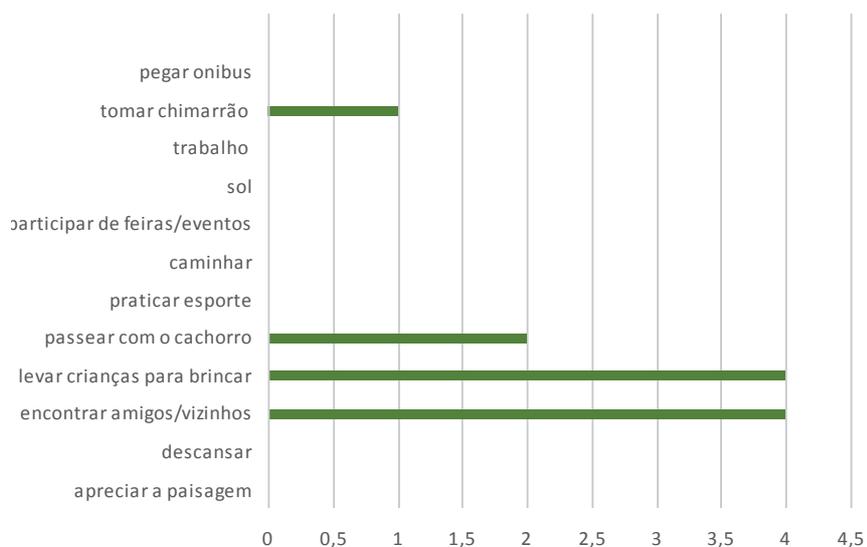


Qual o turno de maior utilização?

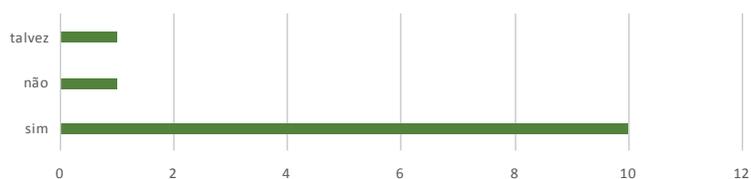


## Praça Frei Orlando - Pesquisa realizada 10/10/2018

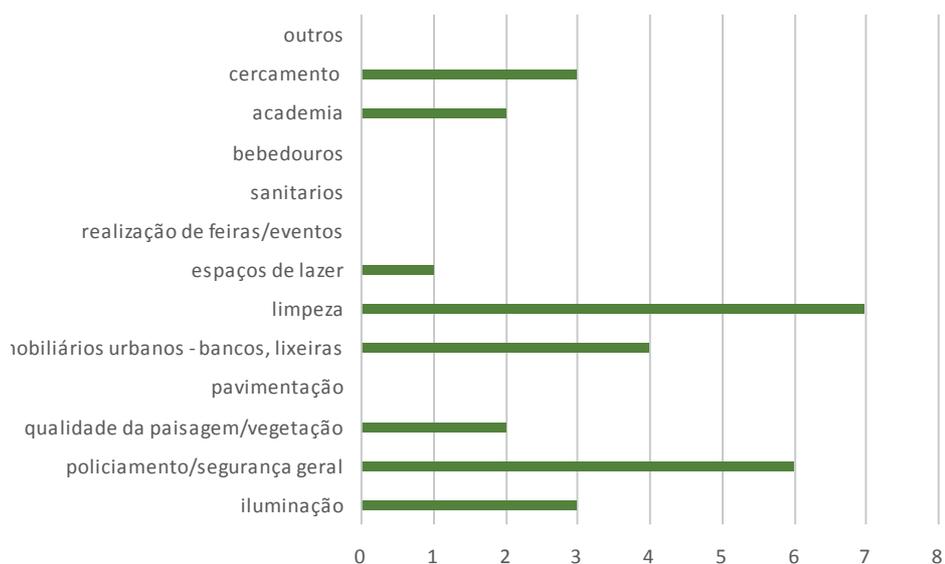
### De que forma você utiliza a praça?



### Você aprova a realização de feiras/eventos?

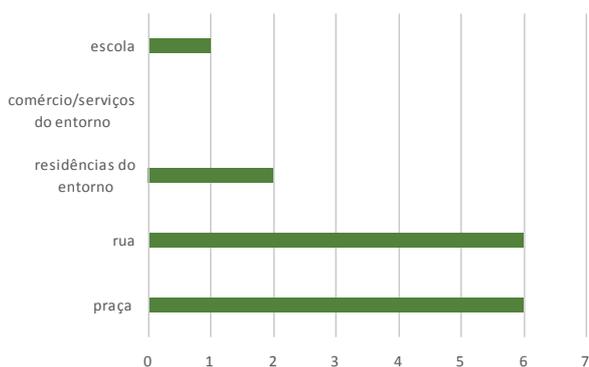


### O que precisa ser melhorado para maior utilização?

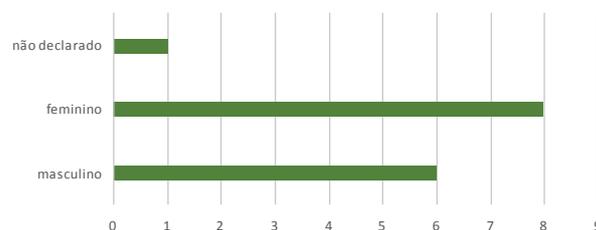


## Praça Mafalda Veríssimo - Pesquisa realizada 10/10/2018

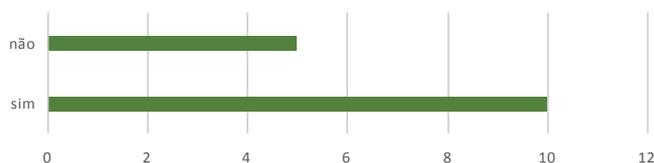
Nº pesquisas realizadas X local



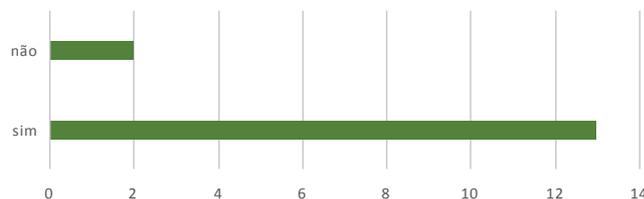
Sexo



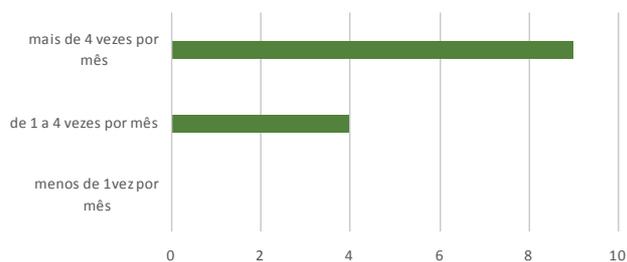
É morador do entorno?



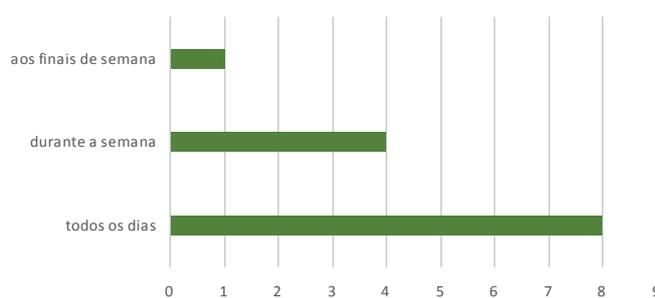
Costuma frequentar a Praça?



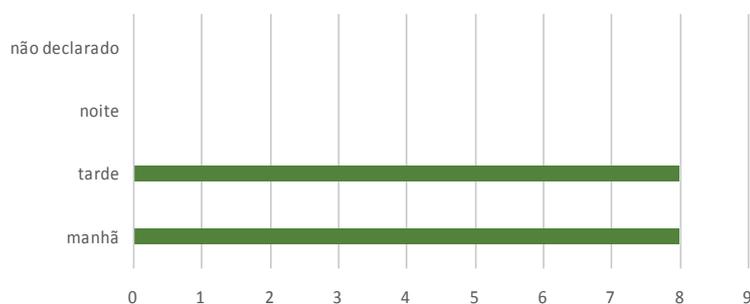
Qual a frequência de uso da Praça?



Quais os dias de maior utilização?

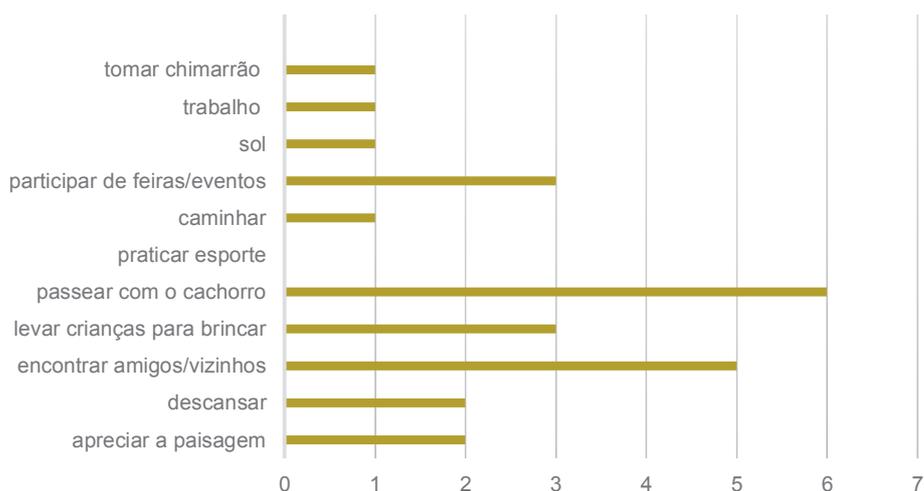


Qual o turno de maior utilização?

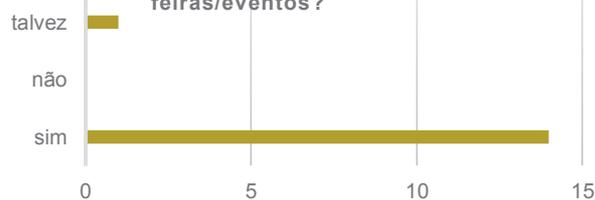


## Praça Mafalda Veríssimo - Pesquisa realizada 10/10/2018

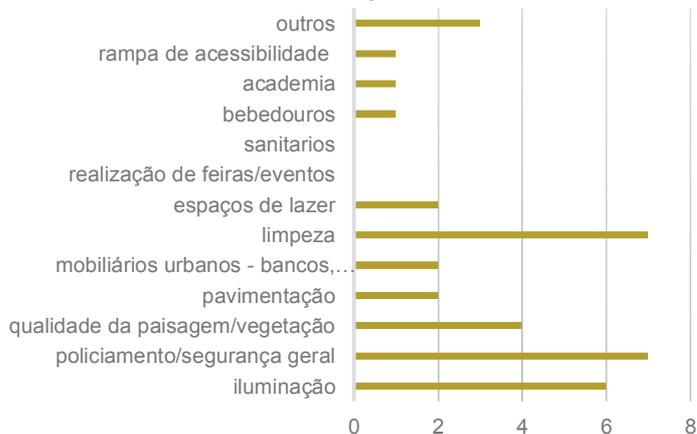
De que forma você utiliza a praça?



Você aprova a realização de feiras/eventos?



O que precisa ser melhorado para maior utilização?



## ANEXO AC - QUESTIONÁRIO ADOTADO NAS ENTREVISTAS



Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Dia da semana: ( )seg ( )ter ( )qua ( )qui ( )sex ( )sáb ( )dom  
 Turno: ( ) manhã ( ) tarde  
 Local aplicação: ( ) praça ( ) rua ( ) residências do entorno ( ) comércio/serviços do entorno  
 ( ) outro (especifique): \_\_\_\_\_  
 Faixa etária: ( ) 6-12anos ( ) 13-17anos ( ) 18-59anos ( ) 60 ou + anos  
 Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

- 1- É morador do entorno? ( ) sim ( ) não  
 2- Costuma frequentar a Praça? ( ) sim ( ) não  
 3- Se a resposta anterior for SIM, siga para a próxima pergunta. Se a resposta anterior for NÃO, cite o porquê:

\_\_\_\_\_

- 4- Com que frequência você utiliza essa Praça:

( ) menos de 1 vez por mês  
 ( ) de 1 a 4 vezes por mês  
 ( ) mais de 4 vezes por mês

- 5- Quais os dias da semana de maior utilização:

( ) Dias de semana ( ) Final de semana ( ) Indiferente ( ) Todos os dias

- 6- Qual o turno de utilização:

( ) manhã ( ) tarde ( ) noite

- 7- De que forma(s) você utiliza a praça:

( ) apreciar a paisagem ( ) descansar ( ) encontrar amigos/vizinhos  
 ( ) levar as crianças para brincar ( ) passear com o cachorro ( ) praticar esporte  
 ( ) caminhar ( ) participar de feiras/eventos ( ) tomar sol ( ) tomar chimarrão ( ) trabalhar  
 ( ) outros (especifique): \_\_\_\_\_

- 8- Você aprova a realização de eventos/feiras na praça?

( ) sim ( ) não Porque? \_\_\_\_\_

- 9- Na sua opinião, o que precisa ser melhorado na praça para que você a utilize mais:

( ) Iluminação  
 ( ) Policiamento/segurança em geral  
 ( ) Qualidade da paisagem/vegetação  
 ( ) Pavimentação  
 ( ) Mobiliários urbanos - bancos, lixeiras, placas de sinalização, dentre outros  
 ( ) Limpeza  
 ( ) Espaços de lazer – contemplativo/esportivo  
 ( ) Realização de feiras/eventos  
 ( ) Sanitários  
 ( ) Bebedouros  
 ( ) Outros (especifique): \_\_\_\_\_

- 10- Você gostaria de fazer algum outro comentário sobre a Praça?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_